

# TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA  
~~E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR~~

---

VOL. XIX — FASC. 3-4  
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)

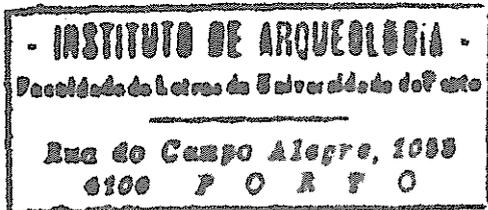
---



PORTO — 1964  
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências



17. ABR. 1988



# Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)

POR

Agostinho Farinha Isidoro

Assistente Ext. da Fac. de Ciências, Naturalista do Museu  
do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»  
e Bolsheiro do Instituto de Alta Cultura

Este trabalho assenta nos materiais colhidos em escavações feitas na gruta neo-eneolítica do Bugio, Sesimbra, pelos Srs. Rafael Monteiro, Dr. Eduardo da Cunha Serrão, Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior e por mim próprio.

A maior parte destes materiais, e a mais importante, encontra-se no Museu Municipal de Sesimbra, também chamado Museu do Castelo; a outra parte está depositada no Museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto.

Ao Sr. Mário Augusto Torres Águas, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, pelas facilidades que me concedeu no estudo dos materiais expostos no Museu do Castelo, quero, neste momento, apresentar os meus cumprimentos de agradecimento.

Para o Senhor Prof. Santos Júnior, meu Querido Mestre, que me acompanhou no estudo dos materiais existentes no Museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto e nos demais, vão também os meus melhores agradecimentos.

Um muito especial agradecimento cabe ao Sr. Rafael Monteiro, que, não só cedeu o material de explorações suas na referida gruta e o depositou no Instituto de Antropologia do Porto, como também gentilmente me ajudou na escavação a que procedi na gruta, com subsídio do referido Instituto.

Ao Sr. Dr. Eduardo da Cunha Serrão, director do Museu Municipal de Sesimbra, a quem comuniquei o desejo de estudar os ossos ali existentes, agradeço ter gentilmente accedido ao meu pedido.

Ao Instituto de Alta Cultura quero também manifestar o meu agradecimento pela bolsa concedida para o estudo do espólio da gruta de Sesimbra, estudo que nesta primeira fase é especialmente osteológico.

O espólio arqueológico, constituído por um lote de peças deveras importantes, bem merece ser cuidadosamente estudado.

Espero estudá-lo com a valiosa ajuda do Instituto de Alta Cultura.

Ao Senhor Prof. Doutor Manuel de Melo Adrião, ilustre Director do Instituto de Anatomia «Dr. Joaquim Pires de Lima» da Fac. de Medicina do Porto, testemunho os meus respeitosos agradecimentos, pela aceitação deste trabalho como dissertação de licenciatura em Medicina.

\*

\* \*

O estudo arqueológico da região de Sesimbra teve início no fim do século passado, pelo ilustre geólogo Carlos Ribeiro (1), o qual recolheu ali importantes materiais do período Paleolítico.

---

(1) Carlos Ribeiro, *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciários e quaternários das bacias do Tejo e do Sado*, Lisboa, 1871.

Mais tarde, Henri Breuil e G. Zbyszewski (1), estudaram mais pormenorizadamente as estações paleolíticas onde Carlos Ribeiro trabalhou e fizeram novas descobertas de materiais de diversos tipos de indústrias paleolíticas.

Nos últimos anos, a partir de 1956, foram descobertas, no concelho de Sesimbra, as grutas do Fumo, do Bugio, da Furada e da Fonte do Cavalo. Descobriram-se também no mesmo concelho dois velhos cemitérios; o do Casalão, que deve ser uma necrópole dos últimos tempos da idade do ferro, e o do Calhariz, possivelmente dos tempos lusitano-romanos.

Nas referidas grutas apareceu abundante material arqueológico, que foi estudado na sua maior parte por vários investigadores (2).

Neste trabalho proponho-me fazer o estudo do espólio ósseo humano da gruta do Bugio.

Num outro, que espero fazer posteriormente, ocupar-me-ei do estudo dos ossos humanos encontrados nas outras grutas e existentes no Museu Municipal de Sesimbra.

(1) H. Breuil et Georges Zbyszewski, *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal e de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, Tomo xxvi, Lisboa, 1945.

(2) Eduardo da Cunha Serrão, *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, separata do 1.º Vol. das Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1959, págs. 337 a 359, 2 figs. e 6 estampas.

— Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente, *Escavações em Sesimbra, Parede e Oelas — Métodos empregados*, separata do I Vol. das Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1959, págs. 317 a 335, 3 figs. e 4 estampas.

— Rafael Monteiro e Eduardo da Cunha Serrão, *Estação Isabel (Necrópole pré-histórica da Azóia)*, separata do I Vol. das Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1959, págs. 407 a 429, 4 figs. e 3 estampas.

— Eduardo da Cunha Serrão, *Alguns problemas arqueológicos da Região de Sesimbra*, separata de Arqueologia e História, 8.ª série das publicações, Vol. IX, Lisboa, 1962.

\*

Em nota que publiquei nos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fasc. 1, a páginas 69 e 70, intitulada *A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica da Azóia)*, referi a escavação sumária que ali realizei nos meados de Outubro de 1962, e que agora transcrevo:

«A Lapa do Bugio é uma pequena gruta natural com 9 m de comprimento por 5,5 de largura máxima, situada na freguesia de Azóia, no concelho de Sesimbra, entre a vila do mesmo nome e o Cabo Espichel. Fica sobranceira ao mar, quase no alto da falésia calcária, com um desnível dos seus 150 m.

Foi descoberta em 1957 pelo Sr. Rafael Monteiro, arqueólogo por vocação. Desde então extraiu dela um valioso espólio, constituído por muitos ossos humanos e alguns de animais, várias placas-ídolos, ídolos cilíndricos, contas, cerâmica, instrumentos de pedra, etc., conforme nos diz no trabalho que publicou em 1959 de colaboração com o Sr. Dr. Eduardo da Cunha Serrão (trabalho citado na pág. anterior).

Quase todo este material tem sido estudado, excepto os ossos que se encontram, na sua maioria, no Museu Municipal do Castelo de Sesimbra e uma pequena parte no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Faculdade de Ciências do Porto, cujo estudo já iniciei e espero prosseguir e ultimar.

Parece tratar-se duma gruta neo-eneolítica, dada a natureza dos achados e a ausência de metal.

Em meados de Outubro de 1962, com a dedicada colaboração e boa vontade do Sr. Rafael Monteiro e ainda devido à gentileza do Sr. Mário Augusto Torres Águas, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, pudemos fazer uma escavação sumária na referida gruta.

A gruta está aberta na rocha calcária e apresenta esboçadas algumas estalagmites e estalactites. A boca da entrada, pequena, voltada a sul, está fechada por uma grade de ferro, mandada ali colocar pela Câmara Municipal, para evitar que a gruta sofra o vandalismo dos curiosos e dos pesquisadores de tesouros, de que já foi vítima.

A entrada na gruta faz-se com certa dificuldade. Tem que se entrar às arrecuas.

Iniciámos a escavação na zona que fica do lado poente e um pouco adiante da entrada. Preparávamo-nos para, de acordo com os preceitos científicos, escavar por planos e medidas. Em breve, porém, notámos que toda a terra já tinha sofrido vários remeximentos. Uns mais recentes, demonstrados por uma pequena pá e uma pequena vassoura que ali encontrámos, e outros seguramente mais antigos, pois os elementos que constituíam o espólio apresentavam superfícies de fracturas antigas.

É abundante o material osteológico. Infelizmente são poucos os ossos íntegros. Uma ou outra clavícula, algumas vértebras e alguns ossos do pé e da mão. Ossos longos não recolhi nenhum inteiro; porções maiores ou menores, mas por via de regra, pequenas. Uns ossos apresentam superfícies de fractura de bordos ou arestas vivas, noutros os topos das fracturas estão como apodrecidos e são duma grande friabilidade. Encontrámos várias placas-ídolos, umas intactas, outras já fragmentadas, ídolos cilíndricos, facas de sílex, pontas de seta, várias contas e alguma cerâmica.

Uma escavação intempestiva feita por alunos duma escola secundária de Lisboa, os que certamente ali deixaram a pá e a vassoura a que já me referi, pode classificar-se com toda a propriedade de escavação.

Havia, pois, que remover e crivar a terra desordenadamente mexida e amontoada na parte média da gruta, local que, em parte

havia sido já escavado pelo Sr. Rafael Monteiro (Vd. fig. 2 do trabalho *Estação Isabel*, cit.) por zonas bem marcadas e por estratos.

Dessa forma se procuraria encontrar a assentada primitiva isenta de remeximentos.

Ao remover essa terra deparámos com dois núcleos de ossos humanos que nos poderiam fazer pensar em duas tumulações, se não fosse o estado de desordem e de fractura em que se encontravam os ossos, bem como a cerâmica e até as placas-ídolos.

Toda a gruta sofreu vários remeximentos, excepto talvez a parte que se encontra no recanto do lado oeste, local onde parece existir a primitiva entrada da gruta.

Importa fazer uma exploração cuidada da gruta e estudar no seu conjunto todo o ossuário humano e animal ali encontrado, para se poder avaliar o número aproximado de esqueletos humanos que ali foram depositados, suas idades, cronologia, suas particularidades, etc.

Em dois dias de trabalho, auxiliado pela colaboração dedicada e entusiástica do Sr. Rafael Monteiro e de dois auxiliares jornalheiros, só uma pequena parte da terra remexida, foi removida para o exterior e ali crivada. Há que escavar cautelosamente, sem pressas, com todo o cuidado, mesmo quando, como no caso presente, houve remeximentos anteriores.

Importa prosseguir e ultimar esta tarefa de limpeza, que levará alguns dias. Depois, encontrada a jazida primitiva e, talvez não revolvida, ao menos em remeximentos recentes, a escavação poderá fazer-se segundo a boa técnica. Espero poder fazê-lo na primeira oportunidade».

### O espólio osteológico humano

A maior porção e a mais importante deste espólio está, como disse, no Museu Municipal do Castelo de Sesimbra.

Outra parte, é constituída por alguns ossos que em Novembro de 1961, o Prof. Santos Júnior escavou na gruta, mais uma boa porção de ossos cedida pelo Sr. Rafael Monteiro e ainda pelos ossos que obtive da escavação sumária já referida. Esta parte encontra-se no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Pelo exame do espólio existente nos Museus de Sesimbra e do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» podemos dizer:

Os ossos são muito numerosos, mas estão muito fragmentados. São poucos os ossos inteiros. As superfícies de fractura são muito antigas, o que parece indicar velhos remeximentos, possivelmente devidos a inumações sucessivas.

Há ossos que se desfazem facilmente; outros estão petrificados.

Além de três crânios bastante completos, um hemicrânio e mais seis porções de crânios, apenas um ou outro osso longo e alguns ossos curtos puderam ser aproveitados para tirar medidas, e com elas determinar alguns índices.

A grande maioria dos ossos são de indivíduos adultos. Há também um número razoável de ossos de crianças e ainda vários ossos de animais (javali?).

Pelo número de mandíbulas inteiras e porções de mandíbulas, apurámos que o espólio deve ter sido de uns 20 indivíduos adultos. Pelo número de fragmentos de fémures de crianças averiguámos terem pertencido a umas 8 crianças.

É de crer, porém, que dada a enorme quantidade de ossos até agora recolhidos, o número de indivíduos seja muito maior. Mas o estado de fragmentação de muitos dos ossos é tão grande que não entro em consideração com esses para o cômputo dos indivíduos sepultados, daí o não me atrever a indicar um número maior de inumações.

Dou a seguir a resenha do material osteológico colhido, separando o dos adultos, do das crianças.

### Adultos

*Crânios*: 3 bastante completos, 1 hemicrânio e mais 6 pedaços de crânios. Destes últimos um é o crânio n.º 3 (I. A.), constituído pelo parietal direito, por uma pequena porção superior do parietal esquerdo, por um pouco mais que a parte direita e posterior do frontal e pelas porções superior e direita do occipital e quase todo o temporal direito; outro apresenta o parietal esquerdo e o frontal quase completo e a porção superior do parietal direito; outro está representado pelas partes superiores dos parietais e por quase todo o frontal; um outro é constituído pela parte inferior e direita do occipital, pela porção posterior do temporal direito e pela parte inferior do parietal direito; e um outro é constituído por uma porção do parietal esquerdo e pelo temporal direito muito robusto; ainda um outro é um maxilar superior com alguns alvéolos obliterados, possuindo 5 dentes (I<sup>1</sup>, C<sup>1</sup>, P<sup>1</sup>, P<sup>2</sup>, e M<sup>2</sup>) na porção direita e um dente (P<sup>1</sup>) na porção esquerda. Todos estes dentes apresentam um desgaste muito acentuado.

Há ainda mais 60 fragmentos de crânios, muitos deles pertencentes, possivelmente, a um mesmo crânio. Neles pela natureza dos fragmentos, pelo seu estado de fossilização, pela sua cor e pela sua espessura, é de supor a existência pelo menos de 6 crânios.

*Mandíbulas*: 1 quase completa, 1 a que falta cerca de metade da porção posterior e esquerda do corpo e o ramo montante, e ainda 42 fragmentos constituídos uns, por um dos ramos, outros pelo mento, outros pelo corpo inteiro ou fragmentado;

*Atlas*: 1 completo e 2 incompletos por lhe faltarem as apófises transversas;

*Áxis*: 3 incompletos; a 2 faltam as apófises transversas e a 1 a apófise espinhosa;

*Vértebras cervicais*: 1 completa e 1 com o buraco vertebral esquerdo destruído;

*Vértebras dorsais*: 40 incompletas, por faltar a umas, o corpo, a outras a apófise espinhosa e ainda a outras as transversas, etc.;

*Vértebras lombares*: 21 incompletas como as anteriores;

*Claviculas*: 5 em bom estado e 13 fragmentadas, faltando a estas ora a extremidade acromial, ora a esternal. Temos 12 clavículas esquerdas e 6 direitas ao todo;

*Omoiplatas*: 16 fragmentos de apófises coracóides, cavidades glenoideias e espinhas da omoiplata, que são as partes mais resistentes da omoiplata. Nelas distinguimos 5 omoiplatas direitas e 3 esquerdas;

*Costelas*: 81 fragmentos, uns maiores e outros menores, mas todos com dimensões inferiores a 18 cm.;

*Ossos coxais*: 1 esquerdo, a que falta o ramo do púbis e 24 fragmentos de tuberosidades esquiáticas, de ramos do púbis, de cristas ilíacas, de cavidades do acetábulo e outros fragmentos mais pequenos;

*Sacros*: 2 quase completos; 1 com 6 vértebras, por sacralização da 5.<sup>a</sup> lombar, também incompleto; 2 fragmentos, um deles constituído pela 1.<sup>a</sup> vértebra sagrada e o outro pelos corpos da 1.<sup>a</sup>, da 2.<sup>a</sup> e parte do da 3.<sup>a</sup> vértebras sagradas e asa esquerda da 1.<sup>a</sup>;

*Úmeros*: 1 fragmento esquerdo, o maior, a que falta o  $\frac{1}{4}$  superior, com uma exostose de 55 mm de comprimento e 2 mm de largura no lábio externo da impressão deltóide; mais 45 fragmentos de diáfises e de apófises nos quais distinguimos apenas 6 úmeros direitos e 6 esquerdos;

*Cúbitos*: 1 completo esquerdo; 1 esquerdo sem a apófise estilóide e o bico do olecrânio; 4 direitos e 1 esquerdo constituídos pela metade superior; 2 direitos constituídos pelo terço

inferior; 8 constituídos pelo terço superior, sendo 5 direitos e 1 esquerdo e mais 21 fragmentos mais pequenos, dos quais 4 são direitos e 3 esquerdos;

*Rádios*: 1 completo esquerdo; 1 quase completo, direito, a que falta parte da epífise superior; 2 esquerdos representados pelos dois terços superiores; 1 esquerdo sem a epífise inferior; 1 esquerdo reduzido à metade superior e 2 fragmentos direitos reduzidos ao terço inferior; há ainda 38 fragmentos de tamanho menor em que distinguimos 1 direito e 6 esquerdos;

*Ossos do carpo*: 1 trapezóide esquerdo e 2 grandes ossos, sendo um direito e o outro esquerdo;

*Ossos do metacarpo*: 28 metacárpicos completos, sendo 13 direitos e 15 esquerdos. Há 11 fracturados;

*Falanges da mão e do pé*: 79 quase todas inteiras;

*Fémures*: 1 esquerdo, a que falta a face interna do côndilo interno e 1 outro esquerdo sem o bordo anterior e parte da face externa do grande trocânter; 6 porções de fémures sem as epífises, sendo 3 direitas e 3 esquerdas; 6 fragmentos reduzidos à metade superior nos quais só foi possível distinguir 2 direitos e 1 esquerdo; 6 fragmentos da parte superior, 3 esquerdos e 3 direitos, 2 fragmentos de diáfises direitos e 79 fragmentos de menores dimensões, muitos deles não possuem elementos que permitam dizer se são direitos ou esquerdos;

*Tibias*: 1 esquerda completa, 1 direita incompleta por lhe faltar o maléolo tibial esquerdo e à epífise superior; 1 esquerda sem a epífise inferior; 3 porções de diáfises, 2 esquerdas e 1 direita; 1 metade superior esquerda e 36 fragmentos de dimensões menores, dos quais 4 são direitos e 1 esquerdo;

*Rótulas*: 9 completas, sendo 7 esquerdas e 2 direitas e 1 incompleta esquerda;

*Perónios*: 4 incompletos, 3 esquerdos e 1 direito; mais 27 fragmentos menores;

*Astrágalos*: 11 em bom estado, 5 direitos e 6 esquerdos;

*Calcâneos*: 16 em bom estado, sendo 11 direitos e 5 esquerdos; há ainda 14 fragmentos a que falta especialmente a face externa, nos quais distinguimos 7 direitos e 4 esquerdos;

*Ossos do tarso*: 2 escafóides esquerdos completos e 1 direito incompleto;

*Metatarso*: 41 metatársicos completos; destes 20 são direitos e 21 esquerdos; há mais 16 fragmentados;

*Dentes soltos*: 20 incisivos, 15 caninos, 24 pré-molares e 15 grandes molares;

### Crianças

*Crânios*: Existem apenas restos de 2 crânios infantis; um reduzido a parte do osso occipital, por lhe faltar a região do buraco occipital e a superfície basilar do mesmo; o outro é 1 parietal completo que tem aderente uma pequena porção do frontal com sutura coronal nítida;

*Vértebras*: 3 fragmentos constituídos quase só pelos corpos vertebrais; 1 é cervical;

*Clavículas*: 1 esquerda, sem a extremidade esternal e 1 reduzida a um pouco mais que a mesma extremidade;

*Omoplatas*: 5 fragmentos, cuja distinção em direitos e esquerdos é impossível;

*Costelas*: 11 fragmentos;

*Ossos coxais*: 2 fragmentos; uma porção de crista ilíaca e uma parte do ilíaco;

*Úmeros*: 6 fragmentos da extremidade inferior;

*Ossos do carpo*: 1 metacárpico;

*Ossos do tarso*: 2 metatársicos;

*Fémures*: 7 metades superiores: 6 esquerdos e 1 que não se pode distinguir se é direito ou esquerdo;

*Tibias*: 4 fragmentos da extremidade superior, que não se podem distinguir se são direitos ou esquerdos;

*Astrágalos*: 1 bastante alterado em toda a superfície externa;

*Dentes*: 8 molares de leite.

Além destes ossos de adultos e crianças reconhecíveis, há ainda umas centenas de outros tão fragmentados que, em muitos casos, não podemos dizer sequer a que ossos pertenceram. Esta fragmentação deve corresponder a vários remeximentos resultantes não só de inumações sucessivas como de mal conduzidas escavações nesta notável necrópole.

#### Descrição dos crânios

##### *Crânio 1 (I. A.) (1).*

Crânio incompleto, por faltar quase toda a região facial toda a basal e a mandíbula; crânio curto e largo, dando imediata impressão de braquicéfalo, é mesmo hiperbraquicéfalo (85,88).

*Norma frontal* — Apresenta uma superfície rugosa resultante de impregnação calcária. Da região da face resta apenas o bordo frontal e malar da órbita esquerda, o bordo frontal da órbita direita e a extremidade superior dos ossos do nariz (Fig. 1).

*Norma lateral* — Contorno regularmente arqueado com o vértice ligeiramente acuminado e acentuada saliência do *occiput*, formando um pequeno *chignon*. Testa alta e quase vertical, arcadas supraciliares pouco marcadas. Apófise mastoideia direita pequena e de superfície rugosa (Fig. 2).

---

(1) Como uma parte dos ossos está no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» do Porto e a outra no Museu de Sesimbra, ao referirmo-nos a uns ou a outros colocaremos sempre à frente as iniciais dos referidos depósitos.

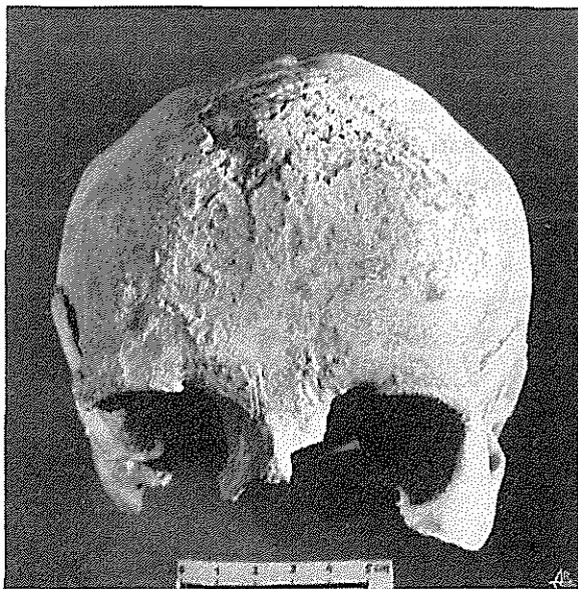


Fig. 1 — Crânio n.º 1, l. A. — Norma frontal

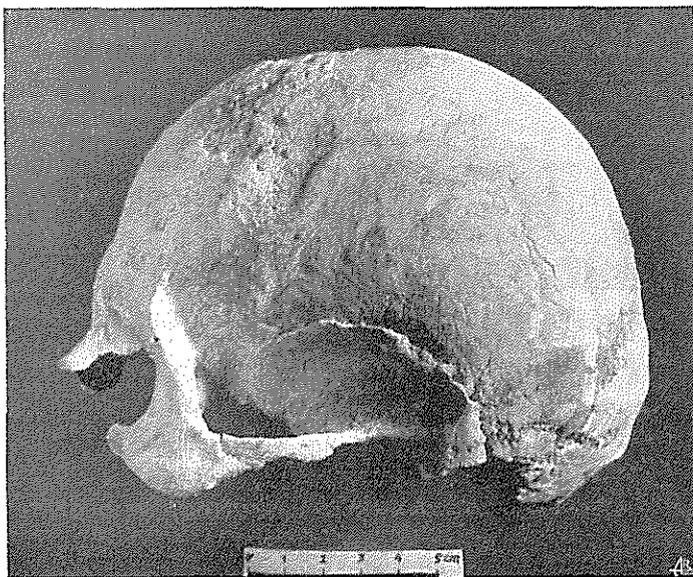


Fig. 2 — Crânio n.º 1, l. A. — Norma lateral

*Norma vertical* — Esferoidal (Sergi), criptozígio, suturas coronal e o primeiro segmento da sagital recobertas por incrustação calcária; as porções restantes da sutura sagital são nítidas e complicadas; bossas parietais bem marcadas e a direita mais desenvolvida; aplanamento da zona média superior, com uma depressão em goteira segundo a sutura sagital (Fig. 3).

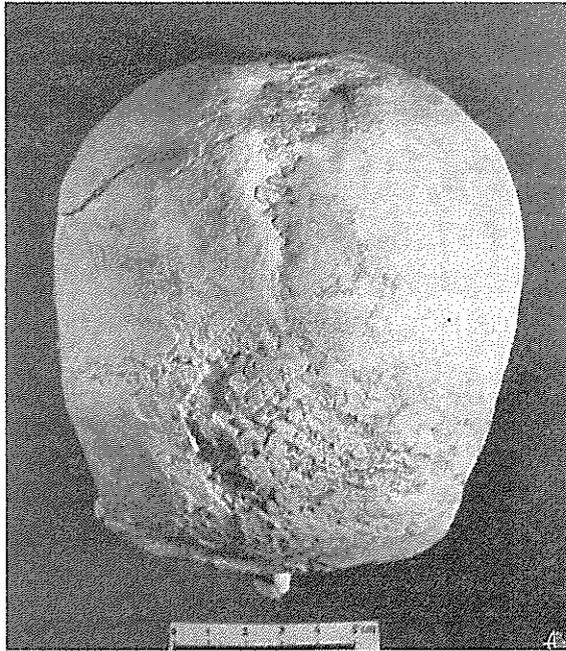


Fig. 3 — Crânio n.º 1, I. A. — Norma vertical

*Norma occipital* — De forma pentagonal, estreitando mais para a base (bombiforme); suturas nítidas e complicadas. Tem 3 ossos *vórmios*. Um deles, o menor, ilhado à direita da porção terminal e posterior da sutura sagital e os outros, de tamanho e forma sensivelmente iguais, ilhados em quase toda a extensão dos ramos de sutura lambdática. Região obélica um pouco deprimida, com buracos parie-

tais patentes, um de cada lado, à mesma distância da sutura sagital (Fig. 4).

Nem sempre é fácil diagnosticar o sexo dum crânio e a sua idade, porque um crânio feminino pode ter sempre por excepção caracteres masculinos e vice-versa. Por outro lado a diferença sexual não é a mesma em todas as raças.

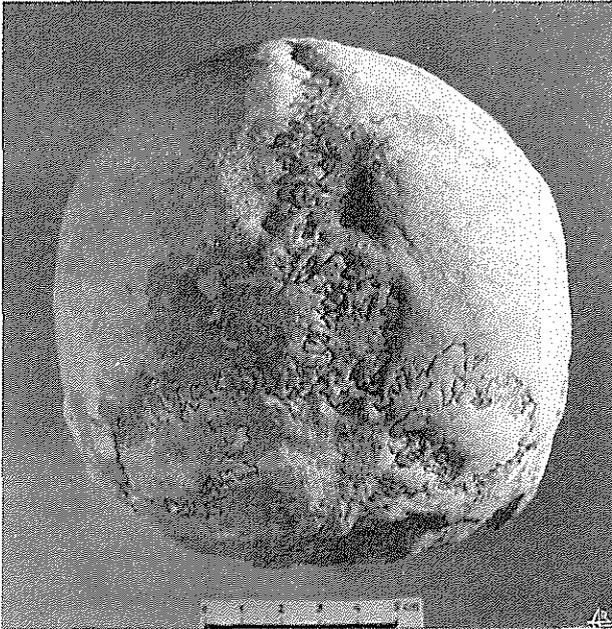


Fig. 4 — Crânio n.º 1, I. A. — Norma occipital

Este crânio parece ser de indivíduo do sexo feminino de 25 a 30 anos.

*Crânio 2 (I. A.).*

Representado apenas por quase toda a metade esquerda do crânio.

*Norma frontal* — Glabella saliente e robusta (Fig. 5); órbita grande e rectangular, de bordos cortantes; bordo da abertura

piriforme cortante; bossa frontal com cicatriz óssea, quase circular, de 2 cm de diâmetro, possivelmente originada por osteíte ou traumatismo.

Crânio possivelmente de indivíduo do sexo masculino e com a idade de uns 60 a 70 anos.

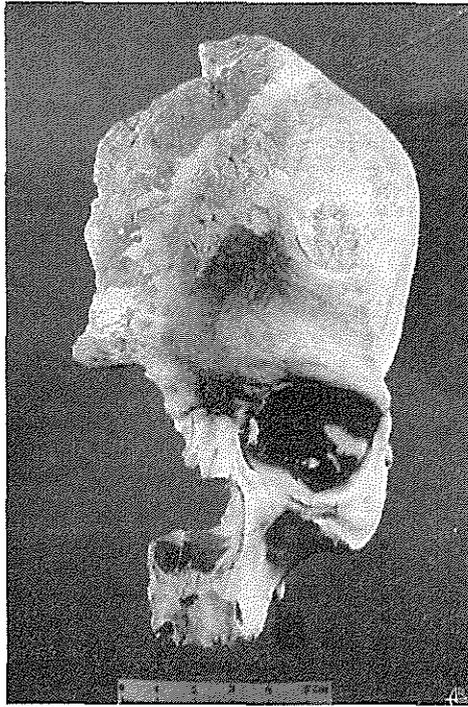


Fig. 5 — Crânio n.º 2, I. A. — Norma frontal

*Norma lateral* — Contorno superior regularmente arqueado, ortognata, fronte fugidia, baixa e arcadas supraciliares robustas, apófise mastoideia do tamanho médio e de superfície lisa; suturas sinostosadas (Fig. 6).

*Norma vertical* — Embora só disponhamos do hemicrânio esquerdo, é lícito conceber a configuração geral do crânio, pelo que

a seguir emitimos o parecer da norma vertical do mesmo nas suas linhas gerais. Elipsóide (Sergi), esfenozígio, sub-braquicéfalo (?), bossa parietal bem marcada, suturas totalmente sinostosadas.

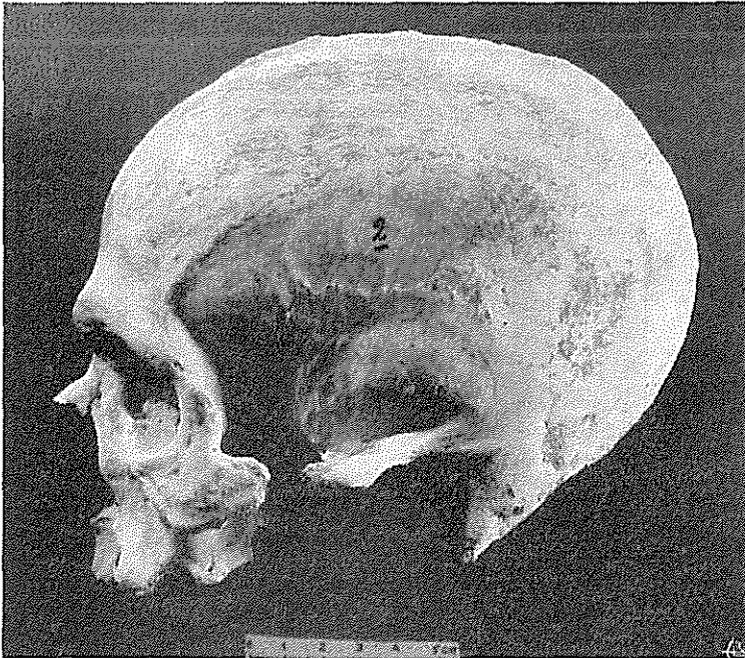


Fig. 6 — Crânio n.º 2, I. A. — Norma lateral

*Crânio 3 (I. A).*

Deste crânio resta o parietal direito, uma pequena porção, do esquerdo, a superior, um pedaço do frontal, a porção superior e direita do occipital e quase todo o temporal direito.

Por se tratar duma porção fragmentária do crânio não julguei necessário dar a fotografia do mesmo.

*Norma vertical* — Ovóide (Sergi), bossa parietal bem marcada, suturas nítidas e pouco complicadas.

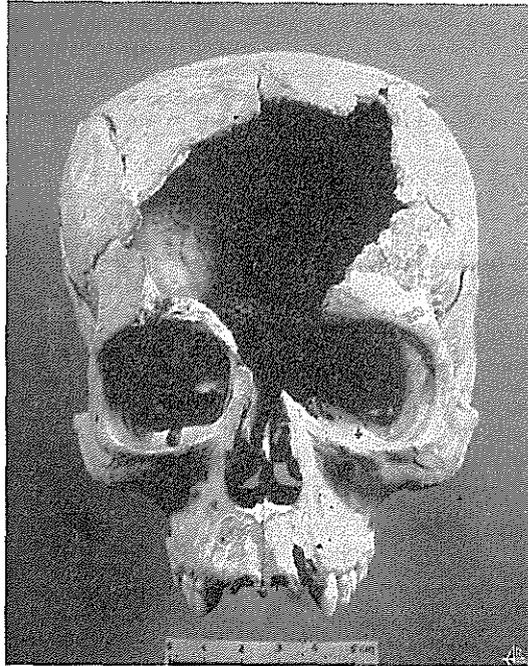


Fig. 7 — Crânio n.º 1, M. S. — Norma frontal

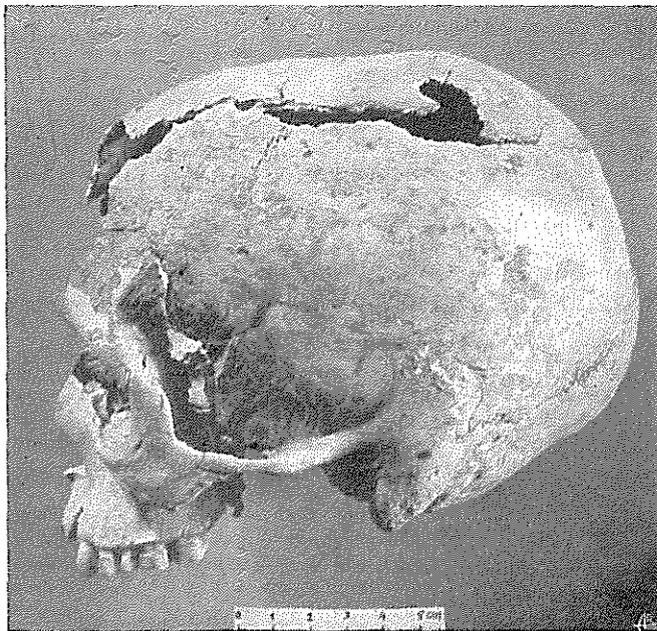


Fig. 8 — Crânio n.º 1, M. S. — Norma lateral

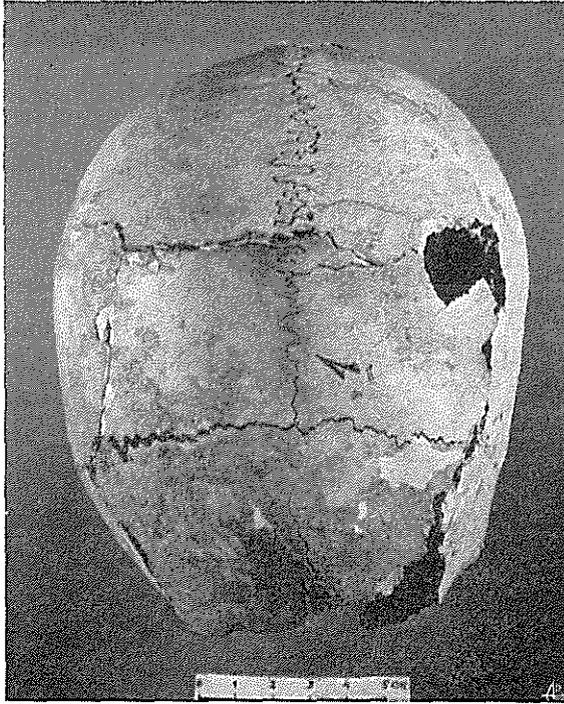


Fig. 9 — Crânio n.º 1, M. S. — Norma vertical

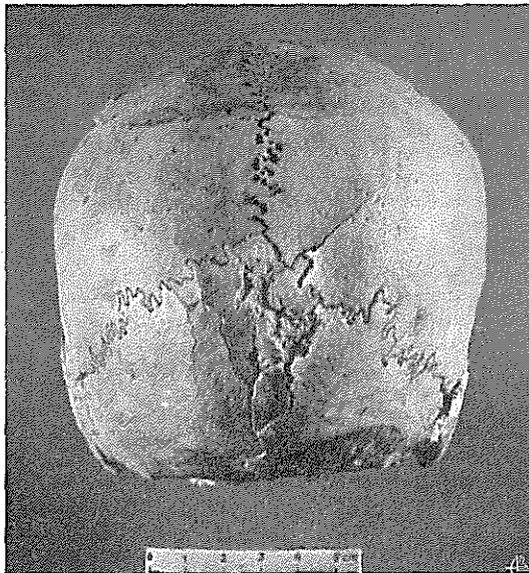


Fig. 10 — Crânio n.º 1, M. S. — Norma occipital

*Norma occipital* — Apresenta dois pequenos ossos *vórmios* ilhados na sutura lambdática, no início dos seus ramos, 2 buracos parietais, sendo o direito maior que o esquerdo e à mesma distância da sutura sagital.

Trata-se dum crânio que parece ser de indivíduo do sexo feminino de idade que vai dos 30 aos 40 anos.

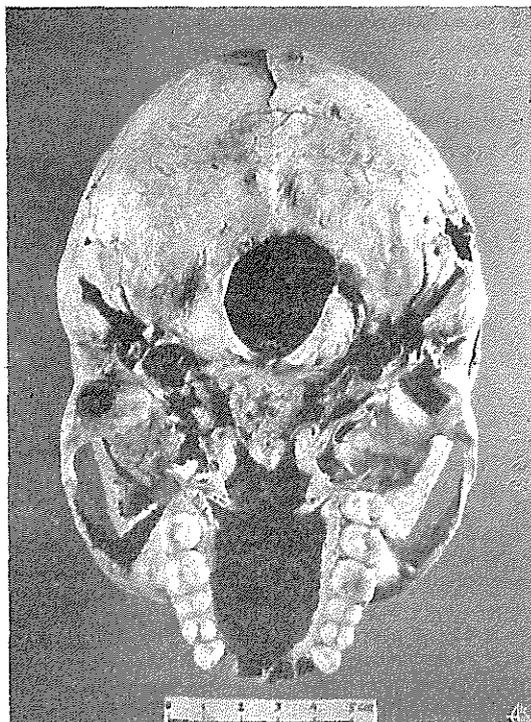


Fig. 11 — Crânio n.º 1, M. S. — Norma basal

*Crânio 1 (M. S.).*

Crânio quase inteiro, sem parte do frontal e sem os ossos do nariz.

*Norma frontal* — Face rectangular, órbitas grandes, quase quadradas e simétricas, abertura piriforme pequena, estreita e com bordos cortantes (Fig. 7).

*Norma lateral*— Contorno superior com uma leve depressão na região bregmática, escama do temporal despegada do parietal, occipital saliente, testa alta, apófises mastoideas pequenas e rugosas (Fig. 8).

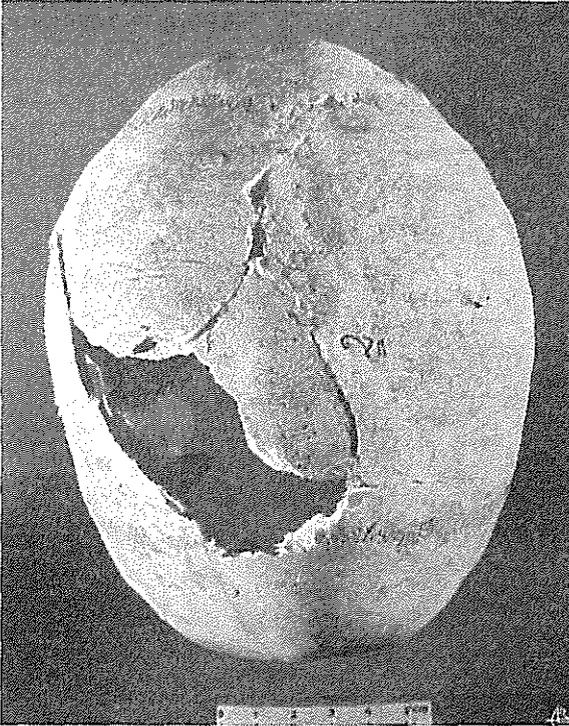


Fig. 12 — Crânio n.º 2, M. S. — Norma vertical

*Norma vertical*— Ovóide (Sergi), dolicocefalo, mesognata, esfeno-zígio, suturas nítidas e não complicadas, bossas parietais levemente salientes, mais à direita do que à esquerda (Fig. 9).

*Norma occipital*— De forma pentagonal, sem buracos parietais, suturas nítidas e pouco complicadas (Fig. 10).

*Norma basal*— Buraco occipital assimétrico. O plano sagital divide-o em duas porções desiguais, sendo a direita a maior; os

côndilos são de tamanho médio. O maxilar superior tem os alvéolos conservados, e com 11 dentes: C<sup>1</sup>, P<sup>1</sup>, P<sup>2</sup>, M<sup>1</sup> e M<sup>2</sup>, na porção esquerda e C<sup>1</sup>, P<sup>1</sup>, P<sup>2</sup>, M<sup>1</sup>, M<sup>2</sup> e M<sup>3</sup> na porção direita. Todos apresentam um desgaste acentuado da superfície trituradora, excepto o M<sup>3</sup>, que tem ainda 4 cúspidos bem nítidos (Fig. 11).

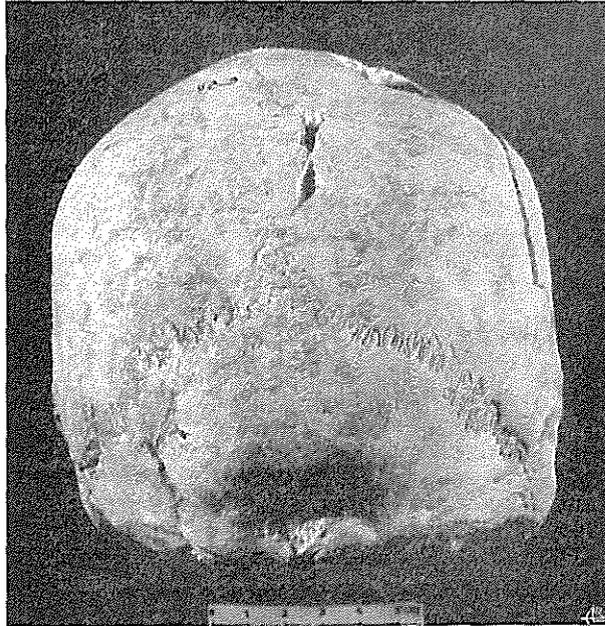


Fig. 13 — Crânio n.º 2, M. S. — Norma occipital

Crânio, possivelmente de indivíduo do sexo feminino de idade que vai dos 30 aos 40 anos.

*Crânio 2 (M. S.).*

Crânio a que falta quase toda a região basal.

*Norma frontal* — Órbitas simétricas, quadradas com os bordos lisos e aguçados; bossas frontais bem acentuadas; glabella de saliência média.

*Norma lateral* — Contorno superior regularmente arqueado, com uma depressão bem acentuada na região obélica, vértice coincidindo com o bregma; apófises mastoideias robustas e rugosas; occipital saliente formando um pequeno *chignon*; arcadas supraciliares medianamente marcadas; fronte larga, baixa e pouco inclinada.

*Norma vertical* — Elipsóide (Sergi), sub-dolicocéfalo, levemente esfenozógio, suturas coronal e sagital já com pontos de obliteração, bossas parietais pouco marcadas, a direita mais que a esquerda (Fig. 12).

*Norma occipital* — Forma pentagonal, alargando-se mais para a base (tentoriforme) e estreitando-se para a região superior, suturas com pontos de obliteração (Fig. 13).

*Norma basal* — Maxilar superior sem dentes e com alguns alvéolos obliterados.

Trata-se possivelmente de um crânio de individuo do sexo masculino de 40 a 50 anos de idade.

#### Resultados obtidos — Medidas e índices

Nestes 5 crânios, dos quais três — 1 (I. A.), 1 (M. S.) e 2 (M. S.), são mais completos e dois — 2 (I. A.) e 3 (M. S.) bastante incompletos, determinámos as medidas possíveis que indicámos no quadro I.

As medidas feitas por aproximação vão interrogadas. Tais medidas só foram feitas quando um dos pontos cranianos em falta era calculado por estimativa que se nos afigurasse apresentar um certo grau de valimento. E como tal as medidas calculadas por aproximação as consideramos próximas do valor real.

O crânio n.º 2 (I. A.) está reduzido à sua metade esquerda por fractura longitudinal, que vem do meio da órbita direita ao bregma para seguir para trás e para a esquerda decepando uma parte do parietal esquerdo. Falta-lhe a maior parte da base, restando ape-

nas a porção lateral da fossa cerebelosa inferior esquerda. Por isso o plano sagital é difícil de calcular. No entanto dado o estado de conservação deste hemicrânio atrevi-me a calcular o plano sagital e a metade esquerda do diâmetro transverso máximo, cuja medida foi de 78 mm. Duplicando-a temos 156 mm, medida que figura no quadro respectivo.

Certo é, porém, que, dada a frequente assimetria dos hemicrânios, a simples duplicação não deve corresponder à medida justa.

Estas medidas foram determinadas com a aproximação de 0,5 mm e com os instrumentos habituais. Na sua determinação seguimos a técnica de Martin (1).

Indicamos a seguir as medidas feitas e utilizadas nos respectivos índices:

Diâmetro ântero-posterior máximo (med. 1 de Martin): diâmetro ântero-posterior que vai da glabella ao opistocrânio.

Diâmetro transverso máximo (med. 8 de Martin): diâmetro entre os dois êurios.

Altura vertical do crânio (med. 17 de Martin): diâmetro entre o báseo-náseo.

Largura da órbita (med. 51 de Martin): distância entre o ponto maxilo-frontal e o ectocônquio.

Altura da órbita (med. 52 de Martin): distância medida entre o bordo superior da órbita e o inferior da mesma, na normal à largura, a meio desta, e que por certo divide a órbita em duas partes aproximadamente iguais.

Diâmetro ântero-posterior do buraco occipital (med. 16 de Martin): distância que vai do báseo ao opístio.

---

(1) Rudolf Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, Vol. II, Jena, 1928, págs. 581 a 1182, 280 figs.

QUADRO I

Crânios — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	1	2
	I. A.	I. A.	I. A.	M. S.	M. S.
Comprimento ântero-posterior . . .	136	195 (?)	—	182 (?)	188
Diâmetro transverso máximo . . .	140	156 (?)	—	136	141
Náseo-Prósteo . . . . .	—	—	—	—	69
Largura bizigomática . . . . .	—	—	—	123	—
Largura da abertura piriforme . . .	—	26 (?)	—	21	26
Altura do nariz . . . . .	—	55,5	—	—	—
Báseo-Prósteo . . . . .	—	—	—	90	—
Altura vertical do crânio (Báseo-Bregma) . . . . .	—	—	—	132	—
Altura vertical do crânio (Pório-Bregma) . . . . .	122	130 (?)	134,5	E = 125 D = 124	E = 128 (?) D = 133 (?)
Diâmetro biestefânio . . . . .	117	—	—	116	113
Altura da órbita . . . . .	—	35	—	E = 39 D = 38	E = 33 D = 33,5
Largura da órbita . . . . .	40	42	—	E = 43	E = 41 (?) D = 41 (?)
Diâmetro transv. do buraco occipital	—	—	—	28,5	—
» sagital » » »	—	—	—	34	—
Comprimento do palatino . . . . .	—	—	—	40	—
Largura do palatino . . . . .	—	—	—	29	—
Diâmetro frontal mínimo . . . . .	99	104 (?)	—	91,5	100
» frontal máximo . . . . .	117 (?)	—	—	120	125
» bímastoideu . . . . .	—	—	—	100	115 (?)
Curva sagital :					
Glâbela-Bregma . . . . .	105	123	—	—	130
Bregma-Lambda . . . . .	135	—	—	137	128
Lambda-Opisteo . . . . .	—	—	—	144	—
Curva transversal :					
Auricular-Bregma-Esquerda . . .	155	155	—	161	163
» » Direita . . . . .	—	—	—	161	167
Curva transversal mastoideia :					
Apófise mastoideia-Vértice-Dir.	185	—	—	188	192
Apófise mastoideia-Vértice-Esq.	—	187	—	184	187 (?)
Circunferência horizontal . . . . .	487	—	—	561 (?)	531
Índice cefálico . . . . .	85,88	80,00	—	74,72 (?)	75,00
Índice nasal . . . . .	—	46,84 (?)	—	—	—
Índice vértico-longo . . . . .	—	—	—	73,50 (?)	—
Índice orbitário . . . . .	—	83,33	—	90,69	{OE=80,49 (?) OD=81,70(?)}
Índice do palatino . . . . .	—	—	—	72,50	—
Índice do buraco occipital . . . . .	—	—	—	83,82	—

Diâmetro transverso do buraco occipital (med. 7 de Martin): diâmetro máximo e perpendicular ao diâmetro báseo-opístico.

Comprimento do palatino (med. 62 de Martin): distância entre o oral e o estafílio.

Largura do palatino (med. 63 de Martin): distância desde o ponto médio e inferior do segundo grande molar, isto é, justa-alveolar, ao mesmo ponto do outro segundo grande molar.

Largura da abertura piriforme (med. 54 de Martin): medida da sua maior largura;

Altura do nariz (med. 55 de Martin): distância do sub-nasal ao náseo.

Com estas medidas determinámos os seguintes índices:

*Índice cefálico.*

Este índice, um dos mais correntes em antropologia, obtém-se multiplicando por 100 o diâmetro transverso máximo do crânio e dividindo este produto pelo diâmetro ântero-posterior máximo.

Indica-nos a forma alongada ou alargada da caixa craniana. É o mais usado de todos os índices antropológicos. Este índice tem uma grande amplitude de variação.

A nomenclatura de alguns índices tem variado bastante segundo os autores e segundo os seus tipos.

Para o índice cefálico usamos a classificação dos três tipos clássicos *dolicocéfalo*, *mesaticéfalo* e *braquicéfalo*, com os subtipos para o 1.º e para o 3.º, que é a classificação francesa, uma das citadas por Martin, cujos valores damos a seguir:

ultradolicocéfalo. . . . .	×	— 64,99
hiperdolicocéfalo. . . . .	65,0	— 69,99

dolicocéfalo . . . . .	70,0 — 74,99
sub-dolicocéfalo . . . . .	75,0 — 77,76
mesaticéfalo . . . . .	77,77 — 79,99
sub-braquicéfalo . . . . .	80,00 — 83,32
braquicéfalo . . . . .	83,33 — 84,99
hiperbraquicéfalo . . . . .	85,0 — 89,99
ultra braquicéfalo . . . . .	90,0 — ×

*Índice nasal.*

Este índice calcula-se multiplicando-se por 100 a largura máxima da abertura piriforme e dividindo o produto pela altura do nariz.

Os seus valores podem distribuir-se por três classes principais, segundo Broca:

leptorrínio . . . . .	× — 42,9
mesorrínio . . . . .	48,0 — 52,9
platirrínio . . . . .	53,0 — ×

*Índice vértico-longo.*

É dado pela relação centesimal altura vertical  $\times 100$  a dividir pelo diâmetro ântero-posterior máximo.

Os seus valores, segundo a classificação de Broca, Topinard e outros, distribuem-se pelas três classes seguintes:

camecéfalo . . . . .	× — 71,9
ortocéfalo . . . . .	72,0 — 74,9
hysicéfalo . . . . .	75,0 — ×

*Índice orbitário.*

Este índice obtém-se multiplicando por 100 a altura da órbita e dividindo o produto pela sua largura.

Os seus valores são estabelecidos nas três classes seguintes:

camecônquico . . . . .	× — 75,9
mesocônquico . . . . .	76,0 — 84,9
hypsicônquico . . . . .	85,0 — ×

*Índice do buraco occipital.*

Este índice calcula-se multiplicando por 100 o diâmetro ântero-posterior do buraco occipital e dividindo o produto pelo diâmetro transverso do mesmo buraco.

Os seus valores estão estabelecidos assim:

estreito . . . . .	× — 81,9
mediano . . . . .	86,0 — ×
largo . . . . .	86,0 — ×

*Índice do palatino.*

É dado pela relação centesimal entre a largura do palatino ao nível de M<sup>2</sup> e o comprimento do mesmo osso.

Os seus valores dividem-se da maneira seguinte:

leptoestafilino . . . . .	× — 79,9
mesoestafilino . . . . .	80,0 — 84,9
braquiestafilino . . . . .	85,0 — ×

Os valores dos índices cefálicos obtidos nos nossos crânios são como seguem:

Crânio n.º 1 (I. A.) — 85,88	( hiperbraquicéfalo )
» » 2 (I. A.) — 80,00?	( sub-braquicéfalo )
» » 1 (M. S.) — 75,00	( doliocéfalo )
» » 2 (M. S.) — 74,72?	( sub-dolioscéfalo )

o que dá um índice cefálico médio de 78,90, valor que está dentro da mesaticefalia.

O Dr. Alfredo Ataíde, que foi Naturalista distinto do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», num trabalho intitulado *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos* (1), das cercanias de Alenquer, fez várias considerações sobre quatro crânios incompletos, pertencentes ao espólio da mesma gruta. Este espólio foi considerado como sendo do período neo-eneolítico, por se encontrarem conjuntamente despojos líticos e cerâmica daquele período.

Nos crânios n.ºs 1 e 2 o autor obteve os índices cefálicos de 74,0 e 70,8, respectivamente. Os crânios n.º 3 e n.º 4, pelo seu estado fragmentário, não permitiram a determinação do índice cefálico. No entanto o Dr. A. Ataíde ficou com a impressão que deviam ser menos doliocéfalos do que os dois primeiros, isto é, sub-dolioséfalos.

O mesmo autor, num outro trabalho *Nota sobre a braquicefalia dum crânio de Muge* (2), estudou um crânio do concheiro do Cabeço da Arruda de Muge, considerado mesolítico, com um índice cefálico de 83,1 e por isso braquicéfalo embora nos limites superiores da sub-braquicefalia.

O Prof. Doutor Mendes Corrêa, no trabalho de colaboração com o Prof. Doutor Carlos Teixeira, intitulado *A jazida pré-histórica de Eira-Pedrinha (Condeixa)* (3), refere que o índice cefálico médio encontrado em 48 crânios desta estação eneolítica é de  $74,9 \pm 0,5$ .

Também o Prof. Doutor A. Xavier da Cunha num trabalho feito de colaboração com M. A. M. Neto, e intitulado *O espólio*

---

(1) Alfredo Atayde, *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos*, separata da homenagem a Martins Sarmiento, Guimarães, 1933, págs. 31 a 37, 5 figs.

(2) A. Atayde, *Nota sobre a braquicefalia dum crânio de Muge*, Extracto do fascículo 3-4 do vol. XII dos «Trabalhos de Antropologia e Etnografia», Porto, 1950, págs. 5 a 8, 2 figs.

(3) Mendes Corrêa e Carlos Teixeira, *A jazida pré-histórica da Eira-Pedrinha (Condeixa)*, «Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 1949, 66 págs., 26 figs. e 16 estampas.

*antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)* (1), em que fazem o estudo descritivo e merístico de 8 crânios, três mandíbulas e cinco ossos longos: um úmero, um rádio, um fémur, uma tibia e um perónio, dão os seguintes valores dos índices cefálicos de quatro crânios adultos masculinos: 74,30; 78,13; 80,66 e 75,26.

Os valores do índice cefálico obtidos por todos os autores citados, em estações neolíticas e eneolíticas são muito semelhantes aos dos crânios da gruta do Bugio de Sesimbra, com excepção do nosso crânio hiperbraquicéfalo, que tem um índice cefálico de 85,88.

O Prof. Mendes Corrêa, no seu trabalho *Estatuta e índice cefálico em Portugal* (2), faz considerações diversas sobre a estatura e o índice cefálico dos Portugueses, referindo trabalhos de vários investigadores, que em Portugal se têm dedicado à determinação do índice cefálico dos Portugueses no vivo. Cita Santana Marques (3), Fonseca Cardoso (4), José Branco (5), Santos Júnior (6), Luís de

---

(1) A. Xavier da Cunha e M. A. M. Neto, *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, Separata das «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», Vol. XI, fasc. 72, Coimbra, 1958, págs. 223 a 420, 8 figs. e 3 estampas.

(2) Mendes Corrêa, *Estatuta e índice cefálico em Portugal*, «Extracto do Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental de Identificação Civil do Porto», Vol. II, fascículo 12 e 22, 1932, págs. 37 a 72, 4 figs.

(3) Santana Marques, *Estudo de Antropologia Portuguesa*, Lisboa, 1898.

(4) Fonseca Cardoso, *Antropologia Portuguesa, notas sobre Portugal*, Vol. I, Lisboa, 1900.

(5) José Branco, *Elementos para a Antropologia de Trás-os-Montes*, cit. pelo Prof. Mendes Corrêa, no seu trabalho *Curso de Antropologia. Trabalhos dos alunos*, Porto, 1922.

(6) J. R. dos Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico de S. Pedro (Meirinhos)*, «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnografia», Vol. II, Porto, 1923, págs. 85 a 186.

Pina (1), Eusébio Tamagnini (2) e o próprio autor, e publica uma carta de distribuição do índice cefálico médio dos Portugueses em todos os distritos do País, baseado nos dados do Prof. Eusébio Tamagnini, que foi ilustre Professor de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Examinando essa carta verificamos que no sul de Portugal há maior percentagem de indivíduos mesaticéfalos (77-77,9), no centro há maior número de indivíduos sub-dolicocéfalos e, no norte, predominam os dolicocéfalos. Há ainda um outro distrito em que há inversão destes valores, como por exemplo o de Viana do Castelo, que, apesar de se situar ao norte apresenta no entanto uma mesaticefalia acentuada.

No próprio distrito de Setúbal, a que pertence a região de Sesimbra, onde se situa a gruta cujo espólio estamos a estudar, há uma maior percentagem de indivíduos sub-dolicocéfalos.

---

(1) Luís de Pina, *Estatura, cor dos olhos e dos cabelos nos trasmontanos*, «Actas do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», T. v, Madride, 1931.

Id., id., id., *O índice cefálico nos beirões*, «Actas do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», T. v, Madride, 1931.

Id., id., id., *A acentuada dolicocefalia dos naturais da cidade do Porto*, «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental de Identificação Civil do Porto», Vol. I, fasc. 2, Porto, 1931.

Id., id., id., *A acentuada dolicocefalia dos naturais da cidade do Porto*, 1924, 102 págs., 17 figs. e 5 estampas.

Id., id., id., *O índice cefálico dos portugueses em relação com a idade*, «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Vol. xiv, Lisboa, 1930 e 1932.

(2) Eusébio Tamagnini, *Distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual*, «Actas do Congresso de Antropologia de Coimbra e Porto, em 1930», Paris, 1931, pág. 231.

Id., id., id., *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa*, «Rev. da Fac. de Ciências», T. II, Coimbra, 1932, págs. 100 a 121, 4 figs.

O Professor Mendes Corrêa diz ainda que na série de 11.658 indivíduos estudados pelo Prof. Eusébio Tamagnini o número de braquicéfalos pouco ultrapassa os 600 (5,4 %).

Até que ponto os Portugueses actuais, principalmente os do sul, foram influenciados pela mesaticefalia do Homem do neo-eneolítico, cujos restos ósseos e arqueológicos encontramos na gruta do Bugio, Sesimbra?

Quanto aos outros índices o crânio n.º 2 (I. A.) apresenta os valores, para o índice nasal 46,84 (?) e para o índice orbitário 83,33. É um crânio leptorrínio e mesocênquico.

O crânio n.º 1 (M. S.) apresenta os valores, para o índice vértico-longo 73,50 (?), para o orbitário 90,69, para o do palatino 72,50 e para o do buraco occipital 83,82. É um crânio ortocrânio, hipsicênquico, leptostafilino e com buraco occipital de tamanho médio.

O crânio n.º 2 (M. S.) tem os índices orbitários 80,49 (?) e 81,70 (?). É camecênquico.

Todos estes valores concordam com os determinados pelos autores já citados.

### Mandíbulas

Já referimos atrás que apenas existe uma mandíbula quase completa; tudo o mais são fragmentos maiores ou menores.

A mandíbula n.º 1 (I. A.), masculina (?), adulta, robusta, com o mento saliente e sem ângulo goníaco esquerdo; buracos mentonianos de tamanho normal; gónios com acentuada extroversão; arcada alveolar parabólica apenas com 4 dentes:  $M_2$  e  $M_3$  de cada lado, todos com a superfície trituradora com desgaste acentuado; os outros dentes caíram *post-mortem*; apófises genii pouco marcadas; ramos largos; chanfradura sigmoideia acen-

tuada; apófise coronóide de vértice truncado e côndilos com as superfícies articulares elipsóides. Mandíbula braquignata (Fig. 14).

Nas mandíbulas tirámos as seguintes medidas:

Largura do ramo (med. 71 de Martin). Largura mínima do ramo medida perpendicularmente à altura.

Altura do ramo (med. 70 de Martin). Distância do gónio ao epicondilion.

Comprimento total da mandíbula (med. 68 de Martin).

Distância projectiva entre a tangente dos pontos posteriores dos côndilos e uma tangente à parte anterior mentoniana da mandíbula.

Largura bicondiliiana (med. 65 de Martin). Distância entre os pontos mais externos dos côndilos.

Comprimento da chanfradura sigmoideia (med. 71 (1) de Martin). Distância entre os pontos cimeiros das apófises coronóide e condilóide.

Profundidade da chanfradura sigmoideia (med. 73 (3) de Martin). Profundidade máxima da incisura, medida a partir da linha coronion-epicondilion, que liga os 2 pontos referidos nas medidas anteriores.

Altura do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano esquerdo.

Espessura do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano esquerdo.

Estas medidas e os valores dos índices, que a seguir mencionamos, figuram no quadro II.

*Índice do ramo.*

É dado pela relação entre a largura mínima do ramo vezes 100 e a altura do ramo.

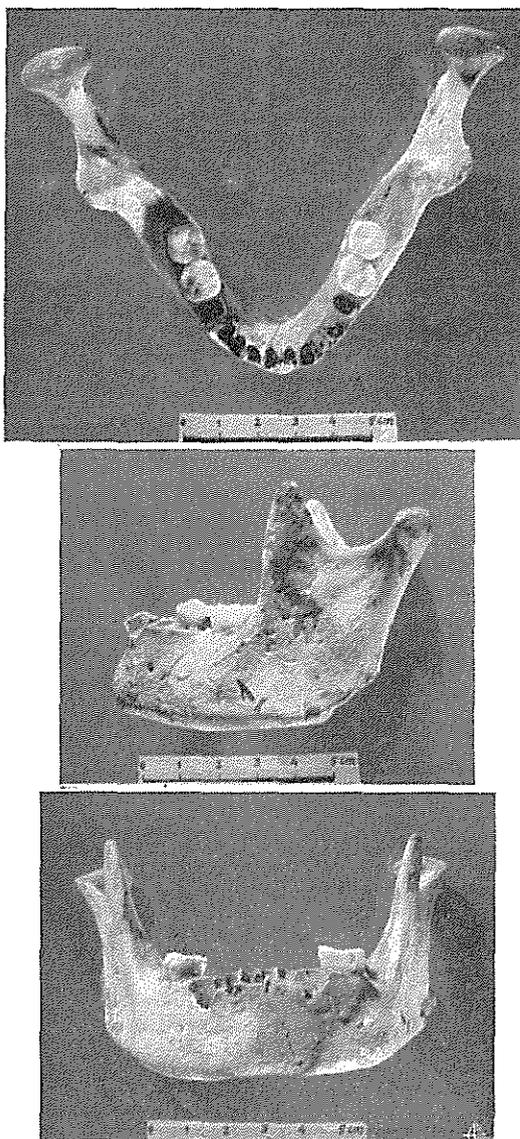


Fig. 14 — Mandíbula n.º 1, I. A.



*Índice mandibular.*

Este índice calcula-se multiplicando o comprimento total mandibular por 100 e dividindo este produto pela largura bicondilar.

Os valores deste índice interpretam-se assim:

Mandíbula larga ou curta (braquignata) . . .	× — 85
> média (mesognata) . . . . .	85,0 — 89,9
> estreita ou comprida (dolicoignata) . . .	90,0 — ×

*Índice do ramo-chanfradura sigmoideia.*

Calcula-se este índice multiplicando a largura mínima do ramo por 100 e dividindo este produto pelo comprimento da chanfradura sigmoideia.

*Índice de robustez.*

Este índice é dado pela relação entre a espessura máxima ao nível do buraco mentoniano vezes 100 e a altura ao mesmo nível.

O Dr. Alfredo Ataíde, no trabalho já citado *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos*, dá algumas medidas duma mandíbula completa e de 15 porções de mandíbulas pertencentes ao espólio ósseo explorado na referida gruta, mas não determinou qualquer índice.

Em *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, também já citado, os autores dão os seguintes índices referentes a duas mandíbulas adultas:

Índice do ramo esquerdo . . . . .	44,54
Índice do ramo direito . . . . .	51,61
Índice da incisura mandibular . . . . .	38,46
Índice do ramo-incisura . . . . .	98,46

O Prof. Mendes Corrêa no trabalho *A jazida pré-histórica da Eira-Pedrinha (Condeixa)*, cit., dá vários índices das mandíbulas estudadas. Os valores do índice mandibular vão de 52,8 a 70,1 e os dos índices dos ramos vão de 43,5 a 88,6.

Rolanda Maria Albuquerque, no seu trabalho *Estudo antropológico da mandíbula dos Portugueses* (1), dá os valores médios dos índices seguintes no homem e na mulher:

	♂	♀
Índice mandibular. . . . .	92,4	91,0
Índice do ramo . . . . .	50,8	54,2
Índice da incisura mandibular . . . . .	41,5	38,9

Verificamos, pelo exame do quadro II, que o índice mandibular da mandíbula por nós estudada, é de 80,32. Este valor excede bastante os valores dados pelo Prof. Mendes Corrêa para o mesmo índice e é inferior ao valor médio da mandíbula dos Portugueses. O valor médio do índice do ramo direito é de 56,67 e o do ramo esquerdo 54,92, valores que não estão muito afastados dos dados por estes autores.

*Vértebras.*

Dado o estado de fragmentação das vértebras colhidas só pudemos fazer medidas em dois atlas: um completo e outro incompleto; determinámos os seguintes índices:

	completo	incompleto
Índice do corpo do atlas . . . . .	57,14	—
Índice do canal raquideo . . . . .	110,71	108,77

---

(1) Rolanda Maria Albuquerque, *Estudo antropológico nos Portugueses*, «Rev. da Fac. de Ciências», Vol. XXI, Coimbra, 1952, págs. 31 a 160, 16 figs.

### Clavículas

Como referimos atrás, há 12 clavículas esquerdas e 6 direitas, mas apenas 5 estão em bom estado. Nestas fizemos algumas medidas e determinámos alguns índices, conforme indica o quadro III.

*Clavícula 1 (I. A.).* Esquerda. Feminina (?). Inserções musculares pouco desenvolvidas. Tubérculo conóide pequeno. Forma da extremidade interna trapezoidal.

*Clavícula 2 (I. A.).* Direita. Masculina (?). Inserções musculares bem marcadas. Tubérculo conóide de tamanho médio. Forma da extremidade interna quase circular.

*Clavícula 3 (I. A.).* Esquerda. Masculina (?). Inserções musculares bem marcadas. Tubérculo conóide de tamanho médio. Extremidade interna de forma ovóide.

QUADRO III

Clavículas — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1 I. A. E	2 I. A. D	3 I. A. E	4 I. A. E	5 M. S. E
Comprimento máximo . . . . .	128	137	146	158	136
Diâmetro vertical a meio da diáfise:					
Med. de Martin . . . . .	8,5	11	11,5	11	10
Med. de Olivier . . . . .	8	10	10	10	10
Diâmetro antero-posterior sagital:					
Med. de Martin . . . . .	10	13	13,5	12,5	12,5
Med. de Olivier . . . . .	10	12,5	13,5	13	12,5
Perímetro a meio da diáfise . .	29	37	37,5	36	37
Diâmetro horizontal máximo da extremidade externa . . . . .	21	24,5	29	—	21
Índice de robustez . . . . .	22,65	27,00	25,68	22,78	27,20
Índice da diáfise ao meio (Olivier)	80,00	80,00	74,07	76,23	80,00
Índice da diáfise ao meio (Martin).	85,00	84,61	85,18	88,00	80,00
Índice da largura externa . . . .	16,40	17,88	19,86	—	15,44

*Clavícula 4 (I. A).* Esquerda. Masculina (?). Inserções musculares bem marcadas. Tubérculo conóide de tamanho médio. Extremidade interna de forma ovóide.

*Clavícula 1 (M. S.).* Esquerda. Feminina (?). Inserções musculares pouco desenvolvidas. Tubérculo conóide pequeno. Extremidade interna de forma ovóide.

Nas clavículas tirámos as seguintes medidas e com elas se determinaram alguns índices, que são adiante indicados:

Comprimento total (med. 1 de Martin). Distância rectilínea entre os dois pontos mais extremos das extremidades da clavícula.

Diâmetro vertical a meio da diáfise (med. 4 de Martin). Distância rectilínea que separa a superfície cranial da caudal, tendo a clavícula orientada em relação ao plano superior da extremidade externa.

Menor diâmetro vertical a meio (Olivier). Menor distância rectilínea, que separa a superfície cranial da caudal.

Diâmetro ântero-posterior (med. 5 de Martin). Distância rectilínea que separa a superfície anterior da posterior, medida a meio do osso.

Diâmetro perpendicular ao menor diâmetro vertical a meio (Olivier).

Perímetro a meio da diáfise (med. 6 de Martin). Perímetro medido a meio da diáfise.

Diâmetro horizontal máximo da extremidade externa (Olivier).

*Índice de robustez.*

Perímetro a meio da diáfise vezes 100, a dividir pelo comprimento máximo.

*Índice da diáfise a meio (Olivier).*

Menor diâmetro vertical ao meio vezes 100, a dividir pelo diâmetro sagital ao meio.

*Índice da diáfise a meio (Martin).*

Diâmetro vertical ao meio vezes 100, a dividir pelo diâmetro sagital ao meio.

*Índice da largura externa.*

Diâmetro horizontal máximo externo vezes 100, a dividir pelo comprimento máximo.

O Prof. A. Xavier da Cunha e M. H. Xavier de Moraes, publicaram um trabalho de colaboração, intitulado *Estudo antropológico da clavícula nos Portugueses*, no qual fizeram o estudo dos índices das clavículas dos Portugueses. Dentre esses índices destacaremos os que seguem, com os seus valores médios e o número de clavículas em que foram determinados:

	♂	♀
Índice de robustez . . . . .	25,41 ± 0,13 323 clavículas	23,30 ± 0,13 320 clavículas
Índice da diáfise a meio (Olivier) . . . .	86,68 ± 0,66 489 clavículas	84,42 ± 0,61 388 clavículas
Índice da diáfise a meio (Martin) . . . .	91,12 ± 0,61 489 clavículas	91,36 ± 0,66 388 clavículas
Índice da largura externa . . . . .	16,18 ± 0,18 240 clavículas	15,26 ± 0,17 240 clavículas

Os valores médios dos referidos índices determinados nas 5 clavículas que estudámos são:

Índice de robustez . . . . .	25,06
Índice da diáfise a meio (Olivier) . . . . .	78,06
Índice da diáfise a meio (Martin) . . . . .	84,56
Índice da largura externa . . . . .	17,64

Pelo exame dos nossos índices, verificamos que o primeiro e último têm valores semelhantes aos correspondentes dos autores citados (1). Os outros afastam-se bastante. Lembramos que as clavículas por nós estudadas são apenas em número de cinco, e daí o seu valor estatístico ser pequeno.

### *Úmeros.*

Apenas temos fragmentos. Em dez, os mais aproveitáveis, fizemos as medidas e determinámos os índices conforme indicamos no quadro IV.

O índice diafisário, que traduz o maior ou menor achatamento do úmero, tem aqui valores que vão de 63,41 a 85,00.

Já vários autores fizeram determinações deste índice em maior ou menor número de úmeros e encontraram valores semelhantes.

O Prof. Mendes Corrêa (2) determinou em 51 úmeros, valores que vão de 59,1 a 95,2 e o Prof. A. Xavier da Cunha (3) dá o valor de 70,21, para o mesmo índice, determinado num úmero. Este autor refere que as estações pré-históricas de Carenque e de Cascais, forneceram dois úmeros com os valores 78,17 e 77,46, respectivamente.

Para o índice da cabeça do úmero encontrámos os valores 84,70 (?), 91,83 e 100,00, valores semelhantes aos dos dois primeiros autores, pois o primeiro dá para este índice valores que

---

(1) A. Xavier da Cunha e M. H. Xavier de Moraes, *Estudo antropológico da clavícula dos Portugueses*, Separata das «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa». v. VII, fasc. 52. Coimbra, 1961, págs. 65 e 120, 13 figs. e 2 estampas.

(2) *A jazida pré-histórica de Eira-Pedrinha (Condeixa)*, op. cit.

(3) *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Alju-barrota (Alcobaça)*, op. cit.

## QUADRO IV

Úmeros — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	1	2	3	4	5	6	7
	I. A. E	I. A. E	I. A. D	M. I. D	M. S. D	M. I. D	M. I. E	M. I. D	M. S. E	M. S. D
Largura da epífise inferior . . . . .	—	—	—	—	—	—	52	71	61,5	63
Diâmetro máximo a meio. . . . .	26	20	20,5	—	—	—	20	—	—	—
Diâmetro mínimo a meio. . . . .	17	14,5	13	—	—	—	17	—	—	—
Circunferência mínima. . . . .	60	53	52	—	—	—	69	—	—	—
Diâmetro transverso máximo da cabeça. . . . .	—	—	—	45	41	36 (?)	—	—	—	—
Diâmetro sagital da cabeça . . . . .	—	—	—	49	41	42,5	—	—	—	—
Índice diafisário. . . . .	65,38	72,50	63,41	—	—	—	85,00	—	—	—
Índice da cabeça . . . . .	—	—	—	91,83	100,00	84,70 (?)	—	—	—	—

vão de 90,7 a 100,0 e o segundo dá o valor 102,38 determinado num úmero.

Também D. Ferembach, no seu trabalho *Squelettes du Natoufien d'Israel, étude anthropologique* (1), faz o estudo de alguns crânios e ossos pré-históricos de Israel, e dá para o índice diafisário de 14 úmeros, valores que vão de 65,9 a 82,5.

A perfuração olecraniana existe apenas em dois úmeros. A menor, tem a forma elíptica e a maior, é quase circular, com um diâmetro de 8,5 mm.

*Rádios.*

Foi estudado um rádio inteiro e porções de mais seis, cujas medidas e índices damos no quadro V.

QUADRO V  
Rádios — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	4	5	1	2
	I. A. E	I. A. E	I. A. E	I. A. E	I. A. D	M. S. D	M. S. E
Comprimento máximo . . .	263	—	—	—	—	—	—
Comprimento fisiológico . . .	250	—	—	—	—	—	—
Circunferência mínima . . .	44,5	41,5	41	41	39	44	40
Diâmetro transverso máximo sobre a crista . . . . .	17,5	16	16	—	16	17,5	15,5
Diâmetro ântero-posterior normal ao anterior . . . .	12,5	12,5	11	—	11	13	12
Índice de robustez . . . . .	17,80	—	—	—	—	—	—
Índice diafisário . . . . .	71,42	78,12	68,75	—	68,75	74,28	77,42

O rádio inteiro apresenta um comprimento máximo digno de nota, isto é, de 263 mm. Nos autores que temos citado não encontramos nenhum de tamanho tão grande.

(1) Denise Ferembach, *Squelettes du Natoufien d'Israel, étude anthropologique*, extrait de «L'Anthropologie», t. 65, n.º 1-2, 1961, págs. 46 a 66, 11 figs.

A curva interna é bem marcada. A tuberosidade bicipital é muito desenvolvida. O índice de robustez é de 17,80. O Prof. A. Xavier da Cunha (1), dá o valor de 17,45 para o mesmo índice, determinado num rádio das grutas de Carvalhal de Aljubarrota. D. Ferembach (*op. cit.*), dá valores semelhantes para o mesmo índice nos esqueletos de Natoufien (Israel).

O índice diafisário deste osso nas porções estudadas assume valores que vão de 68,75 a 78,12, valores normais e semelhantes aos destes autores.

#### *Cúbitos.*

Estudámos um cúbito completo, um quase completo e mais 17 porções de outros cúbitos. As medidas e índices que fizemos encontram-se no quadro VI.

O índice de robustez é dado pela relação: circunferência mínima vezes 100, pelo comprimento fisiológico. Tem no cúbito completo e no quase completo, respectivamente, os valores 15,65 e 16,37. Aproxima-se do valor normal do índice de robustez dos europeus, que é de 17.

O índice diafisário é dado pela relação: diâmetro ântero-posterior vezes 100, pelo diâmetro transverso.

Estas medidas foram determinadas no ponto em que é máximo o desenvolvimento da crista.

Este índice foi calculado em 10 cúbitos e tem o valor médio de 79,50. Henri Vallois (2), dá para 15 cúbitos eneolíticos o índice diafisário médio de 85,1.

---

(1) *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, cit.

(2) Henri Vallois, *Les ossements néolithiques de l'Ombrière (Ariège)*, «L'Anthropologie», t. xxxvii, Paris, 1927, págs. 277 a 303, 5 figs.

QUADRO VI

Cúbitos — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	1	2	3	4
	I. A. D	I. A. E	I. A. D	I. A. D	I. A. E	I. A. D	I. A. D	I. A. D	I. A. E	I. A. D	I. A. D	I. A. E	I. A. E	I. A. D	I. A. E	M. S. E	M. S. D	M. S. E	M. S. D
Comprimento máximo .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	265	—
Comprimento fisiológico .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	226	—	230	—
Circunferência mínima .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	29	—	37	—	36	—
Diâmetro ântero-posterior na crista. . .	16	13	13	12	13,5	—	—	—	12	—	—	—	10,5	—	—	15	15	14	—
Diâmetro transverso na crista . . . . .	19	17	17,5	14	17,5	—	—	—	15,5	—	—	—	12	—	—	20	20	17	—
Diâmetro transverso ao nível da pequena cavidade glenoideia . .	24	21	24	17	19	18	21,5	16	18	19	16,5	17	16,5	—	16,5	25	27,5	22	26,5
Diâmetro ântero-posterior ao nível da peq. cavidade glenoideia .	28	24	25	22,5	25	22	23	20	22	22,5	19	22	19	—	19	28	29	24	27,5
Índice de robustez . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16,37	—	15,65	—
Índice diafisário . . .	84,21	76,47	74,28	85,71	77,14	—	—	—	77,42	—	—	—	87,50	—	—	75,00	75,00	82,35	—
Índice de platolenia . .	85,71	87,50	96,00	75,55	76,00	81,81	93,47	80,00	81,81	84,44	86,84	77,27	86,84	—	86,84	89,28	94,32	91,66	96,36

O índice de platolenia, que traduz o grau de achatamento transversal do cúbito é dado pela relação: diâmetro transverso superior vezes 100, pelo diâmetro ântero-posterior.

Estas medidas foram determinadas ao nível do bordo inferior da pequena cavidade sigmoideia, segundo a técnica de Martin.

Os valores que achamos para este índice vão de 75,55 a 96,36, e o valor médio é de 86,23.

A classificação ou nomenclatura deste índice dada por Olivier (1) é a seguinte:

Platolenia (cúbito achatado) . . . . .	× — 79,9
Eurolenia (cúbito de achatamento médio) . . . . .	80 — 99,9
Hiperculenia (cúbito arredondado) . . . . .	maior que 100,00

Nos cúbitos que medimos há uma predominância de achatamento transversal moderado (eurolenia).

#### *Fémures.*

Estudamos dois fémures quase inteiros e 17 fragmentos de outros. Neles determinámos várias medidas e índices que vão indicados no quadro VII.

O índice de robustez calcula-se multiplicando por 100 a soma do diâmetro ântero-posterior com o diâmetro transverso, ambos a meio da diáfise, dividindo a seguir o produto obtido pelo comprimento máximo do osso.

Estas medidas foram determinadas segundo a técnica da Escola Francesa e a de Martin. Na primeira técnica o meio da diáfise é o ponto médio do comprimento do osso. Na segunda o meio da diáfise é o ponto em que a linha áspera apresenta maior saliência.

---

(1) Georges Olivier, *Pratique Anthropologique*, Paris, 1960, 299 págs., 73 figs.



O índice de robustez, determinado pelas técnicas referidas, é expresso no fémur n.º 1 (I. A.), respectivamente por 13,05 e 13,05, e no fémur n.º 1 (M. S.) por 13,88 e 13,66.

Estes valores estão próximos dos obtidos para o mesmo índice na maior parte das raças humanas.

O índice pilástrico traduz essencialmente o grau de saliência da linha áspera. É dado pela relação: diâmetro ântero-posterior a meio da diáfise vezes 100, a dividir pelo diâmetro transverso a meio da diáfise.

A nomenclatura deste índice é a seguinte:

Pilástrico fraco . . . . .	100 a 109,9
Pilástrico médio . . . . .	110 a 119,9
Pilástrico forte . . . . .	de 120 para cima

Os valores deste índice obtidos por nós em 2 fémures quase inteiros e em 8 diáfises, vão de 101,72 a 127,27. Pelo exame do quadro VII vemos que dos fémures estudados 6 têm a linha áspera fraca, 3 têm-na média e 1 tem-na forte.

O índice de platimeria dá-nos o achatamento eventual da extremidade superior do corpo do fémur e é dado pela relação entre o diâmetro ântero-posterior sub-trocanteriano vezes 100 e o diâmetro transverso sub-trocanteriano.

Determinámos estas medidas pela técnica de Manouvrier e Martin. A primeira técnica exprime melhor o achatamento do osso. Por ela a primeira medida é feita no local de maior achatamento da região sub-trocanteriana. A segunda medida é feita perpendicularmente a esta. Esta técnica não toma em conta a orientação do osso.

Na segunda técnica, a de Martin, a primeira medida é feita a meio da saliência do bordo lateral (*torus lateralis femori*), quando existe. Se este falta, mede-se no espaço que fica entre 2 a 5 cm

abaixo do pequeno trocânter. A segunda medida é feita perpendicularmente a esta. Aqui o osso tem que estar orientado.

A classificação deste índice, dada por Olivier (1) é a seguinte:

Hiperplatimeria (achatamento acentuado) . . . . .	× a 75
Platimeria (fémur achatado de diante para trás, abaixo dos trocânteres). . . . .	75 a 84,9
Eurimeria (fémur arredondado abaixo dos trocânteres) . . . . .	85 a 99,9
Estenomeria (fémur um pouco achatado transversalmente abaixo dos trocânteres) . . . . .	acima de 100

No quadro VII, estão indicados os valores deste índice determinados pelas duas técnicas. O valor médio dado pela de Manouvrier é 79,55 e pela de Martin é 78,63.

Henri Vallois (2) encontrou em 21 fêmures eneolíticos o índice médio de 73,7. Outros autores encontraram valores próximos dos nossos.

Há, portanto, nos fêmures estudados por nós, um predomínio de fêmures platiméricos, como é frequente nos neolíticos. O Prof. Georges Olivier (cit.) diz que «a platimeria aparece com os neolíticos».

Para o índice de cabeça femural obtivemos os valores 100,00 e 97,70.

O terceiro trocânter, a crista e a fossa hipotrocantérica existem com bastante frequência nos fêmures estudados, ainda que pouco pronunciados.

---

(1) Georges Olivier, *Pratique Anthropologique*, cit., pág. 289.

(2) *Les ossements énéolithiques de l'Ombrière (Ariège)*, cit.

*Rótulas.*

Medimos 9 rótulas, como indicamos no quadro VIII.

O índice de altura-largura tem valores que vão de 84,14 a 100,00, valores semelhantes aos dos europeus actuais.

QUADRO VIII

Rótulas — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2		1	2	3	4	5	6
	I. A.	I. A.	I. A.	M. S.	M. S.	M. S.	M. S.	M. S.	M. S.
	D	D	D	E	E	D	D	D	D
Altura máxima . . .	44	39	38	46	33,5	44	43	44	34,5
Largura máxima . . .	44,5	39	39	45,5	38	45	45	50	41
Índice da altura-largura .	98,87	100,00	97,43	101,09	93,42	97,77	95,55	88,00	84,14

*Tíbias.*

As medidas e os valores dos índices determinados numa tíbia completa e 6 porções de tíbias, dou-as no quadro IX.

QUADRO IX

Tíbias — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	1	2	3	4	5	6
	I. A.	M. S.					
	D	E	D	E	E	D	E
Comprimento total . . .	—	355	—	—	—	—	—
Diâmetro ant. post. ao nível do buraco nutritivo . .	40	31	34	34,5	42	38,5	37
Diâmetro transverso ao mesmo nível . . . . .	22	25	29	28	30,5	29	29,5
Circunferência mínima . .	74	72	80	81	86	83	—
Índice de robustez . . . .	—	20,28	—	—	—	—	—
Índice cnémico . . . . .	55,00	80,64	85,29	81,15	72,61	75,32	79,72

Um dos caracteres mais importantes das tíbias neolíticas e eneolíticas é a platicnemia dada pelo índice cnémico (*Index cnemicus*), que é a relação centesimal entre a largura (diâmetro transverso) e a espessura (diâmetro ântero-posterior) da diáfise, ao nível do buraco nutritivo. Obtém-se multiplicando o diâmetro transverso por 100 e dividindo o produto pelo diâmetro ântero-posterior.

Os valores que obtivemos, para este índice, vão de 55,00 a 85,29 e o seu valor médio é de 75,67, valor muito elevado em relação aos obtidos por outros autores.

Henri Vallois em *Les ossements énéolitiques de l'Ombrive (Ariège)*, cit., refere o estudo de 14 tíbias e dá-nos o valor 66 para a média do índice cnémico, bastante mais baixo do que o dos ossos de Sesimbra.

O Prof. Barbosa Soeiro e A. M. Viana Fernandes, no trabalho *O índice cnémico nas tíbias humanas mesolíticas de Muge* (1), obtiveram  $62,88 \pm 0,36$ , como valor médio do mesmo índice em 97 tíbias direitas e esquerdas. No trabalho *O índice cnémico das tíbias humanas das estações neolíticas portuguesas* (2), os mesmos autores obtiveram em 287 tíbias adultas, valores do índice cnémico que vão de 50,00 a 90,00 e o valor médio  $65,35 \pm 0,240$ .

O valor 75,67, média dos índices cnémicos das 6 tíbias da gruta do Bugio, é acentuadamente alto. Mas o significado estatístico deste valor é pequeno por assentar apenas em 6 casos.

O índice de robustez, que é dado pela relação: circunferência mínima vezes 100 pelo comprimento total, foi determinado apenas

---

(1) Barbosa Sueiro & A. M. Viana Fernandes, *O índice cnémico nas tíbias humanas mesolíticas de Muge*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», t. XIX, Lisboa, 1935, págs. 211 a 221.

(2) Barbosa Sueiro & A. M. Viana Fernandes, *O índice cnémico das tíbias humanas das estações neolíticas portuguesas*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», t. XX, Lisboa, 1936, págs. 3 a 17, 1 fig.

na única tíbia completa. Tem o valor de 20,28, que concorda com os achados por outros autores em ossos neolíticos e eneolíticos.

*Astrágalos.*

Tirámos medidas em 11 astrágalos. Com elas determinámos os índices da largura e da altura que traduzem, respectivamente, a largura e a altura relativas do osso.

Os valores do primeiro vão de 68,88 a 84,31 e tem como valor médio 76,64. É um índice de pouca variação nas raças humanas. Olivier (1) assinala que ele evolui de 75 a 80 nas raças humanas e que nos Negritos é de 85.

Os valores do índice de altura vão de 50,94 a 61,11 e tem como valor médio 55,84, valor coincidente com as determinações feitas por vários autores em ossos neolíticos.

QUADRO X

Astrágalos — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	4	1	2	3	4	5	6	7
	I. A. E	I. A. D	I. A. D	I. A. E	M. S. E	M. S. E	M. S. E	M. S. E	M. S. D	M. S. D	M. S. D
Comprimento .	53	53	49,5	45	52	51	50,5	45	53	55	54
Largura . . .	40,5	40,5	38	33,5(?)	41,5	43	40	31	41,5	41	40
Altura . . .	27 (?)	30	27,5	27,5	30,5	29,5	27,5	24	29,5	30	30
Índice largura- -comprim. .	76,41	76,41	76,76	74,44	79,80	84,31	79,20	68,88	78,30	74,54	74,07
Índice altura- -largura. .	50,94	56,60	55,55	61,11	58,65	57,84	54,45	53,33	55,66	54,54	55,55

*Calcâneos.*

Em 16 calcâneos fizemos várias medidas e determinámos alguns índices conforme indicamos no quadro XI.

(1) Georges Olivier, *Pratique Anthropologique*, cit.

## QUADRO XI

Calcâneos — medidas (em mm) e índices

Medidas e índices	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
	I. A. E	I. A. E	I. A. E	I. A. D	M. S. E	M. S. E	M. S. D									
Comprimento máximo .	90	79	69	81	76	79	84	80,5	77,5	87	71,5	87	86	88,5	77	79,5
Largura mediana . .	42	39	35	44	39	38	42	39	41	—	41	41,5	43	42,5	38	37
Largura mínima. . .	32	28	25	27,5	25	29	27	28	26,5	27	24	28	28,5	30	28	27
Altura do calcâneo . .	40	37	31	40	39	35	38	36	38	38	34,5	39,5	38,5	42	40	36
Índice de comprimento-																
-largura mediana. .	46,66	49,36	50,72	54,32	51,31	48,10	50,00	48,44	52,90	—	57,34	47,70	50,00	48,02	49,35	46,54
Índice de comprimento-																
-largura mínima . .	35,55	35,44	36,23	33,95	32,89	36,70	32,14	34,77	34,19	31,03	33,56	32,18	33,14	33,89	36,36	33,96
Índice de comprimento-																
-altura. . . . .	44,44	46,83	44,92	49,38	51,31	44,30	45,23	44,72	49,03	43,67	48,25	45,40	44,77	47,45	51,94	45,28

Os valores obtidos para o índice comprimento-largura mediana vão de 46,54 a 57,34 e o seu valor médio é de 50,15. Os do índice comprimento-largura mínima vão de 31,03 a 36,70. O valor medio é de 34,12. Os valores do índice comprimento-altura vão de 43,67 a 51,94. O seu valor médio é de 46,68.

### Avaliação da estatura

Infelizmente é muito restrito o número de ossos longos, que nos permitam medir o seu comprimento. Apenas temos um rádio, um cúbito, dois fémures e uma tibia, inteiros.

Há muitos métodos para a determinação da estatura provável dos indivíduos em função do comprimento de um osso longo.

Vamos dar a estatura provável dos indivíduos, cujos restos ósseos estamos a estudar, pelos três processos mais correntes, apesar de todos eles serem imperfeitos.

*Tabela de Manouvrier:*

	Medidas (mm)	Sexo	Estatura calculada (cm)
Rádio. . . . .	263 . . . .	♂ (?) . . . .	176,3
Cúbito . . . . .	265 . . . .	♂ (?) . . . .	168,3
Fémur . . . . .	450 . . . .	♂ (?) . . . .	167,2
Fémur . . . . .	448 . . . .	♂ (?) . . . .	166,9
Tibia. . . . .	355 . . . .	♀ (?) . . . .	160,4
Estatura média provável masculina . . . . .			169,9
Estatura provável feminina dada por uma tibia . . . . .			160,4

*Tabela de Pearson:*

	Medidas (mm)	Sexo	Estatura calculada (cm)
Rádio . . . . .	263 . . . . .	♂ (?) . . . . .	171,9
Fémur . . . . .	450 . . . . .	♂ (?) . . . . .	165,9
Fémur . . . . .	448 . . . . .	♂ (?) . . . . .	165,5
Tibia. . . . .	355 . . . . .	♀ (?) . . . . .	158,2
Estatura média provável masculina . . . . .			167,8
Estatura provável feminina dada pela tibia . . . . .			158,2

*Tabela de M. Trotter & G. C. Gleser (para brancos) (1).*

	Medidas (mm)	Sexo	Estatura calculada (cm)
Rádio . . . . .	263 . . . . .	♂ (?) . . . . .	178,3
Cúbito . . . . .	265 . . . . .	♂ (?) . . . . .	172,0
Fémur . . . . .	450 . . . . .	♂ (?) . . . . .	168,5
Fémur . . . . .	448 . . . . .	♂ (?) . . . . .	168,0
Tibia. . . . .	355 . . . . .	♀ (?) . . . . .	165,5
Estatura provável masculina . . . . .			171,6
Estatura provável feminina dada pela tibia . . . . .			165,5

As estruturas prováveis que calculámos nos poucos ossos inteiros de que dispomos foram, segundo os métodos ou tabelas empregadas, as seguintes:

	♂	♀
Tabela de Manouvrier . . . . .	169,9	160,4
Tabela de Pearson . . . . .	167,8	158,2
Tabela de Trotter & Gleser . . . . .	171,6	165,5

(1) M. Trotter & G. C. Gleser, *Estimation of stature from long bones of american whites and negroes american*, «Journal of Physical Anthropology», t. 10, n.º 4, 1952, págs. 463-514.

Se determinarmos as médias masculina e feminina dos valores calculados pelas três tabelas obtemos para os homens 169,8 e para as mulheres 161,4.

É bom, no entanto, não esquecer que estes números estão sujeitos a um erro de  $\pm 4$  cm, como refere Olivier (1).

O Prof. A. Xavier da Cunha (2), aplicando a tabela de Pearson obteve, em 4 ossos das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota, a estatura média provável masculina de 164,2 e dá os valores encontrados nas seguintes estações: Eira Pedrinha (pela tabela de Manouvrier) 159,2 ( $\sigma$ ); Carenque e Cascais 160,1 ( $\sigma$ ); Melides 163,0 (um único indivíduo).

Também o Prof. Vallois (3) diz que em 15 ossos masculinos igualmente eneolíticos, representando pelo menos 7 indivíduos masculinos, obteve pela tabela de Manouvrier, a estatura média provável de 167,6 cm. O mesmo autor em 4 ossos de dois indivíduos, obteve a estatura provável de 158,0.

Os nossos valores aproximam-se bastante dos obtidos pelo Prof. Vallois nos ossos neolíticos de l'Ombrive, embora um pouco superiores, especialmente o da média feminina que é maior 2,4 cm. Não se esqueça porém que o valor por nós achado assenta apenas numa tíbia que se presume feminina.

---

(1) Georges Olivier, *Pratique Anthropologique*, cit.

(2) A. Xavier da Cunha e M. A. Neto, *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, cit.

(3) Henri Vallois, *Les ossements énéolithiques de l'Ombrive (Ariège)*, cit.

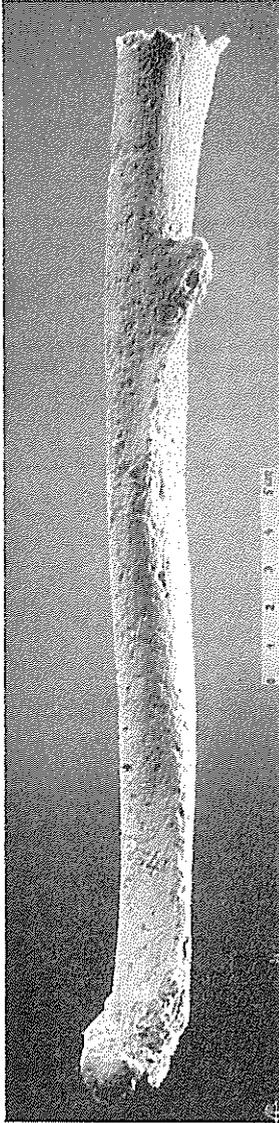


Fig. 15—Excrescência óssea no terço superior dum úmero

### Patologia

Em três vértebras lombares, possivelmente L 2, L 4 e L 5 (Fig. 16) e pertencentes talvez à mesma coluna vertebral, notamos a existência de exuberantes exostoses, formações patológicas indicadoras dum padecimento espôndilo-artrósico anquilosante.

A L 2 tem estas formações nos bordos superior e inferior do corpo da vértebra. As do bordo inferior são mais desenvolvidas e formam um rebordo saliente em quase toda a metade anterior do corpo da vértebra.

A L 4 e a L 5 estão soldadas pela região anterior dos bordos contíguos, em virtude da substância óssea neoformada no bordo de L 5, ter atingido o bordo inferior da L 4.

A L 4 tem ainda uma excrescência óssea bastante volumosa, que se formou a partir de quase toda a porção externa e direita do corpo vertebral, indo além da face superior 14 mm. Esta formação óssea tem 32 mm de altura, 38 mm de largura e 11 mm de espessura máxima.

Têm sido assinalados numerosos casos similares reveladores de padecimentos osteoartríticos, quer no Homem do Paleolítico,

quer no do Neolítico e até no Homem de idades mais recentes, como seja entre os egípcios antigos (1).

O nosso espólio forneceu-nos também um sacro, incompleto, com seis vértebras, por sacralização da 5.<sup>a</sup> lombar.

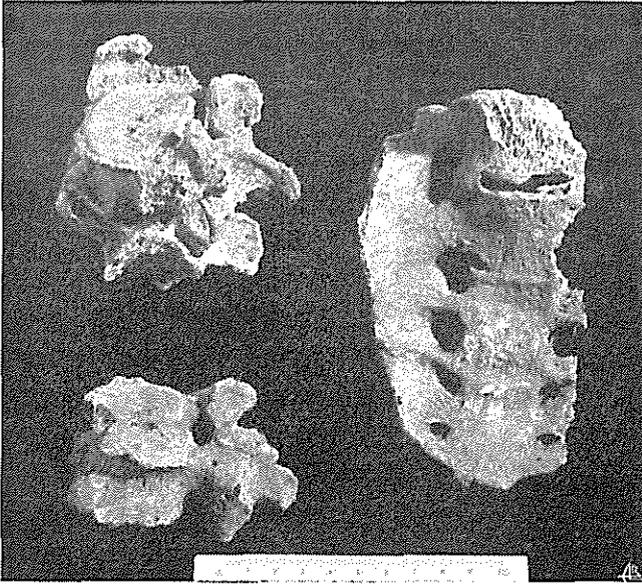


Fig. 16 — Vértebras lombares com exostoses; sacralização da 5.<sup>a</sup> lombar

Num úmero incompleto (Fig. 15), a que falta o terço superior, há uma excrescência óssea alongada no lábio externo da impressão deltóide, com 55 mm de comprimento e 2 mm de largura, encimada por um pequeno tubérculo de 17 mm de comprimento, 6 mm de altura máxima e 7 mm de largura.

Na crivagem da terra procedente da escavação, apareceram muitos dentes soltos, alguns de leite e outros da segunda denti-

(1) A. Arould, *Sur la préhistoire de l'ankilose vertébral chronique*, *Klinische Wochenschrift*, t. 16, 1937, págs. 1286-1288, 2 figs.

ção. Destes, 20 são incisivos, 15 caninos, 24 pequenos molares e 15 grandes molares.

Ainda implantados nos alvéolos de uma mandíbula e de porções mandibulares: 2 incisivos, 4 caninos, 12 pequenos molares e 49 grandes molares. Ao todo temos 141 dentes definitivos.

Em todos estes dentes, há apenas 3 grandes molares cariados. Dois são os M<sup>1</sup> e M<sup>2</sup> da metade esquerda do maxilar superior e têm ambos cáries intersticiais profundas que atingem a câmara polpar. As locas formadas são circulares e tem uns 6 mm de diâmetro. O outro tem também um buraco de forma quase elíptica com o diâmetro, maior e transversal de 7,5 mm, e o menor de 4 mm, também por cárie profunda.

O facto de aparecerem apenas 3 dentes cariados em 100 molares, indica-nos que a cárie dentária era relativamente pouco frequente nos indivíduos sepultados na gruta do Bugio.

Henri Vallois, no seu trabalho *Les ossements néolithiques de l'Ombrive (Ariège)*, já citado, refere que em 225 dentes apenas 6 estavam cariados. Isto levou-o a concluir que a cárie dentária era pouco frequente entre os homens de l'Ombrive.

No entanto o anatomista Vogt, por ter examinado um só crânio do Homem de l'Ombrive, existente na Société d'Anthropologie, de Paris, com 2 molares implantados e com cárie, e por sobre este crânio ter aparecido um outro molar também cariado, concluíra que a cárie era muito frequente entre os homens de l'Ombrive.

Vallois (1), declara ainda, baseado em investigações suas e nas de outros investigadores, que a cárie dentária não é uma doença tão recente como se pensava, mas que ela remonta ao Mesolítico e até ao fim do Paleolítico.

---

(1) Henri Vallois, *La carie dentaire et la chronologie des Hommes préhistoriques*, L'Anthropologie, t. 47, 1936, Paris, págs. 201 e 202.

Há ainda a salientar o desgaste acentuado da superfície trituradora de muitos destes dentes, que parece ser um carácter geral dos neolíticos. Vogt atribuiu este desgaste ao uso dum pão com pequenas porções de sílex (1).

### Arqueologia

A gruta tem um enchimento de terra fina com grande quantidade de pedras de vários tamanhos à mistura.

Os ossos que escavei apareciam em completa desordem. É de crer que nas escavações anteriores tivesse sido encontrada a mesma desordem, indicadora de inumações sucessivas.

O material arqueológico colhido por nós na escavação que realizámos na gruta do Bugio em Outubro de 1962, é o seguinte:

#### *Placas-idolos.*

São em número de cinco e todas de ardósia. Reproduzimos três, as melhor conservadas, na fig. 17. Quatro têm a forma trapezoidal e apresentam-se gravadas. Uma outra é rectangular e não tem gravação, pelo menos aparente.

Duas placas estão intactas e as outras duas estão um pouco quebradas. A que não tem gravação está fracturada nos quatro cantos.

Uma delas, a mais importante quer pelo seu estado de conservação, quer pela beleza do gravado, tem dois orifícios, um maior que o outro, na extremidade mais estreita. Todas as outras têm apenas um orifício.

#### *Machados.*

Os machados são três. Dois são de sílex. Destes, o maior, com 10 cm de comprimento, está fracturado, especialmente no gume.

---

(1) *Les ossements néolithiques de l'Ombrière*, cit.

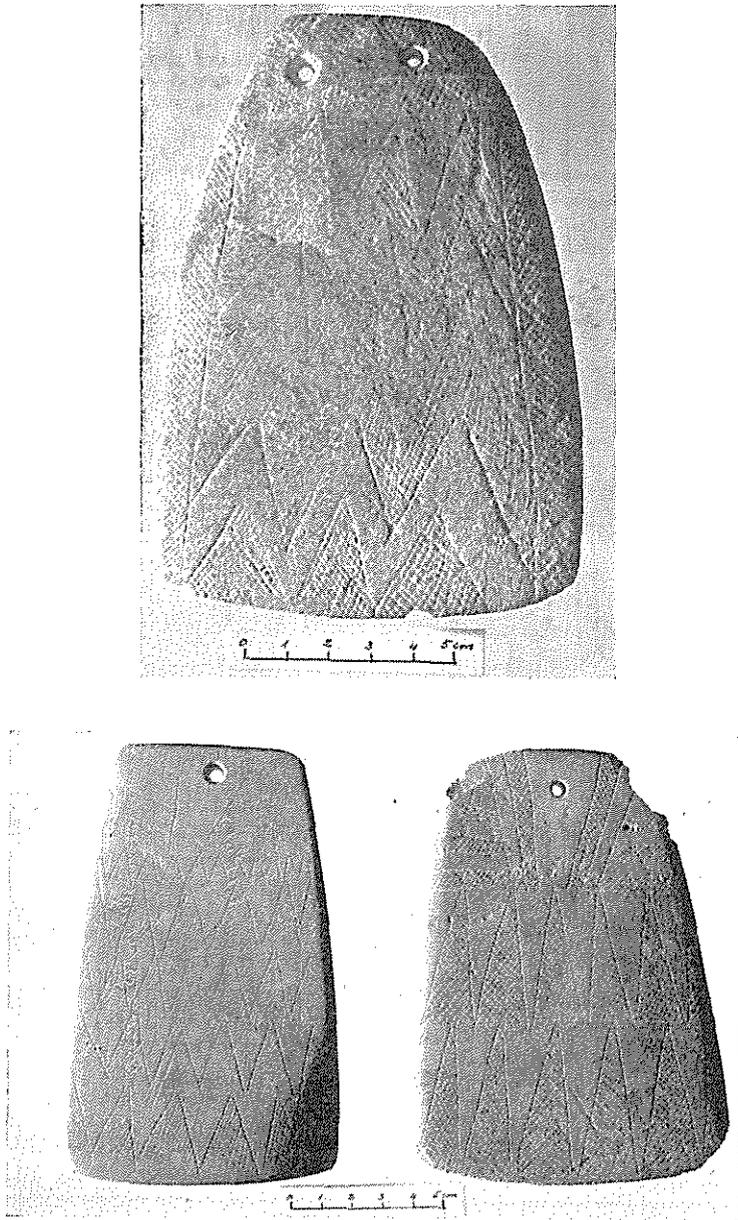


Fig. 17 — Placas-ídeos

O outro tem 8 cm de comprimento e está intacto. Um outro, de anfíbolite, em perfeito estado de conservação, tem 7,6 cm de comprimento.

*Pedra de afiar.*

É um grés, de forma quadrada, com 5 cm de lado por 1,3 cm de espessura. Um dos lados apresenta-se côncavo, devido ao desgaste provocado pelo uso.

*Ídolos cilíndricos.*

São em número de quatro. Um, o maior, a que falta uma pequena porção numa extremidade, tem 23 cm de comprimento e 26,1 cm de perímetro máximo; outro, mais pequeno, tem 13,6 cm de comprimento, e 13,7 cm de perímetro; outro ainda mais pequeno e incompleto tem 7,8 cm de perímetro e 6,3 cm de comprimento. O quarto é um ídolo cilíndrico de *gola*, com 6,2 cm de comprimento.

*Objectos de osso.*

Temos um ídolo cilíndrico de *gola* e mais duas porções, possivelmente de ídolos semelhantes ao anterior.

Um objecto de osso de forma quase cilíndrica, com 6,9 cm de comprimento e 6,2 cm de perímetro, que não sei classificar. Há ainda uma pequena peça com cerca de 3 cm de comprimento e ornamentada com sulco helicoidal que provavelmente será a cabeça dum *acus crinalis*.

*Objectos de sílex.*

Uma faca completa e uma pequena porção de outra, 3 pontas de seta completas, a base duma outra e um raspador.

*Contas.*

Dez pequenas contas de ardósia, duas pequenas de calcário (?) uma pequena de calaíte, uma pequena conta de vidro (?), preta, uma grande conta de vidro (?) com 2,4 cm de largura e 7,5 cm de perímetro, e a metade duma conta de madeira, com 3,3 cm de largura e com o aspecto fusiforme.

*Cerâmica.*

Muito abundante. Dela realçamos uma porção do bordo superior dum vaso de tipo campaniforme com 30 cm de comprimento; a boca deste vaso devia ter um diâmetro de 22 cm; e um pedaço do bojo e superior de outro vaso, mais pequeno, do mesmo tipo.

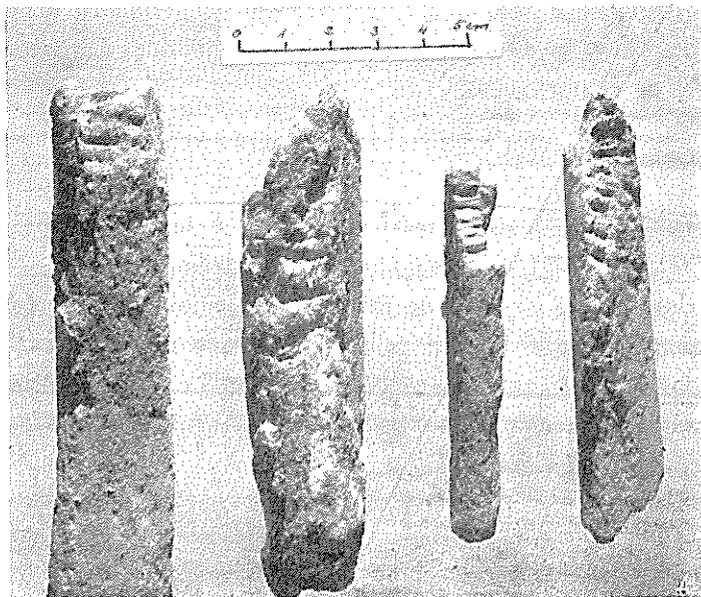


Fig. 18 — Fragmentos ósseos com entalhes ou incisões nitidamente intencionais

*Ossos com incisões transversais.*

Em 4 fragmentos de ossos (Fig. 18), existem diversas incisões transversais, nitidamente intencionais, cujo significado nos escapa. Há ainda um outro fragmento de osso com incisões esboçadas.

**Cronologia e Conclusões**

Parece poder afirmar-se, tendo em conta as investigações empreendidas no concelho de Sesimbra, pelo ilustre geólogo Carlos Ribeiro e por outros investigadores, que esta região já era habitada pelo Homem nos períodos Paleolítico e Neolítico.

A descoberta recente de algumas grutas, atrás citadas e subsequentes explorações no referido concelho, forneceram novos elementos sobre a existência do Homem nesta região, em períodos posteriores.

Conjuntamente com o material osteológico humano, foram encontradas nestas grutas diversas peças arqueológicas e cerâmica muito variada.

Muito deste material já foi cuidadosamente estudado pelos Srs. Rafael Monteiro e Dr. Eduardo da Cunha Serrão (1), que concluíram ter sido a Gruta do Bugio utilizada como necrópole no tempo decorrido entre os meados do terceiro milénio a. C. e os primeiros séculos do segundo milénio a. C.

Nas pequenas escavações, feitas na referida gruta, pelo Prof. Santos Júnior em Novembro de 1961 e por nós em Outubro de 1962, recolheu-se o espólio ósseo e o material arqueológico, referido atrás. Este último é semelhante ao escavado pelos autores referidos.

O material arqueológico será objecto de um estudo especial. No presente trabalho, essencialmente osteológico, não lhe podíamos deixar de fazer alusão, embora de maneira sucinta.

---

(1) Rafael Monteiro e Eduardo da Cunha Serrão, *Estação Isabel (Necrópole pré-histórica da Azóia)*, cit.

Nos crânios estudados, apesar de todos eles estarem incompletos, determinámos várias medidas e com algumas delas determinámos alguns índices.

Os valores destes são concordantes com os valores encontrados por outros autores, com excepção do índice cefálico do crânio n.º 1 (I. A.) que é de 85,88 e que lhe dá uma nítida e aberrante hiperbraquicefalia. Pelo exame atento do referido crânio verificámos que esta não é devida a deformação *post mortem*, mas sim a um aumento do diâmetro transverso máximo em relação com o diâmetro ântero-posterior.

A sua capacidade craniana, calculada pelo método de Broca, por aproximação, dada a destruição da base, foi de 1.100 cm<sup>3</sup>.

Mesmo que se trate dum indivíduo feminino, esta capacidade é bastante baixa, podendo mesmo talvez evocarem-se razões de ordem patológica (por ex. tendência à microcefalia), para explicar o facto aberrante desta hiperbraquicefalia.

O estudo realizado nos ossos longos inumados na gruta do Bugio mostrou-nos que a estatura média provável era de 169,8 cm, para o sexo masculino e de 161,4 cm para o feminino, valores determinados pelas tabelas referidas. Verifica-se serem bastante próximos dos valores referidos por Henri Vallois (1), quer nos homens (167,6 cm) quer nas mulheres (158,0 cm) da caverna eneolítica francesa de l'Ombrive.

É meu propósito com a ajuda do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto, e do Instituto de Alta Cultura fazer novas escavações na Gruta do Bugio.

Se nelas encontrar mais ossos, e sobretudo em melhor estado de conservação, darei conhecimento, como me cumpre, em novo trabalho.

---

(1) *Les ossements énéolithiques de l'Ombrive (Ariège)*, cit.

# A aplicação de métodos da Física à Arqueologia <sup>(1)</sup>

POR

Dr. M. J. Aitken

Research Laboratory for Archeological  
and the History of Art, Univ. Oxford

---

Apresentaremos muito sumariamente, neste artigo, alguns processos laboratoriais que permitem recolher, dos vestígios arqueológicos, informações que os olhos humanos não logram descobrir. Noutro artigo discutiremos os resultados obtidos com o magnetómetro de protões e o resistivímetro em várias estações de Portugal <sup>(2)</sup>.

Não se julgue que estas técnicas novas rivalizam com os métodos tradicionais da arqueologia; dão simplesmente maiores possibilidades ao arqueólogo no seu trabalho tão difícil de reconstruir o passado servindo-se dos raros vestígios que se conservaram até hoje. Muito naturalmente, o arqueólogo do século passado examinava os seus achados ao microscópio; o do século XX, porém, considera a radiografia como um processo normal de

---

(1) Tradução do original inglês pelo Sr. Dr. Jorge Alarcão, Assistente da Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra.

(2) O Dr. M. J. AITKEN esteve em Portugal, de 28 de Setembro a 8 de Outubro de 1964, a convite do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e inteiramente subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Visitou as estações de Casal do Zambujal (Torres Vedras), Muge, S. Sebastião (Leiria), Conimbriga e Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém), onde ensaiou o magnetómetro e o resistivímetro. Veja-se uma notícia desta visita na *Revista de Guimarães*, LXXIV (1964).

análise, e começa a aprender a utilizar os métodos mais complexos e sofisticados que a tecnologia moderna tornou possíveis. Não é necessário que o arqueólogo se torne um cientista mas é essencial que tome consciência das possibilidades novas que hoje existem e da confiança que podem merecer os resultados obtidos. É importante ter-se um conhecimento esclarecido dos métodos e o arqueólogo que os considerar todo-poderosos cedo sofrerá uma desilusão; deve aprender a utilizar este novo tipo de dados e a considerá-los como complementares dos que se obtêm pelos métodos tradicionais. Não obstante os progressos extraordinários da ciência moderna, a observação do arqueólogo especializado e com larga experiência continua a ser um instrumento que não encontrará facilmente um rival.

#### Datação pelo carbono radioactivo

A datação pelo carbono radioactivo tem sido, até agora, a mais importante de todas as técnicas novas. Como o método é hoje bem conhecido (vejam-se, por exemplo, LIBBY, 1955, AITKEN, 1961), faremos aqui apenas um breve resumo.

Baseia-se este método no facto de, por virtude das radiações cósmicas, toda a matéria orgânica viva — seja planta ou animal — ser ligeiramente radioactiva; a proporção de carbono 14 para carbono 12 é a mesma, quer se trate de plantas ou animais. Depois da morte, a radioactividade diminui lentamente; o decréscimo de radioactividade de muitos materiais, particularmente da madeira bem conservada e do carvão, processa-se rigorosamente segundo o período do carbono 14. Quer isto dizer que a radioactividade diminui de 1% por cada período de 83 anos, ou, por outras palavras, que desce para metade do seu valor original em 5.730 anos. Posto isto, e assumindo que a radioactividade da matéria orgânica viva foi sempre a mesma, é possível,

medindo a radioactividade de carvão achado nos restos de uma fogueira ou de madeira conservada num túmulo, determinar quantos séculos passaram desde que a madeira deixou de ser parte de uma árvore viva. O método também pode aplicar-se à turfa, folhas, nozes, papel, tecidos, cabelo, pele, ossos carbonizados e chifres.

A aparelhagem necessária para medir a radioactividade de uma amostra é complicada e dispendiosa, e o custo de uma análise feita por um laboratório comercial (por exemplo, Isotopes Inc., 123, Woodland Avenue, Westwood, New Jersey, E. U. A.) é de cerca de 6.000\$00. O processo destrói completamente a amostra, que deve pesar entre 1 grama, no caso de madeira ou carvão, e 100 gramas, no caso de ossos carbonizados. A radioactividade de materiais muito antigos é bastante fraca e a maior parte dos laboratórios não pode analisar amostras com mais de 50.000 anos. Além desta dificuldade de avaliação da radioactividade, os materiais muito antigos são facilmente contaminados por matérias orgânicas «modernas» e é preciso muito cuidado na recolha das amostras.

A ideia de que a radioactividade da matéria orgânica viva foi sempre a mesma não é exacta. Algumas análises de árvores cuja idade se conhecia (pelo número de anéis de crescimento) mostraram que, nos últimos 2.000 anos, houve variações de cerca de 2% acima e abaixo do nível médio. Estas variações correspondem a uma indeterminação cronológica de  $\pm 170$  anos — o que limita a utilidade do método quando aplicado a amostras recentes. Além disto, deve ter-se presente a possibilidade de um intervalo considerável entre a morte da árvore e o espólio arqueológico no qual se encontrou a amostra.

É possível que, em milénios anteriores, as flutuações de radioactividade da matéria viva correspondam a uma indeterminação cronológica superior a  $\pm 170$  anos; todavia, as provas

feitas com amostras cuja cronologia era conhecida indicam que, antes de 2.000 a.C., o erro é inferior a  $\pm 170$  anos. Nestas experiências usaram-se madeiras de túmulos egípcios, anéis interiores de sequoias gigantes e pinhas. Ainda que a datação pelo carbono 14 não forneça necessariamente uma cronologia indiscutível antes de 2.000 a.C. — embora essa cronologia tenha quase todas as probabilidades de ser efectivamente certa —, de qualquer modo fornece uma cronologia útil aplicável a todo o mundo.

### Arqueomagnetismo (datação magnética)

Tal como a datação pelo carbono radioactivo, a *datação magnética* (veja-se, por exemplo, AITKEN, 1961) é outro método baseado num fenómeno natural alheio à acção do homem. O *quantum* variável com o tempo em que este método se baseia é a direcção do campo magnético terrestre. Esta direcção é definida pela declinação magnética (ângulo entre o norte geográfico e o magnético) e pelo ângulo de inclinação (desvio das linhas magnéticas em relação à horizontal). Conhecemos a *variação secular* destes ângulos em Londres, no curso dos últimos séculos, pelos registos, feitos por cientistas, de observações directas em agulhas magnéticas (Fig. 1), mas dispomos também de um registo accidental quase desde que o homem descobriu o fogo. Quando se coze a argila, os domínios magnéticos do óxido de ferro que a argila contém em pequena percentagem (sob as formas ferromagnéticas de *magnetite* e *hematite*) alinham-se de um modo geral pelo campo magnético terrestre (Fig. 2). Quando a argila arrefece a direcção destes domínios conserva-se «congelada» e a argila adquire um ligeiro momento magnético cuja direcção é idêntica à do campo terrestre. Este fenómeno, chamado *magnetismo termo-remanescente* foi objecto de aturadas investigações pelo Professor E. Thellier do Institut de Physique du Globe, de Paris. O mesmo

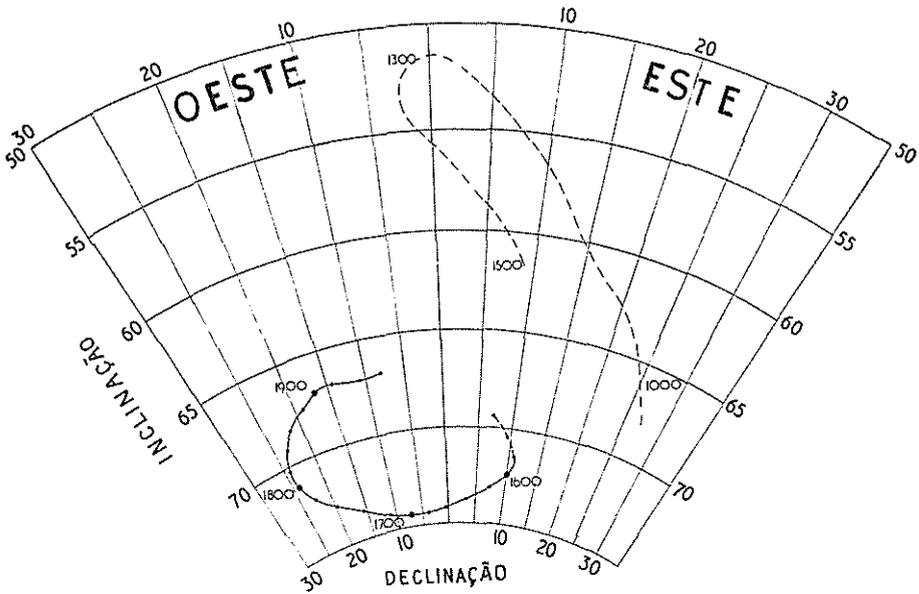


Fig. 1 — Variação do campo magnético terrestre (no centro da Inglaterra) através dos séculos. A curva a traço cheio obteve-se por medidas directas. A curva a tracejado mostra os valores prováveis obtidos pela análise do magnetismo remanescente da argila cozida de fornos e lareiras. Todas as datas são posteriores ao nascimento de Cristo.

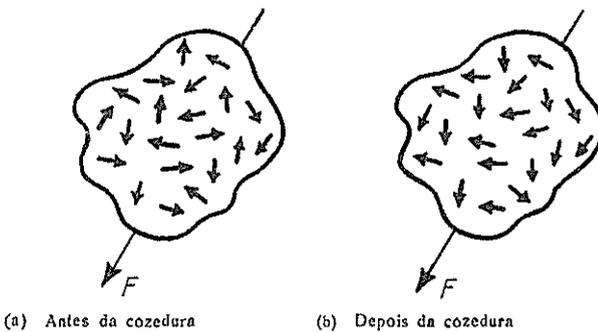


Fig. 2 — Ilustrativa da aquisição do magnetismo termo-remanescente por uma massa de argila. As setas representam os domínios magnéticos da pequena percentagem de óxido de ferro presente na argila.

fenómeno explica o magnetismo que as rochas adquiriram há milhões de anos quando arrefeceram e se solidificaram; a determinação da direcção magnética conservada nas lavas vulcânicas permite definir as posições e orientações dos continentes nos estádios iniciais da estabilização da crosta terrestre.

Para se poder determinar a orientação magnética de antanho que a cozedura «congelou» é evidentemente necessário que a argila cozida seja encontrada exactamente na mesma posição em que arrefeceu. Satisfazem esta condição os fornos de cozer cerâmica, as lareiras, fornos e fornalhas constituídos ou simplesmente revestidos de barro, devido às propriedades refractárias sem par da argila. Para determinar a direcção magnética é necessário trazer para o laboratório uma amostra de argila, a fim de se analisar com um magnetómetro particularmente sensível; antes, porém, de se colher a amostra, deve anotar-se com rigor a sua posição geográfica. A amostra é envolvida parcialmente em gesso, cuja face superior se alisa de modo a ficar horizontal (Fig. 3). Marca-se na superfície do gesso uma linha com o auxílio de um teodolito assestado contra o sol, tornando-se assim possível determinar a orientação dessa linha relativamente ao norte geográfico (Fig. 4). À análise laboratorial define a direcção magnética em relação à linha marcada no gesso e assim se podem determinar os ângulos de declinação e inclinação. Dispondo de uma dúzia de amostras de cada forno ou lareira pode obter-se uma média segura.

Infelizmente, a variação secular não se faz regularmente e não podem determinar-se *à priori* os valores do passado. Para se usar o método da datação magnética é necessário por isso, antes de mais nada, estabelecer a curva da variação secular a partir de amostras de argila cozida bem datadas. Dado que a variação secular diverge de região para região, tem de estabelecer-se uma curva para cada região de cerca de 800 quilómetros de diâmetro, dentro da qual se poderá utilizar o método. A neces-

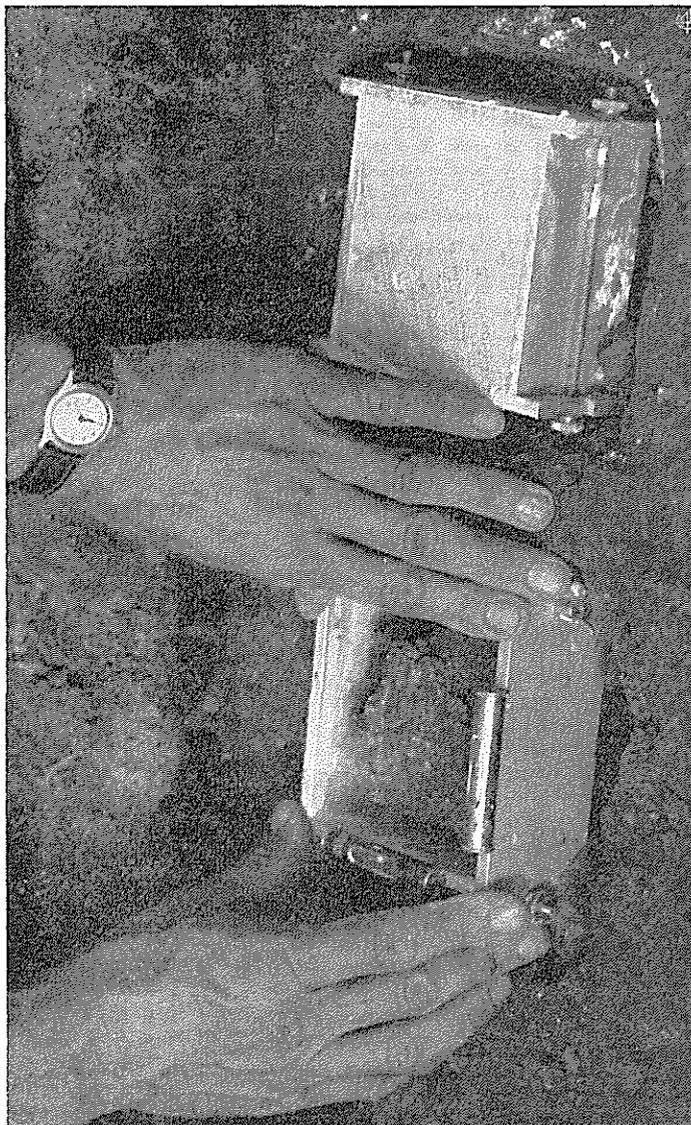


Fig. 3 — Recolha de amostras de argila cozida.

sidade de estabelecer uma curva à qual se devem reportar as análises é uma desvantagem séria que não tem o método do carbono 14, o qual, com ligeira margem de erro, é absoluto.

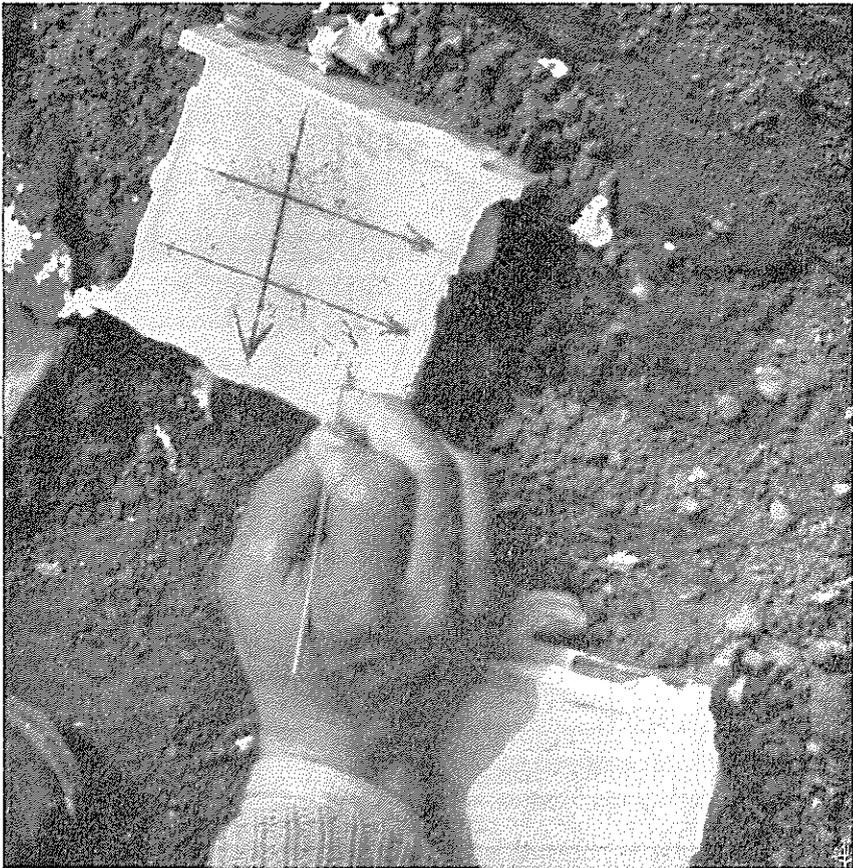


Fig. 4 — Marcação do Monte sobre a caixa de gesso que contém a amostra.

A datação magnética tem todavia a vantagem de ser muito mais precisa.

A informação que pode obter-se do magnetismo termo-remanescente não se limita à datação. O método, por exemplo, ajudou

a resolver o problema de saber se a cabeça partida de uma estatueta grega de terracota pertencia ou não ao corpo. Determinaram-se as direcções magnéticas da cabeça e do corpo; estas indicaram que, se as duas peças tivessem pertencido uma à outra, a cabeça estaria voltada para trás numa posição anatomicamente impossível. Além disso, a magnetização específica de uma peça divergia da da outra em três unidades — indicando ou argila diferente ou condições de cozedura diversas.

#### Datação pela análise da termoluminescência

Este método ainda se acha numa fase experimental, mas, se for bem sucedido, terá enorme importância para a arqueologia pré-histórica. Pode aplicar-se a fragmentos de cerâmica e atingir um rigor de  $\pm 5\%$ . Baseia-se nos efeitos lentos da radiação nuclear sobre minerais presentes na argila da cerâmica. Esta radiação provém de quantidades mínimas de urânio, tório e potássio que se encontram habitualmente na argila como impurezas. Os efeitos acumulam-se e podem medir-se sob a forma de uma termoluminescência. A cozedura de um vaso anula a luminescência anterior da argila; por conseguinte, a quantidade de luminescência que se observe num fragmento de cerâmica antiga será proporcional à idade do fragmento: quanto mais antigo for, maior será a luminescência — até ao limite de cerca de 10.000 anos.

Este método tem sido ensaiado na Califórnia (KENNEDY e KNOPFF, 1960), Berne (GRÖGLER e STAUFFER, 1959) e Oxford (AITKEN, TITE e REID, 1964). Também tem sido usado por geólogos (ZELLER, WRAY e DANIELS, 1957; SABELS, 1962).

### Métodos de análise da composição química dos objectos

Os três métodos que acabámos de descrever têm de comum o analisarem quantitativamente uma determinada propriedade que varia com o tempo. Pela análise química dos objectos, porém, podem determinar-se diferenças de composição que podem traduzir os diferentes pontos de produção das matérias-primas ou processos de manufactura diversos; indirectamente, estas diferenças podem fornecer indicações cronológicas.

Só muito raramente é que a análise de um único objecto dá informações úteis; habitualmente, é preciso pelo menos vinte análises semelhantes para se poder definir uma composição típica.

Os métodos químicos tradicionais não só levam muito tempo como também destroem parcialmente os objectos. Recorrendo a métodos físicos, a análise faz-se mais rapidamente e com menos prejuízos — por vezes até sem dano algum. O método tradicional de *espectrografia óptica* é mais adequado à análise de objectos de metal e de cerâmica; a amostra obtém-se fazendo um pequeno furo num ponto menos conspícuo. O *espectrómetro fluorescente de Raios-X* é o método ideal para a análise dos vernizes da cerâmica e do vidro; este método não destrói absolutamente nada. A *análise por activação com neutrões* também pode fazer-se de modo a que não se destrua nada e é particularmente indicada para as moedas feitas de metais preciosos.

Usámos este último método em Oxford para determinar a percentagem de ouro e de cobre presentes como impurezas numas 600 moedas de prata gregas, antigas (AITKEN, EMELEUS e HALL, 1960). Dado que, na Antiguidade, não se conhecia nenhum processo de refinação que permitisse separar o ouro da prata, a percentagem do primeiro destes metais existente nas moedas depende unicamente do minério do qual se extraiu a prata.

As moedas de Atenas do século V a. C. têm uma percentagem de ouro baixa — 0,06 % ou ainda menos —, o que é muito característico; supõe-se que a prata provinha dos filões ricos e profundos das minas de Lavrium, que ficavam perto daquela cidade. Por outro lado, as moedas de prata de Corinto, vizinha de Atenas mas sem minas de prata nas redondezas, têm uma percentagem de ouro muito variável, mas que, algumas vezes, sobe a 0,5 %.

Os numismatas têm levantado por diversas vezes o problema da fonte onde Corinto se abastecia de prata. Seria nas minas de Lavrium, que eram as mais próximas, ou as frequentes rixas entre Atenas e Corinto paralisariam este comércio? O resultado das análises feitas pelo método da activação com neutrões exclui a hipótese de Lavrium ter sido a *única* fonte de prata de Corinto mas sugere que aquelas minas foram *um* dos pontos de abastecimento; o quadro que as análises sugerem corresponde aos períodos alternados de paz e de guerra entre as duas cidades.

Se, na Antiguidade, não se conhecia processo de eliminar, da prata, os vestígios de ouro, conhecia-se todavia o processo de copelação (aquecimento por meio de corrente de ar) para eliminar o cobre — processo que se applicava ao chumbo argentífero extraído do minério. Este processo removia o chumbo por oxidação e, ao mesmo tempo, o cobre. A pequena percentagem de cobre (menos de 1 %) da prata ateniense testemunha a mestria dos seus artifices. As percentagens mais elevadas de cobre na prata de outras cidades reflecte menos habilidade; nalguns casos, porém, as variações sistemáticas do teor de cobre podem interpretar-se como uma adição intencional, já com a intenção de produzir moedas de maior duração já com a de desvalorizar a moeda. As análises que realizámos por activação com neutrões denunciaram uma curiosa usança das oficinas monetárias macedónicas durante todo o século V a. C. O anverso do tetróbolo cunhado neste período apresenta umas vezes um cavalo com um

cavaleiro, e outras vezes o cavalo sem cavaleiro. Verificou-se, pelas análises, que as moedas «com cavaleiro» tinham um teor de cobre inferior a 0,25 % e que o teor do mesmo metal nas moedas «sem cavaleiro» variava de 5 a 24%. Havia portanto uma desvalorização intencional em larga escala. Os tetróbolos «sem cavaleiro» eram possivelmente moedas só para uso interno, e os tetróbolos «com cavaleiro» seriam reservados para manter a reputação da moeda macedónica nos mercados estrangeiros. Podemos até, dando largas à imaginação, pensar que só os familiares da oficina monetária conheceriam o significado dos símbolos e que fizeram fortuna com a prata que arrecadavam.

Dentre as análises realizadas em Oxford pelo método da espectrografia óptica, a da cerâmica pintada minóica e micénica comum no Egeu entre 1500 e 1100 revestiu-se de particular interesse (CATLING, 1963). Provou-se que a composição dos fragmentos provenientes de Micenas era diferente da dos fragmentos de Cnossos e isso tornou possível determinar a importância relativa das duas cidades como centros de exportação para vários pontos do Mediterrâneo — o Egipto e o Levante por exemplo. Também se analisaram alguns fragmentos encontrados em Chipre, uns em tudo semelhantes aos micénicos e outros «a imitar a cerâmica de Micenas». Enquanto todos os quarenta fragmentos do primeiro grupo apresentavam a composição típica da cerâmica de Micenas, nenhum dos do segundo grupo tinha essa composição. Isto deita por terra a ideia de que a «cerâmica imitativa da micénica» era feita em Micenas e exportada e, pelo contrário, alicerça a hipótese de que era fabricada em Chipre por oleiros micénicos emigrados.

Referências bibliográficas

- AITKEN, M. J.; EMELEUS, V. M.; HALL, E. T., 1960: «Neutron Activation of Ancient Silver Coins», *Copenhagen Conference. I. A. E. A.*, Viena.
- AITKEN, M. J., 1961: *Physics and Archaeology* (Interscience, New York e Londres).
- AITKEN, M. J.; TITE, M. S.; REID, J., 1964; «Thermoluminescent Dating of Ancient Ceramics». *Nature*, vol. 202, n.º 4936, 1032-1033.
- CATLING, H. W., 1963: «Minoan and Mycenaean Pottery: Composition and provenance». *Archaeometry*, 6, 1-9.
- GRÖGLER, N.; STAUFFER, H., 1959: *Helv. Phys. Acta*, 32, 129-34 e 284-6.
- KENNEDY, G.; KNOPFF, L., 1960: *Archaeology*, 13, 147-8.
- LIBBY, W. F., 1955: *Radiocarbon Dating* (2ª edição), Univ. of Chicago Press, Chicago (1955).
- SABELS, B. E., 1962: *Symp. Radioactive Dating, Athens*, International Atomic Energy Agency, Viena, 87.
- ZELLER, E. J.; WRAY, J. L.; DANIELS, F., 1957: *Bull. Am. Ass. Pet. Geol.*, 41, 121-9.



# O arremesso dos dentes de leite

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da F. C. da Univ. do Porto

---

É corrente de norte a sul do país a prática infantil do arremesso dos dentes de leite, ora para cima do forno ou do telhado, ora ao lume ou à borralheira, ou para algures, sem discriminação especial do local para onde se atira o dente.

Em certas regiões sem quaisquer cuidados ou regras a observar, a não ser a recitação duma frase em que se pede um novo dente; porém na maior parte das regiões o arremesso do dente tem de ser feito para trás das costas, antecedido também pela frase peticionária dum dente novo, robusto e perfeito.

Esta costumeira infantil tem, seguramente, origem remotíssima. Para as gentes de épocas longínquas, desconhecedoras da existência das gemas dentárias originadoras dos dentes definitivos, o nascimento destes, após a queda dos dentes de leite, constituiria fenómeno estranho que, ao seu espírito facilmente se apresentaria como resultante de forças dotadas de singular poder de magia.

Dadas as frequentes modalidades do arranjo dos dentes definitivos, com seus defeitos de implantação, acavalamentos, rotações, ectopias, aparecimento de dentes supranumerários, etc., havia que implorar o poder mágico, que o homem de épocas remotas julgava presidir ao aparecimento dos novos dentes, para que estes resultassem belos e perfeitos.

Assim teria nascido o rito peticionário de novos e belos dentes definitivos a seguir à queda dos dentes de leite, rito espa-

lhado de norte a sul de Portugal e também frequente em muitos povos europeus e até no Brasil.

Lembro-me muito bem, lembro-me como se fosse ontem, cada vez que me caía um dente de leite, muitas vezes acabado de arrancar com uma linha <sup>(1)</sup> dos cuidados que me eram recomendados pela minha avôzinha, pelos criados e familiares da casa da aldeia (Quinta da Caverneira — freguesia de Águas Santas, concelho da Maia) onde me criei.

Os perigos que havia em que o dentinho fosse cair algures eram múltiplos e até contraditórios. Se o dentinho fosse engolido pelas galinhas corria-se o perigo de não nascer outro, e muito assisadamente, me diziam: «É que as galinhas não têm dentes» <sup>(2)</sup>.

Eu via que de facto assim era. Nunca vira dentes às galinhas.

Ou diziam-me que de nenhum modo o dentinho caído podia ser comido pelos porcos. Se tal sucedesse os dentes novos saíam grandes e feios como os dos porcos. Acreditava piamente no que me diziam. Para mim era um acto sério o atirar o dentinho para cima do forno.

De costas voltadas para o forno pronunciava três vezes a fórmula sacramental: *Dente fora cagalhão na cova, venha outro*

(1) Em algumas regiões do norte de Portugal para arrancar o abalado dente de leite que teima em não cair, usa-se atar-lhe uma linha comprida cuja ponta livre se amarra ao puxador duma porta aberta. Fecha-se a porta com rapidez e o dentinho é levado amarrado à ponta da linha. Pessoa amiga nada e criada na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, contou-me que alguns dos seus dentes de leite foram arrancados por este processo.

Em Rio de Onor averigüei que o abalado dente é acabado de arrancar com um «baracinho» que se lhe ata e outra pessoa puxa.

(2) O meu amigo D. Francisco Gonzalez, informou-me que na aldeia de Laiantes — Galiza onde nasceu e passou a sua meninice recomendam às crianças o mesmo cuidado, pois se uma galinha engolir o dentinho não nasce outro. E a explicação é precisamente a mesma: é que as galinhas não têm dentes.

*p'rá casinha nova.* Acto contínuo arremessava o dente para trás das costas, por cima da cabeça; imediatamente chapava as mãos nas orelhas para não ouvir o ruído do dente ao bater nas coisas que se arrumavam em cima do forno.

Registe-se desde já que a referência ao troço cilindro cónico de fezes moldadas era feito sem o menor rebuço. Mas é bom acentuar que seria considerado como prova de falta da educação o pronunciar tal vocábulo em qualquer outra ocasião, por tal vocábulo ser considerado «palavra feia».

Note-se que a palavra *caganita* com a mesma raiz, e referente às fezes granuladas de vários animais, tais como ratos, ovelhas, cabras, coelhos, lebres, etc., é dita correntemente sem o menor rebuço.

Há preconceitos de linguagem estabelecidos que cumpre respeitar. Porém tal respeito pode desaparecer como por exemplo no arremesso do dente de leite e nas eiras durante a malha do centeio, como tivemos ensejo de observar na Cardenha (1), freguesia do concelho de Moncorvo.

No rito mágico do arremesso do dente de leite, como vimos, uma palavra considerada como soez, quando empregada na linguagem corrente, é dita com a maior sem-cerimónia. É que este acto simples de atirar o dentinho apresenta-se ao espírito do povo como um acto de magia, um acto sério, quase solene. Para mim,

---

(1) No nosso trabalho *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, Santos Júnior, P.<sup>o</sup> António Mourinho e Afonso Valentim, separata do «Douro-Litoral», n.ºs VII-VIII da 6.<sup>a</sup> série, Porto, 1955, acentuamos (págs. 17 e 18) o facto de na eira os malhadores cantarem quadras indecorosas, algumas descaradamente pornográficas com alusões veladas ou declaradas aos órgãos sexuais, bem como ao coito.

Se em qualquer outra ocasião alguém cantar alguma dessas quadras ou similares, o facto é manifestamente censurado, e quem o fizer considerado atrevido e desbragado.

pelo menos, tal acto, — que, como disse, retenho na memória com extraordinário frescor de vivência —, era um acto sério, a que o ar circumspecto dos familiares conferia uma quase solenidade.

É de crer que tal circunstância seja em parte a condicionante da liberdade do emprego da palavra referida, que, como veremos, tem possivelmente um significado simbólico

\*

Muitas vezes pensei nesta costumeira infantil e na persistência com que a mesma se conserva no povo das nossas aldeias, vilas e até cidades.

Aqui e ali fui ouvindo o povo e registando as modalidades existentes na velha prática do arremesso dos dentes de leite.

Em 1922, publiquei sobre o assunto um trabalho que intitulei *Nótula sobre o arremesso dos dentes* (1).

Depois, em 1935, o mesmo assunto, acrescido de mais alguns elementos, foi por mim tratado no trabalho *Contribution à l'étude du jet de la dent au Portugal* (2) apresentado no Congresso International de Bruxelas.

Nunca deixei de me interessar por este assunto e fui colhendo aqui e ali, ao acaso dos meus contactos com o povo, as fórmulas precatórias inerentes ao arremesso dos dentinhos de leite e às práticas rituais com que o mesmo deve ser feito.

---

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Nótula sobre o arremesso dos dentes*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. v, Porto, 1932, págs. 363 a 368.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Contribution à l'étude du jet de la dent au Portugal*, XVI<sup>e</sup> Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique et V<sup>e</sup> Assemblée Générale de l'Institut International d'Anthropologie, Bruxelles, 1-8 sept. 1935, Bruxelles, 1936, págs. 1075 a 1082.

Vejamos agora as modalidades que consegui registar.

Na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, o dentinho era atirado para cima do forno, de costas voltadas, e o arremesso precedido do seguinte dizer, já atrás referido, dito três vezes seguidas:

*Dente fora*  
*Cag... na cova.*  
*Venha outro*  
*P'rá casinha nova.*

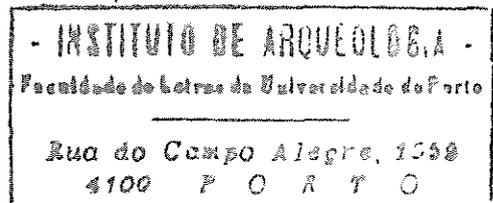
Em Matosinhos, arredores do Porto, o meu informador não indicou o local para onde o dente é arremessado, nem tão-pouco como o arremesso era feito. Apenas me disse a fórmula votiva que é esta:

*Dente fora*  
*Cag... na cova.*  
*Venha outro*  
*Com a Senhora da Hora.*

Outro informador, também de Matosinhos, deu da prática do arremesso do dente outra modalidade, sem especificar se o arremesso era feito para trás das costas, como é de crer que fosse. O dente atirava-se para uma casa velha abandonada, e diziam

*Dente fora*  
*Cag... na cova.*  
*Nasça outro*  
*P'rá casinha nova.*

Rui Manuel Reis Soares Brandão, na sua Dissertação para a Licenciatura em Medicina, Porto, 1959 intitulada *Algumas considerações sobre odontologia popular* e existente na Bibliot. da Fac. de Med. do Porto, a pág. 49, diz que em Valbom, concelho de



Gondomar, se atira o dente de leite para trás do forno e que o dizer que antecede o arremesso pode ser nas seguintes modalidades:

<i>Dente fora</i>	<i>Dente fora</i>
<i>Dente dentro.</i>	<i>Cag... na cova.</i>
<i>Nasça-me um dente</i>	<i>Nasça me um dente</i>
<i>P'rá Senhora da Hora.</i>	<i>Em louvor da Senhora da Hora.</i>

À recordação de infância do velho amigo Dr. Tito Lívio dos Santos Mota, que foi criado na cidade do Porto, devo mais esta fórmula por ele dita no seu tempo de menino.

*Dente dentro*  
*Dente fora.*  
*Cag... na cova.*

No Porto e em S. Félix da Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia, as crianças atiram o dente para trás das costas e dizem a fórmula votiva igual à primeira das que se indicaram referentes a Matosinhos.

Para Vilar de Andorinho, concelho de Vila Nova de Gaia, o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima (1) cita as duas seguintes variantes:

<i>Simão, Simão,</i>	<i>Na cinza do meu braseiro</i>
<i>Toma este dente podre</i>	<i>Deito este dente, para que o primeiro</i>
<i>Dá cá um são.</i>	<i>Seja belo e são.</i>

---

(1) Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, in «Revista de Etnografia», vol. III, tomo I, Julho de 1964, Porto, 1964, págs. 5 a 21.

Deste mesmo autor é o trabalho *Os dentes na Etnografia portuguesa*, separata do Boletim dos Hospitais da Santa Casa (Misericórdia do Porto), série I, número especial dos «Dias Estomatológicos», Julho de 1940. Apud trabalho anterior.

Ainda quanto a Vila Nova de Gaia, Leite de Vasconcelos (1) diz que «As crianças quando tiram um dente devem deitá-lo para trás das costas dizendo três vezes (Gaia, etc.).

*Dente fora*

*Outro melhor na cova.*

Continuo a transcrever, em sequência, o que Leite de Vasconcelos publicou nas págs. 205-206 das *Tradições populares de Portugal*.

«Outras fórmulas :

*Dente fora*

*Outro melhor na cova ;*

*Em louvor de S. João*

*Que me dê outro melhor*

*P'ra comer o pão.*

(Vouzela)

*Dente fora*

*Cagalhão na cova.*

Mondim de Basto, (etc.)

*Em louvor de S. João*

*Dente podricão*

*Este fora e outro são.*

(Tabuaço)

*Toma lá um dente podre*

*Dá-me cá um são.*

(Norte do reino)

«No Brasil as crianças quando chegam à idade de mudar os dentes tiram um, deitam-no ao telhado e dizem :

*Mourão, mourão,*

*Tomai lá vosso dente podre*

*E dai-me cá o meu são.*

(Aim. Lembr., 1864, p. 283).»

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, págs. 205-206. Trabalho feito quando aluno da Escola Médica do Porto.

Para não quebrar a sequência da transcrição, na íntegra, daquilo que o Mestre eminente da Etnografia portuguesa escreveu sobre o arremesso do dente de leite, ficam aqui interpoladas localidades que não são próximas vizinhas e também a citação referente ao Brasil.

Continuemos com a citação das práticas que colhi, seguindo uma distribuição um tanto arbitrária é certo, mas procurando sequência de vizinhança corográfica.

Em Louredo da Serra, freguesia do concelho de Paredes a criança vira-se de costas para o forno e, antes de atirar o dente para cima do forno, diz três vezes:

*Dente fora*

*Cag... na toca.*

Na freguesia de Real, do concelho de Vila Meã, a prática é inteiramente igual à anterior mas o dizer que precede o arremesso é este:

*Dente fora*

*Cag... na cova.*

*Ó meu Santo Antoninho*

*Pega este dente podre*

*E dá-me outro mais sãozinho.*

À amabilidade do amigo Mário de Moraes Peixoto, distinto professor primário em Amarante, devo a seguinte informação

«Na freguesia de Aboadela, concelho de Amarante, era uso corrente sempre que caía um dente a uma criança dizer: *Dente fora cag... na cova*. Seguia-se o arremesso do dente para a borralheira ou para trás do forno, com preferência do último, tendo a precaução de tapar os ouvidos para não ouvir a pancada do dente ao cair. Por vezes, e para ser mais certo o aparecimento

do novo dente applicava-se no local da saída excremento de galinha, que, na vizinha freguesia de Sanche, era de preferência de galinha preta.

O mesmo amigo informou ainda que no lugar do Paço, freguesia de Ermelo do concelho de Mondim de Basto, a prática ritual é a mesma, sem contudo ter a particularidade da estrumação do novo dente com excremento de galinha, como sucedia em Sanche e Aboadela.

Em Travanca, freguesia do concelho de Amarante a criança atira o dentinho para trás das costas e para cima do forno, dizendo antes :

*Dente fora*

*Cag. . . na cova*

*E m. . . de cão na buraca.*

Em Santiago de Piães, freguesia do concelho de Cinfães, a Sr.<sup>a</sup> D. Rita Maldonado, de 85 anos de idade contou-me que, quando em menina lhe caía um dentinho de leite, a mãe a ensinava assim: ter o dente na mão direita e dizer três vezes

*Dente vão*

*Nasça-me outro são.*

Depois de que, acto contínuo, atirava o dente por cima do ombro esquerdo para o chão dum terreiro.

Informou ainda que em Santiago de Piães havia também o uso de dizerem *dente fora cag. . . na cova*, mas que muitas pessoas se inibiam de ensinar esta fórmula às crianças, preferindo a anterior por mais asseada.

O meu amigo P.<sup>o</sup> Amadeu Soares, natural de S. Pedro de Paus, concelho de Resende, disse-nos que ali a prática

do arremesso do dente consistia no seguinte: a criança dizia três vezes,

*Dente pedernão  
Toma lá o teu dente podre  
E deixa cá ver um são.*

Atirava acto contínuo o dente para trás das costas no quinteiro, onde havia mato estendido para fazer estrumeira. A própria criança ou algum acompanhante viam onde caía o dente e ali se abria uma còvinha e o enterravam, para que as galinhas o não viessem a comer.

Em Santa Marta de Penaguião, concelho da Régua, a criança atira o dentinho para cima do forno de costas voltadas, tapando os ouvidos após o arremesso para não ouvir o cair do dente, e diz:

*Dente fora  
Outro na lora.*

Na freguesia de Mondrões, concelho de Vila Real, as crianças atiram o dente para trás das costas e para cima do forno, e dizem:

*Dente fora  
Cag... na cova.*

No concelho de Murça, freguesia de Jou, o dizer é igual ao precedente mas o arremesso, que se faz também para trás das costas, é feito num terreiro, sem qualquer preocupação do local onde o dente vai cair e fica abandonado.

Em Alijó, concelho da província de Trás-os-Montes, o arremesso do dente de leite é precedido do seguinte dizer:

*Dente fora  
Cag... na cova,  
Nasça outro,  
Este vai se embora.*

À reminiscência de minha mulher, nascida e criada na vila de Moncorvo, devo a informação de que ali o dente de leite era arremessado para trás das costas, cá fora, no terreiro, dizendo apenas

*Dente fora  
Cag... na cova.*

Em Carviçais, freguesia do concelho de Moncorvo, o arremesso do dente faz-se para trás das costas na rua ou algures, sem a menor preocupação de que as galinhas ou outro animal o venham a comer e é acompanhado deste rogo peticionário:

*P'ra diante de boto,  
P'ra trás te deito.  
Queira Deus que me nasça  
Outro mais direito.*

Em Lagoaça, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, a criança atira o seu dentinho de leite para trás das costas sem discriminação do local para onde o atira, ao mesmo tempo que dizem:

*P'ra trás te deito  
P'ra que me nasça  
Outro mais direito.*

Em Mogadouro, as crianças colocam-se atrás duma porta e atiram para trás das costas o dentinho acabado de cair. Prece-

dem o arremesso dizendo qualquer das duas seguintes fórmulas votivas:

<i>Atiro p'ra trás das costas</i>	<i>Este dente</i>
<i>Com este dente,</i>	<i>São as primeiras mostras.</i>
<i>P'ra que me nasça</i>	<i>P'ra que me nasça outro mais valente</i>
<i>Outro mais valente.</i>	<i>Atiro com ele p'ra trás das costas.</i>

Em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro, não me especificaram as condições do arremesso que, no entanto, parece não ter de obedecer a qualquer cuidado a ter com o sítio para onde é atirado. Os termos em que pedem um dente novo, semelhantes aos da fórmula anterior, são estes:

*Arranquei um dente.*  
*Deito-o p'ra trás das costas,*  
*P'ra que me nasça*  
*Outro mais valente.*

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa à freguesia de Meirinhos, o dentinho que cai é atirado para trás das costas em qualquer sítio. A fórmula votiva, muito semelhante à anterior, e à do Mogadouro, é assim:

*P'ra trás das costas*  
*Deito este meu dente,*  
*P'ra que me nasça*  
*Outro mais valente.*

O colega Dr. João Gonçalves, médico distinto, natural de Salsas, concelho de Bragança, informou-me que ali o dentinho era frequentemente acabado de arrancar com uma linha e a criança dizia:

*Dente fora*  
*Outro melhor na cova.*

O descaminho do dentinho teria como consequência que o novo dente nascesse deformado; por isso o dentinho era cuidadosamente guardado numa caixinha e posto no *terceiro*, nome com que designam o sótão, ou forro, que fica entre o tecto e o telhado.

Na povoação raiana do Rio de Onor, colhi a prática seguinte: quando o dente de leite abana e incomoda, por via de regra é outro rapaz que, com um «baracinho», acaba de o arrancar.

A criança a quem foi arrancado o dente diz:

*Arranco este dente*

*P'ra que saia outro mais valente.*

O outro rapaz já com o dentinho na mão, recomenda-lhe: — Agora fecha os olhos p'ra não veres onde vai ser escondido o teu dente. E mete-o num buraco alto duma parede para que as «pitas» o não possam comer, porque se tal sucedesse nascia um dente de «pita».

Em Vimioso as crianças atiram com o dentinho de leite para trás das costas, as mais das vezes para cima do telhado, e dizem:

*Dente vano, dente vano.*

*Nosso Senhor me deia outro*

*Bom e sano.*

Em Chaves há todo o cuidado em esconder o dente que caiu, pois se qualquer animal o engolir, isso traria como consequência o dente novo vir a ser semelhante aos dentes desse animal.

Na freguesia de S. Lourenço, concelho de Chaves, — informou-me a Sr.<sup>a</sup> D. Cândida Gonzalez, que ali passou a sua meni-

nice, recomendam às crianças quando lhe cai um dente de leite, «cuidado, não atires o dente para onde andam galinhas, porque se o comerem nasce-te um dente de galinha».

Na freguesia de Outeiro, concelho de Viana do Castelo, segundo Afonso do Paço <sup>(1)</sup>, «quando cai um dente deita-se no borralho para que as galinhas não o comam, porque se o fizerem não nasce outro».

Em Barcelos, o dente de leite caído é atirado para cima do forno. O arremesso é precedido do seguinte dizer, muito semelhante aos de Matosinhos, atrás indicados:

*Dente fora*  
*Cag... na cova.*  
*Venha outro*  
*P'rá casinha nova.*

Na freguesia de Areias, concelho de Santo Tirso, e certamente um pouco por todo o concelho, escreveu o Dr. Augusto César Pires de Lima, a pág. 113 dos seus *Estudos etnográficos, filológicos e históricos* <sup>(2)</sup>: «Quando cai algum dente a uma criança e para que nasça outro, vira-se de costas para o forno e atirando-o para cima deste, diz:

1) *Dente fora,*  
*Outro mais bonito p'rá cova*

---

(1) Afonso do Paço, *Usos e costumes, contos, crenças e medicina popular*, sep. da «Revista Lusitana», vol. XXVIII, Porto, 1930, pág. 12.

(2) Augusto César Pires de Lima, *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, 3.º vol. (Tradições populares de Santo Tirso, Porto, 1948, 566 págs., e muitas figuras sem numeração; ed. da Junta de Província do Douro Litoral.

ou

- 2) *Dente fora,*  
*C. na cova.*

Este C. deve corresponder à tão generalizada, ao menos no Minho e Entre Douro e Minho, referência ao troço cilindro-cónico de fezes moldadas.

Em S. Simão de Novais, concelho de Vila Nova de Famalição, Fernando C. Pires de Lima, na pág. 5 do seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente* cit. diz que «é uso muito antigo arremessar o dente, voltado de costas para o forno, exclamando:

*Dente fora*  
*Outro na cova.*

Dizer que, acentua Fernando C. Pires de Lima, é muito semelhante ao que publicou Teófilo Braga em *O Povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, 1885, onde se lê: «se a criança muda de dentes, o que cai atira-se para trás do forno, dizendo:

*Dente fora*  
*Outro já na cova.*

À amabilidade do colega Doutor Luís de Pina, Professor distinto das Faculdades de Medicina e de Letras da Universidade do Porto, cultor apaixonado do muito saber do nosso povo, devo as fórmulas por ele colhidas, uma em Guimarães, que reproduzo a seguir, e a outra em Alijó, já atrás indicada. Em Guimarães dizem indistintamente:

*Dente fora*  
*Cag... na cova.*

ou mais asseadamente outra, igual à de S. Simão de Novais (Santo Tirso) e semelhante às de Vila da Feira e Espinho referidas adiante. A fórmula asseada colhida em Guimarães Pelo Prof. Luís de Pina é a seguinte:

*Dente fora*  
*Outro na cova.*

Nas Caxinas, concelho de Vila do Conde, os filhos dos pescadores atiram o dente recém-caído para cima do telhado e dizem:

*Dente de fora*  
*Cag. . . na cova.*  
*Venha um*  
*P'rá casinha nova.*

Nas Caxinas, no Alto do Bem Guiado, informaram-me que os filhos dos lavradores atiram o dente não para o telhado mas para cima do forno, precedendo o arremesso da fórmula que difere da anterior apenas na substituição de «um» por «outro», e que é a seguinte:

*Dente de fora*  
*Cag. . . na cova.*  
*Venha outro*  
*P'rá casinha nova.*

Em Labruge, freguesia do concelho de Vila do Conde, atiram o dente de leite para a borrarreira dizendo:

*Dente fora, dente fora,*  
*Cag. . . na cova.*  
*Venha outro*  
*Com Deus embora.*

Em Santiago de Lobão, freguesia do concelho de Vila da Feira, pessoa dali natural informou-me que, «quando garotito,

atirou os dentes de leite para algures, mas sempre p'ra trás das costas», e dizia :

*Dente fora*  
*E outro melhor na cova.*

Pessoa amiga, natural de Estarreja, diz-me que quando lhe caía um dente de leite o arremessava para trás das costas, dizendo :

*Dente fora*  
*Cag. . . na cova.*

Em Pardilhó, freguesia do concelho de Avanca, a criança a quem cair um dente de leite tem que o ir deitar na *cova da vaca*, dizendo simplesmente :

*Dente fora*  
*Cag. . . na cova.*

A *cova da vaca* é a pègada deixada pelas patas das vacas ou dos bois no terreno mole e humedecido. As crianças, por via de regra, procuram uma pègada funda para depois taparem o dente com a terra dos lados.

É curioso que pelo nome de *cova da vaca* se entende não só as pègadas das vacas e dos bois, mas também as dos burros.

Na Atalaia, concelho de Pinhel, Monteiro do Amaral (1) recolheu a seguinte prática. Quando uma criança arranca um dente é necessário dizer :

*Meu dente podricão*  
*Boto-te p'ra trás das costas*  
*P'ra que me nasça outro são.*

---

(1) Carlos A. Monteiro do Amaral, *Tradições populares de Atalaia*, in «Revista Lusitana», vol. XII, Lisboa, 1909, pág. 290.

Em Espinho, o Assistente da Faculdade de Ciências do Porto Lic. Osvaldo Freire, averiguou que o arremesso é feito para trás das costas e que o antecedem com qualquer das duas variantes seguintes:

<i>Um fora</i>	<i>Dente fora</i>
<i>Outro dentro.</i>	<i>E um melhor na cova.</i>

ou ainda est'outra, talvez menos corrente:

*Que vá o velho*  
*E que venha o novo.*

O mesmo dedicado colaborador, Lic. Osvaldo Freire, averiguou que na freguesia de Bustelo, concelho de Oliveira de Aze-  
 méis, as crianças atiram os dentes da primeira dentição para trás das costas, dizendo:

*Dente fora*  
*Outro melhor na cova.*

Na freguesia de Aradas (Vilar), concelho de Aveiro, informou-me o velho amigo capitão Lourenço Duarte, o dentinho de leite era atirado para trás das costas, antecedendo o arremesso por qualquer das duas seguintes fórmulas votivas, de preferência a segunda por mais asseada.

<i>Dente fora</i>	
<i>Cag. . . na cova.</i>	<i>Dente fora,</i>
<i>Venha outro</i>	<i>Dente fora.</i>
<i>P'rá casa nova.</i>	<i>Outro melhor na cova.</i>

O Dr. Barbosa Soeiro (1), que foi distinto Professor de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, publicou os ritos

---

(1) Barbosa Soeiro, *À propos du jet de la dent*, in «Revue Anthropologique», XL<sup>e</sup> Année, Paris, 1930, pág. 400. Este estudo foi publicado também em

inerentes ao arremesso dos dentes de leite em Lisboa e no Alentejo.

Em Lisboa, como escreveu o Prof. Barbosa Soeiro, o arremesso é feito para cima do telhado e a tradição quer que a criança diga por três vezes:

*Telhadinho, telhadão,  
Tomai este dente podre  
E dai-me um são.*

No Alentejo, como se lê no referido trabalho do mesmo Professor, as crianças atiram o dentinho caído também para cima do telhado, dizendo:

*Moirão, moirão,  
Toma o meu dente podre  
E dá-me um são.*

Esta mesma fórmula com ligeiras variantes foi publicada em 1903 por Soeiro de Brito (1) no seu trabalho *Demosophia* do qual a seguir a transcrevo:

*«Mourão, mourão.  
Toma lá o meu dente podre  
Dá-me cá o meu são.»*

Soeiro de Brito explica: isto «dizem as crianças quando lhes cai algum dente de leite, devendo atirá-lo para um telhado para lhe nascer outro».

---

português, *A propósito do arremesso do dente*, in «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIV, 1930-1933, Lisboa, 1933, págs. 17 e 18.

(1) Soeiro de Brito, *Demosophia* (colecção Silva Vieira), Esposende, 1903, pág. 74.

Em Vale de Lobo e Idanha-a-Nova, o Dr. Jaime Lopes Dias (1), a pág. 139, vol. I da *Etnografia da Beira* informa: «Para que os dentes nasçam bem diz-se ao arrancar algum:

*Pelheirinha* (2), *pelheirão*,  
*Toma lá este dente podre*  
*E dá cá um são.*

E atira-se o dente para a cinza». Parece que esta *Pelheirinha* deve ter aqui o significado do recanto onde se amontoam as cinzas e não o de vão aberto na parede.

Em Castelo Branco, informa o mesmo autor, e no mesmo volume, pág. 160, «também se diz:

*Cinza, cinzão*,  
*Toma lá este dente podre*  
*E dá cá um são.»*

Na Aldeia da Mata, freguesia do concelho do Crato (Alto Alentejo), o Assistente Ext. da Faculdade de Ciências do Porto e

(1) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, Vila Nova de Famalicão, 1926, 176 págs.

(2) O Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, no seu trabalho recente, *A prática mágica do arremesso do dente*, in «Revista de Etnografia», vol. III, tomo I, Julho de 1964, Porto, 1964, págs. 5 a 20, na pág. 9, transcrevendo Jaime Lopes Dias, escreveu *Palheirinho, palhetirão*. O certo é que na *Etnografia da Beira* se lê *Pelheirinha, pelheirão*.

Deve tratar-se duma referência à *pelheira* ou *pilheira*. Em Trás-os-Montes, ao menos no leste trasmontano, são frequentes as *pelheiras*, vãos, maiores ou menores, abertos nas paredes das cozinhas, muitas vezes perto da lareira, onde se guardam ou se empilham várias coisas.

*Pilheira* noutras regiões designa um recanto junto ao lar onde se amontoam as cinzas.

Naturalista do Museu de Antropologia «Dr. Mendes Correia», Dr. Agostinho Isidoro deu-me dali a seguinte informação:

«Os antigos quando atiravam para o lume o dente de leite, costumavam dizer:

*Cinzão, cinzão,  
Pega no meu dente podre,  
Para me dares um são.*

Joaquim Roque, no seu trabalho *Rezas e benzeduras populares*, Beja, 1946 (1), registou esta variante alentejana:

*Cinzerão, cinzerão,  
Toma lá um dente podre  
Deixa-me cá ver um são.*

O Sr. Joaquim Capela, meu aluno do curso de Sociologia, informou que na aldeia de Tripeiro, concelho de Castelo Branco, dizem:

*Dentinho, dentão,  
Toma lá (ou Aqui vai) um dente podre,  
E dá cá um são.*

Em Elvas, segundo Leite de Vasconcelos, in *Opúsculos*, vol. V, cit. as crianças dizem:

*Trigueirão, trigueirão,  
Toma lá mê dente podre  
E dá cá o mê são.*

---

(1) Apud Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., pág. 9.

Já em 1882, este mesmo ilustre Mestre de Etnografia portuguesa, a pág. 604 do seu livro *Tradições populares de Portugal* cit., referiu a fórmula anterior que, diz, «parece um pouco desviada do sentido original». Antes desta, dá a seguinte, que considera «um pouco apagada»:

*Telhado, telhado,  
Toma lá o mê dente podre  
Deita cá o té doirado.*

Não apreendo qual o significado atribuído pelo Prof. Leite de Vasconcelos àquele «desviada da sentido original».

No Algarve, informa Leite de Vasconcelos no mesmo volume dos *Opúsculos*, a criança atira o dente para trás das costas ou para o telhado e diz:

*Moirão, moirão,  
Pega lá o mê dente podre  
Dá cá o mê são.*

À amabilidade da Sr.<sup>a</sup> D. Amélia Santana Duarte, natural de Lagos, devo a informação referente à prática infantil do arremesso do dente naquela cidade algarvia.

O dente era arremessado para trás das costas e antes de o atirarem diziam:

*Cão, cão,  
Toma lá o meu dente podre  
E dá cá um são.*

Ainda mais um informe, e este referente aos Açores.

A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela Bettencourt Silva, que foi minha aluna, e distinta, na cadeira de Antropologia, informou-me que na ilha Terceira, de onde é natural, quando em pequena lhe caiu o primeiro dente de leite lhe foi recomendado que o guardasse,

o que fez metendo-o numa caixinha e guardando-o numa gaveta. Mas foi só com o primeiro dente caído que tal cuidado observou para que o dentinho se não perdesse.

\*

\* \*

É tão generalizado o arremesso dos dentes de leite no nosso país, que não será ousado afirmar que este costume se pratica de norte a sul de Portugal em quase todas as terras, especialmente nas aldeias.

Tal costume é também frequente na maior parte dos países europeus e aparece igualmente no Egipto e no Brasil. Para este deve ter sido levado e ali radicado pelos imigrantes europeus, nomeadamente pelos portugueses.

Nesta velha prática imbuída de manifesto sentido mágico, podemos considerar pelo menos quatro elementos fundamentais que a estruturam, e são: o arremesso, o modo como ele é feito, o local para onde se atira o dente e os dizeres ou fórmula votiva que precede o arremesso.

Pela variação de algum ou alguns destes elementos se constituem, como vimos, as várias modalidades regionais.

Sem dúvida que o elemento fundamental é o *arremesso* que, nas práticas de que tivemos conhecimento, é quase sempre feito para trás das costas. Naquelas em que nada se diga este respeito, é de presumir que seja também para trás das costas que as crianças atiram o dentinho de leite acabado de cair.

O *arremesso* em si mesmo, isto é, o simples acto de arremessar, é um gesto a que se pode atribuir significado criador.

Isto foi posto em justo realce por André Schillings <sup>(1)</sup>, por Saintyves <sup>(2)</sup> e por de Vries <sup>(3)</sup>. Este último autor, sem negar o significado simbólico do simples arremesso, realça, justamente, o facto de ter significação especial o arremesso para trás das costas.

Ainda sobre o *arremesso*, Leite de Vasconcelos publicou no vol. VII dos *Opúsculos* um capítulo intitulado *Arremessos simbólicos na poesia popular* <sup>(4)</sup>. Leite de Vasconcelos cita Henri Gaidoz, em cujo trabalho *La réquisition d'amour et le symbolisme de la pomme*, publicado no «Anuário da Escola Prática de Estudos Superiores de Paris», 1901, pág. 5 e seguintes, este autor, professor de céltico na referida escola, considera o arremesso duma maçã que uma fada atira ao príncipe Condla, — lenda contida num manuscrito irlandês do séc. XI, o *Lebar na h-Uidhre* — como sinal e mensagem de amor. Segundo Gaidoz o arremesso dum fruto entre os quais a maçã ocupa um lugar de mercado realce, constituía «une façon d'attirer l'attention et de se faire remarquer» arremesso que, com o tempo, se tornou simbólico.

Leite de Vasconcelos publica uma série de quadras alusivas ao arremesso de limões, laranjas, azeitonas, maçãs, flores e até, pedrinhas, arremesso feito com finalidade amorosa <sup>(5)</sup>.

<sup>(1)</sup> André Schillings, *À propos d'une coutume enfantine*, in «Revue Anthropologique», XXXIX<sup>e</sup> Année, Paris, 1929, pág. 406.

<sup>(2)</sup> P. Saintyves, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, (À propos de la note de M. André Schillings), in id., id., id., págs. 407-411.

<sup>(3)</sup> J. de Vries, *Le jet de la dent*, in «Revue Anthropologique», XL<sup>e</sup> Année, Paris, 1930, págs. 87 a 89.

<sup>(4)</sup> Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. VII, Etnologia (Parte II), Imprensa Nacional de Lisboa, 1938, págs. 928 a 941.

<sup>(5)</sup> Das 44 poesias publicadas por Leite de Vasconcelos transcreverei apenas uma, a n.º 21, pág. 935 dos *Opúsculos*, vol. VII, que é a seguinte:

Verifica-se pois que o simples arremesso pode ter, e tem, significados simbólicos diversos.

Mas, no caso do dente de leite o *arremesso* é feito quase sempre, e talvez sempre, *para trás das costas*.

Muitas práticas populares têm como carácter fundamental o arremesso feito para trás das costas.

Umás vezes tendo como finalidade esquecer qualquer coisa, outras vezes aniquilar um enguiço ou destruir um malefício, outras vezes ainda propiciar ou conseguir um benefício.

Vejamos um exemplo, e muito interessante, publicado por Barbosa Soeiro no seu trabalho referido *A propósito do arremesso do dente*, pág. 18 do vol. XIV do «Arquivo de Anatomia e Antropologia».

«Diz-se que é de mau agouro entornar tinta. Para desfazer o enguiço, quem entornar um tinteiro deve colocar-se de costas para uma janela aberta e atirar a água dum copo por cima do ombro esquerdo.»

Barbosa Soeiro refere, e traduz, o rito publicado por de Vries no seu trabalho citado *Le jet de la dent* publicado a pág. 88 do

---

*Deitei o limão correndo,  
À tua porta parou:  
Olha a graça do limão...  
Parece que adivinhou!*

Em Trás-os-Montes (Moncorvo) colhi a quadra que segue semelhante à anterior, quer na letra quer no sentido.

*Atirei co'o limão verde,  
À tua porta parou.  
O amor que t'eu tenho  
O limão o demonstrou.*

referido volume da «Revue Anthropologique», e que transcrevo do original:

«Souvent, dans les pays germaniques et finno-ougriennes, le laboureur commence les semailles en jetant quelques grains de blé en arrière, par-dessus l'épaule gauche; c'est un sacrifice aux mânes pour assurer la fécondité et prévenir les malheurs. Les esprits des morts, demeurant sous la terre, sont, suivant une notion très répandue, les génies bienfaisants de la terre nourricière.»

O ilustre professor da Universidade de Leyde, de Vries, na mesma pág. 88 do seu trabalho, cita um outro rito praticado na Estónia que transcrevo:

«Un exemple curieux est fourni par la coutume suivant des Esthoniens: quand les esprits des morts ont envoyé une maladie il faut promener trois fois des grains de sel autour de la partie malade, mais bien entendu dans le sens opposé au cours du soleil; enfin il faut cracher dans le sel et le jeter par-dessus l'épaule gauche dans trois foyers.»

Saintyves, no seu trabalho citado, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, a pág. 411, transcrevendo um seu outro trabalho *La guérison des verrues*, 1913, escreve:

«On se débarrasse de ses *noevi* en mettant dans un sac autant de pierres que l'on a de verrues, et en jetant ce sac derrière soi sans regarder.»

Prática não menos interessante é aquela que há anos recolhi em Moncorvo, e que consiste no seguinte: os rapazes quando vão tomar banho ao rio, depois de despídos, em *coirachos* como lá dizem, antes de se atirarem à água apanham pedras e atiram-nas para trás das costas.

Procurei averiguar a finalidade de tal arremesso.

«Para não apanhar as sezões» foi a resposta.

Outra prática por mim registada há bastantes anos refere-se a Barrocelas, freguesia do concelho de Viana do Castelo. Ali os rapazes quando acabam de tomar banho, de pé, na margem, ati-

ram pedras por cima do ombro esquerdo e, acto contínuo, tapam os ouvidos para não ouvirem cair a pedra na água. Ao mesmo tempo baloiçam a cabeça repetidas vezes e com energia, ora pr'á direita ora pr'á esquerda, movimentos que, dizem, têm por fim expulsar a água dos ouvidos.

Este arremesso das pedras atiradas ao rio para trás das costas e por cima do ombro esquerdo, parece ter perdido o seu simbolismo, porquanto não consegui apurar que lhe atribuam qualquer significado especial. O certo porém é que nunca deixavam de o fazer, cada vez que iam tomar banho ao rio.

O que sucede neste caso sucede com muitos outros usos e costumes que entraram na prática corrente, e que o povo realiza sem lhe conhecer a origem, e, muitas vezes, o significado.

São actos que o povo executa sem discussão nem reflexão, pelo menos aparente, mas que se realizam pela força do hábito, do exemplo, do «sempre assim se fez». É a voz forte da tradição a imperar. Cumpre ao etnógrafo a tarefa, por vezes bem difícil, de lhe descobrir a origem e a significação.

É bem conhecido o significado supersticioso que o povo atribui aos diferentes lados, direito, esquerdo, adiante e atrás (1).

---

(1) No capítulo «Etnografia — Cultura espiritual», págs. 255 a 777 do vol. 1 da *História da Galiza*, obra monumental dirigida pelo eminente Professor Ramon Otero Pedrayo, vol. de 777 págs. publicado pela Editoria Nós, Buenos Aires, 1962, o grande etnógrafo galego Vicente Risco, ao tratar da Ornitomância, ou seja da adivinhação por intermédio das aves, diz que o povo da Galiza quando ouve grasnar um corvo do lado direito considera tal facto como sinal de bom agoiro. Pelo contrário se grasna do lado esquerdo coisa ruim vai suceder.

Em Trás-os-Montes, na freguesia de Caçarelhos, concelho de Vimioso, colhi a seguinte superstição ornitomântica :

«— Quando vem a cegonha, a primeira vez que a gente a vê, se for do lado direito é boa sorte, se for do lado esquerdo, vai ser-se mal afortunado.»

O P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, ilustre Abade de Baçal, na pág. 22 do vol. XI das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*,

O lado direito é o lado bom, o lado da força, da habilidade dextra.

O lado esquerdo é o lado mau, o lado fraco, canhestro ou canhoto.

Adiante está o futuro, o dia que nasce com sol radioso, a vida a viver.

Atrás está o passado, a noite escura dos espíritos, a morte, o não ser.

Muitas práticas têm, como vimos, o elemento fundamental e simbólico do arremesso para trás das costas.

O facto de se atirar o dentinho de leite para trás das costas valoriza o acto do arremesso com mais um especial atributo de magia.

É que o *arremesso para trás das costas*, como acentuou de Vries na pág. 88 do seu trabalho citado, pode interpretar-se como um sacrifício aos espíritos dos mortos, não só para neutralizar a sua possível malignidade, mas também para conquistar a sua também possível e ampla benignidade. É crença que esses espí-

---

Porto, 1948, 804 págs., diz: «Vergílio (Bucólica, 1) aponta como mau agouro o carvalho ser ferido pelo raio perto de nós, e também o ouvir cantar a gralha num azinheiro à nossa esquerda.

*Saepe malum hoc nobis, si mons non laeva fuisset*

*De coelo tactos memini praedicere quercus;*

*Saepe sinistra cava praedixit ab ilice carnix.»*

E na pág. 23: «Cícero também dá como mau agouro o grasnar da gralha à esquerda e o crocitar do corvo à direita» (Cícero, *De Divinatione*, liv. 1).

Na pág. 31 do mesmo volume, o Abade de Baçal, cita outra crendice trasmontana, que considera mau presságio, «Encontrar no caminho, à esquerda, certo número de pégas ou de outras aves.

É bem conhecida a crendice supersticiosa, para bem ou para mal, inerente ao dar o primeiro passo com o pé direito ou esquerdo quando se entra em casa, ou algures.

ritos estão na posse do segredo da vida e que têm a virtude mágica de a fazer renascer.

Com tal poder, que a superstição lhes atribui, é lógico acreditar que possam regular, orientar e dirigir o nascer e o crescer do novo dente, que há-de vir a substituir o dente caído.

Quanto à origem do rito mágico do arremesso do dente de leite para trás das costas as opiniões têm girado à volta da lenda do repovoamento da terra por Deucalião e Pirra.

Foi o holandês André Schillings, no seu trabalho citado *A propos d'une coutume enfantine*, o primeiro a pôr tal hipótese, e fê-lo nestes termos: «J'ai cherché en vain l'origine de cette coutume, . . . J'ai pensé tout d'abord à un caprice d'enfant; puis j'ai relu les auteurs latins connus chez les germains et je me suis arrêté enfin, dans Ovide, à l'histoire de Deucalion et Pyrrha, que je rappelle ici: Eux seules restent sur la Terre, les eaux du déluge se sont retirées; ils pleurent et se lamentent lorsque la déesse Thémis leur conseille:

*Discedite templo  
et velate caput, cinctasque resolvite vestes  
ossaque post tergum magnae jactate parentis.*

«Jetez les os de votre grand-mère derrière vous.» Deucalion comprend: «*Magna parens* est la terre; les pierres qui s'y trouvent sont ses os.» Ils obéissent, et la terre se repeuple.

«Je crois voir ici l'origine de la coutume de mon pays natal. C'est la rénovation par le jet.»

Saintyves (1) alude à hipótese de Schillings sem a discutir.

---

(1) M. P. Saintyves, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, cit., pág. 411.

O compatriota de Schillings, Prof. de Vries (1), refere-se ao mito das pedras de Deucalião, e dos dentes de dragão de Cadmus.

Dá a conhecer uma lenda dos Caraíbas nos seguintes termos: «Les Caraïbes racontent qu'il y a eu un déluge où seuls un homme et une femme furent sauvés; ceux-ci jetèrent en arrière par-dessus leur tête, les fruits d'un certain palmier, qui se changèrent immédiatement en hommes.»

Este autor não hesita em escrever: «Le mythe de Deucalion et de Pyrrha n'est donc pas la source de cette coutume (le jet de la dent) bien générale.»

Termina por realçar o indubitável parentesco entre o mito de Deucalião e o arremesso mágico dos dentes de leite e afirma: «tous les deux sont basés sur la même croyance primitive.»

O Dr. Fernando de Castro Pires de Lima (2) num seu trabalho recente passa em revista os referidos autores, Schillings, Saintyves e de Vries, transcreve as excelentes versões que de Ovídio para português fez António Feliciano de Castilho, realçando, em justa apreciação, que este «nosso grande escritor tinha feito uma obra admirável de seriedade e de felicidade».

Fernando C. Pires de Lima não toma posição quanto à filiação do rito mágico do arremesso do dente no mito de Deucalião.

Em meu parecer é justa a opinião do Prof. de Vries.

O arremesso mágico do dente de leite não se filia no mito de Deucalião.

A prática infantil de arremessar o dentinho de leite para trás das costas deve ter origem muito mais remota, origem que tudo leva a crer tenha sido a mesma para a lenda do repovoamento da terra por Deucalião e Pirra, para a referida lenda dos caraí-

(1) M. J. de Vries, *La jet de la dent*, cit. pág. 89.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, cit.

bas e para o, aparentemente singelo, arremesso do dente de leite para trás das costas.

Como dissemos no início deste trabalho, para as gentes de épocas longínquas, que não conheciam as gemas dentárias originadoras dos dentes definitivos, o nascimento destes constituiria um fenómeno estranho, que, ao seu espírito, fàcilmente se apresentaria como resultante de forças dotadas de singular poder de magia. Daí o arremesso, que, como vimos, tem um significado ou acção procriadora, e é feito para trás das costas, para o mundo dos espíritos, conseguindo deste modo, que os espíritos, com o seu extraordinário e, por assim dizer, ilimitado poder mágico, condicionem a perfeita génese do novo dente.

Vejamos agora alguma coisa sobre os locais para onde se atira o dentinho caído.

Este aspecto está, em primeiro lugar, condicionado por circunstâncias de ordem ecológica.

Vimos que no Minho e no Entre Douro e Minho o dentinho é arremessado para cima ou para trás do forno <sup>(1)</sup>, e que noutras províncias o dente é atirado para cima do telhado, para a borralheira ou cinzeiro, para trás da porta, ou simplesmente para a terra.

---

(1) Fernando C. Pires de Lima, no seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., a pág. 5 diz que é velho costume do nosso país «os primeiros dentes que caem ou se arranquem, serem lançados para cima do telhado, para o forno ou para o lume».

Não tenho conhecimento de que o dente seja atirado para o forno isto, é, para dentro do forno. Seria interessante averiguar qual a região onde o dentinho é atirado para o forno.

As práticas de que tive conhecimento directo ou indirecto respeitantes ao forno, especificam sempre que o dente de leite é atirado para cima ou para trás do forno.

A razão desta diferença é simples. É que no Minho e no Entre Douro e Minho o forno de cozer o pão aparece em quase todas as cozinhas, implantado a um canto da mesma, ao lado da lareira. Às vezes até com 2 fornos, um maior e outro mais pequeno.

Em muitas aldeias do leste trasmontano, e doutras regiões, há o forno comunitário, onde todos vão cozer à vez.

É certo que o dentinho caído poderia ser guardado e a criança levada à casa do forno e, uma vez ali, atirá-lo para a cobertura do forno. Mas neste caso, o forno, fica à desamão. O telhado ou a borrarheira estão por assim dizer à mão de semear, e é para onde, sem grande incómodo, se atira o dente.

O condicionalismo ecológico surge flagrante por exemplo nas práticas que colhi nas Caxinas, concelho de Vila do Conde. As crianças filhas dos pescadores atiram o dente para cima do telhado, as dos lavradores para cima do forno. É que as mulheres dos pescadores vivem ou, melhor, viviam tão intensamente a vida da pesca, na feitura e conserto das redes, no encasque das mesmas e noutros muitos serviços como no alar e no botar do barco ao mar, que não lhes sobejava tempo para cozerem o pão. Comiam pão comprado na loja.

Nas cozinhas dos lavradores das Caxinas (Alto do Bem Guiado) lá está o forno, a oferecer a sua cobertura para receber o dente para ali arremessado, e, portanto, livre de ser comido pelas galinhas, pelos porcos ou outros animais, o que a tal suceder, como vimos atrás, acarretaria desagradáveis consequências.

Nas cozinhas onde há forno há muitas vezes cinzeiro, para onde se vão deitando as cinzas ou borrarha.

Sabendo-se que em muitas regiões o dentinho de leite é atirado para a borrarheira ou cinzeiro, pode perguntar-se; qual a razão porque é preferido atirar o dente para cima do forno, nas cozinhas onde há também cinzeiro?

Procurando explicar a razão desta preferência pode talvez evocar-se um significado simbólico para o forno. No forno se coze o pão, o «pãosinho do Senhor», base da alimentação do povo das aldeias, logo o pão é a base da vida. Por transposição, ao forno se pode atribuir o significado simbólico de mantenedor da vida. Da vida que cada um de nós vive, crescendo, aguentando os trabalhos e fadigas da labuta diária, regenerando as forças gastas, recuperando energias pelo descanso e pela alimentação, na qual o pão tem importância basilar.

Ao forno pode atribuir-se o significado de fonte da vida, e, assim, o dentinho de leite arremessado para cima dele, procura desencadear e condicionar o poder mágico que há-de fazer crescer o novo dente, forte, belo e perfeito.

Em muitas regiões é para o telhado que o dentinho de leite é arremessado.

O Prof. Barbosa Soeiro (1) procura explicar a escolha do telhado no rito mágico do arremesso do dente, dizendo «que na metafísica infantil, os telhados são regiões misteriosas onde habitam fantasmas durante a noite e por onde as bruxas passam quando vão reunir-se». Em nota de fundo de página acrescenta: «Fala-se de assembleias de bruxos e bruxas nas encruzilhadas, todas as sexta-feiras à meia noite».

«As crianças lançam o seu dente para as regiões do desconhecido pedindo em troca a dádiva dum outro que seja são. Os telhados constituem para as crianças, um símbolo do mistério.

«As superstições são um pouco ritos de antigas religiões».

Para cima do telhado julga o povo que, à noite, vêm os espíritos maus, os *medos*, o *pesadelo*, o *papão*, a *côca* e outras entidades sobrenaturais mais ou menos confusas.

---

(1) Barbosa Soeiro, *A propósito do arremesso do dente*, cit., pág. 18.

No meu trabalho *As telhas do teu telhado* <sup>(1)</sup> publiquei 61 quadras alusivas às telhas e entre elas 9 que se referem ao *papão*, ao *papão negro*, à *côca*, ao *medo*, ao *bicho papão* e ao *rô-rô*. Transcrevo seis, por as outras três serem variantes que, no caso presente, não interessa dar a conhecer.

<i>Vai-te daí ó Papão</i>	<i>Vai-te embora Papão Negro</i>
<i>De cima desse telhado,</i>	<i>Para cima do telhado,</i>
<i>Deixa dormir o menino</i>	<i>Deixa dormir meu menino</i>
<i>Um soninho descansado.</i>	<i>Um sono descansado.</i>
(Fozcoa)	(Óbidos)

<i>Vai-te Côca, vai-te Côca</i>	<i>Vai-te embora, vai-te Medo</i>
<i>Para cima do telhado,</i>	<i>De cima desse telhado,</i>
<i>Deixa dormir o menino</i>	<i>Deixar dormir o menino</i>
<i>Um soninho descansado</i> <sup>(2)</sup> .	<i>Um soninho descansado.</i>
	(Valpaços)

<i>O feio Bicho Papão</i>	<i>O Rô-Rô foi ao Papão</i>
<i>Está em riba do telhado,</i>	<i>Por cima do meu telhado,</i>
<i>Para ver o meu menino</i>	<i>Deixou o menino a dormir</i>
<i>Se está no berço deitado.</i>	<i>O soninho descansado.</i>
(Arquip. da Madeira)	(Póvoa de Varzim)

Outra quadra, bastante difundida no nosso povo em várias modalidades, exprime, de modo flagrante, a acção curativa por

---

(1) Santos Júnior, *As telhas do teu telhado*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», VI, Seición Folklore, Santiago de Compostela, 1933, 20 págs.

(2) Esta quadra colhi-a no trabalho do Prof. Leite de Vasconcelos, *Cancções do berço*, in «Revista Lusitana», vol. X, Lisboa, 1907, onde figura sem indicação de localidade.

simples observação das telhas do telhado, podíamos dizer que se trata duma maravilhosa acção catalítica.

A quadra é assim:

*As telhas do teu telhado  
O mais delas tem virtude:  
Passei por elas doente,  
Logo me deram saúde.*

Como se vê o telhado, símbolo do abrigo, da casa onde o homem passa metade da vida, goza na crença popular de vários atributos. As telhas entram num certo número de remédios populares.

O arremesso do dente de leite para cima do telhado pode interpretar-se como a simples entrega do dentinho a qualquer das entidades misteriosas, côca, medo, papão ou rô-rô que, dele tomando conta, evitam que seja comido pelas galinhas, porcos ou outros animais. No entanto e afigura-se-me, talvez mais justamente, que se procure conquistar o poder misterioso dessas entidades para que o novo dente nasça são, robusto e perfeito.

A lareira, e por extensão o cinzeiro, são lugares sagrados da casa onde os espíritos dos antepassados estão presentes. E assim é que, como escreveu de Vries na pág. 88 do seu trabalho citado, «jeter la dent dans le foyer, c'est sans doute en faire un sacrifice aux mânes».

A *cova da vaca*, pègada aonde, na região de Pardilhó, se vai enterrar o dente de leite, pode, além do simples facto de esconder o dente na terra-mãe, criadora de todas as coisas, talvez considerar-se como reminiscência do culto que em tempos remotos foi prestado às vacas e aos touros.

Estes animais tiveram para os lusitanos, nossos antecessores, um importante significado religioso. O mesmo se pode dizer neste particular de outros povos da antiguidade.

Resta apreciar os dizeres ou fórmulas peticionárias que acompanham ou, melhor, antecedem o arremesso do dente de leite.

Neste particular a tarefa apresenta certas dificuldades que procuramos vencer restringindo a análise aos tópicos considerados capitais.

Assim é muito frequente, podíamos dizer quase geral, a referência à *cova* onde virá nascer o novo dente, que em esquema se pode sintetizar assim:

*Dente fora*

*Outro na cova.*

Na prática colhida em Santa Marta de Penaguião, concelho da Régua, *cova* figura com o sinónimo *lora*, que por sua vez deve ser corrupção ou variante de *lura*.

Em três casos, em associação com a referência à *cova*, juntam *casinha nova*.

Um outro aspecto, e particularmente impressionante, é o emprego de palavra *cag...*, troço de fezes moldadas que figura em muitos dizeres que precedem o arremesso do dente.

Como atrás se disse, esta palavra sem ser pròpriamente considerada palavra obscena é, no entanto, tida como palavra feia.

Ora no rito do arremesso do dente, tal palavra, considerada como soez quando empregada na linguagem corrente, é pronun-

ciada pelas crianças no acto do arremesso do dente com a maior sem-cerimónia.

É que em certas circunstâncias podem pôr-se de parte preconceitos de linguagem que, normalmente, não permitem pronunciar certas palavras. Isto sucede não só na prática mágica do arremesso do dente mas também nas eiras durante a malha do centeio na Cardenha, freguesia do concelho de Moncorvo.

Além disso pode pôr-se a hipótese de que a palavra que exprime o troço cilindro-cónico de fezes moldadas, por uma aplicação do princípio bem conhecido da magia de simpatia — o semelhante tem acção sobre o semelhante — teria acção mágica sobre o futuro dente.

Mas não é tudo. É de crer que ao espírito supersticioso e inculto do povo, e ainda por uma simples associação de ideias, o troço de fezes moldadas desempenharia papel impulsionador do crescimento dentário.

O dente novo no processo germinativo de crescimento gradual assemelha o germinar das sementes e o crescer das plantas. E assim como para estas as fezes lançadas à terra nos estrumes impulsionam o crescimento vegetal, o espírito supersticioso do povo procurou, por um processo de magia de simpatia, evocar a mesma acção impulsionadora do crescimento do novo dente na referência verbal ao troço de fezes moldadas, que é também cilindro-cónico como a cova do dente.

Registe-se que este conceito aparece reforçado na prática colhida em Travanca (Amarante) na qual, conjuntamente ao troço de fezes moldadas, se acrescenta e «m. de cão na buraca». O mesmo conceito impulsionador do crescimento aparece também nas práticas das freguesias de Aboadela e Sanche, ambas do concelho de Amarante, nas quais, como atrás se referiu, para ser mais certo o aparecimento do novo dente se applicava um pouco de excremento de galinha no local da caída do dente de leite.

Em algumas práticas do arremesso do dente a criança dirige-se ao *moirão*, *moirão*, a quem atira o dente podre e pede um são.

Registe-se desde já que estas práticas só são conhecidas do Alentejo e do Algarve.

Para o Prof. Barbosa Soeiro *moirão* ou *mourão* é o mesmo que «grande mouro». Sabendo-se que os mouros viveram muito tempo no Alentejo e no Algarve, e que «as tradições populares estão cheias de historietas interessantes e ingénuas de mouras encantadas», este ilustre Professor conclui: «É natural que as crianças vejam num mouro a personificação do mistério».

É uma hipótese plausível.

Para Leite de Vasconcelos *moirão* é o nome dum miriápode, e assim como o povo imagina que muitas doenças são produzidas por bichos, para este grande etnógrafo as crianças no acto do arremesso do dente dirigem-se ao tal miriápode *moirão*.

Esta hipótese afigura-se-me pouco defensável.

Em meu parecer julgo não ser preciso evocar nem o *grande mouro* nem o *bicho miriápode moirão*.

O *moirão* na interpretação de Leite de Vasconcelos é, digamos, um mito zoológico. Este ilustre Professor e eminente etnógrafo in *Opúsculos*, V, Etnologia (Parte I), Impr. Nac. de Lisboa, 1938, no capítulo «Uma superstição com os dentes», pág. 603 e segs., faz eruditas considerações sobre o possível significado mítico de *moirão*.

Diz que as pessoas da região algarvia onde colheu a fórmula votiva do *Moirão*, *moirão*, *pega lá o mê dente podre e dá cá o mê são*, não sabiam a significação de *moirão*. A seguir diz que, como esta palavra é o nome dum miriápode, julga ter lugar a aproximação com o que W. Stockes publicou na «Rev. Celtique», V, 391-2, que transcreve, e é o seguinte:

*Weevil, dark as lamp-black, eating, two and thirty teeth,  
By the blessing of Shekh Farid, black weevil in the midst will die.  
By the order of the Teacher Saint, one, two three, four, five, six, seven.  
Foh! Foh! Foh!*

Em nota de fundo da página diz que «Foh! Foh! Foh! represent three puffs with the breath to dry out the weevil».

Informa Leite de Vasconcelos que esta fórmula contra a dor de dentes (tooth-ache) é traduzida do *Indian Antiquary*, Fev. 1882, e que o Sr. W. Stokes a comenta assim: «This mantra — say the collectors — turns on the superstition that tooth ache is caused by a weevil that will produce powder in wood... The object of this charm is to kill the weevil by invoking Shekh Farid a celebrated saint of the Sûfi or freethinking sect of Muhammadans».

Acrescenta que W. Stokes faz a comparação com a seguinte fórmula traduzida do médio irlandês:

*May the thumb of chosen Thomas  
in the side of guiltless Christ  
heal my teeth without lamentation  
from warms and from pangs!*

Stokes cita um passo correlativo de Shakespeare e remete o leitor para trabalhos de Karl Bartsch, A. Kuhn e Th. Dyer.

Se bem que sejam muito interessantes estas considerações e aproximações julgo mais plausível a interpretação que damos a seguir.

*Moirão* ou *mourão* é palavra corrente em Trás-os-Montes, onde tantas vezes a tenho ouvido para referir um estacão forte de pau, de pedra ou de ferro, firmemente espetado no chão e que oferece apoio sólido especialmente a forças de tracção.

A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira dá para este vocábulo os seguintes significados. «Cada uma das varas grossas que se fixam verticalmente na formação de estacadas. Estaca para empar a videira. Bras. Poste, toro grosso fincado no solo, ao qual se prendem as reses para a ferra, castração ou trato».

Na minha humilde opinião é mais provável que o *moirão* das práticas do arremesso do dente seja sinónimo de estação forte.

É mais uma palavra que se pode, justamente, enquadrar nos ritos de simpatia.

Assim como o *moirão* é um estação forte sòlidamente espetado na terra, assim a criança pede que o dente novo venha sòlidamente implantado no respectivo alvéolo.

Recorde-se a propósito aquilo que escrevemos atrás sobre práticas colhidas no concelho do Mogadouro. Ali as crianças ao atirarem o dente de leite pedem «que lhe nasça outro mais valente», isto é fortemente implantado no alvéolo.

Não encontro explicação para o *Simão*, *Simão* da prática de Vilar de Andorinho.

Aquele *Simão*, *Simão* é-me inteiramente incompreensível.

Porém quanto ao *Trigueirão*, *trigueirão* julgo ter encontrado o justo significado da razão que leva as crianças alentejanas a dirigir a esta ave a sua petição.

Na prática de Elvas em que a criança se dirige ao *Trigueirão*, *trigueirão*, é de crer que se trate de mais um caso de magia de simpatia.

O *trigueirão* ave de família Fringilidae é a *Emberiza calandra* que além do nome vulgar referido tem, conforme as regiões, mais os seguintes: trigueiro, tem-te na raiz, chinchorrio, chirrobia, milheirão e passarinho trigueiro.

Pois bem, esta ave tem um bico relativamente grosso com um grande tubérculo córneo no palatino, tubérculo, que, correntemente, os zoólogos designam «dente palatino».

Trata-se, sem dúvida, de mais um rito de magia de simpatia o facto de a criança entregar ao *trigueirão* o dentinho de leite, pedindo-lhe em troca um novo dente forte e são como o seu dente palatino.

Há ainda que referir algumas fórmulas votivas em que aparecem referências a Deus, à Senhora da Hora, a S. João e a Santo António.

Numa de Labruge, Vila do Conde, diz-se: *Venha outro com Deus embora* (cf. em boa hora). Noutras de Matosinhos, *Venha outro com a Senhora da Hora*, ou *Nasça-me um dente p'rá Senhora da Hora*, ou ainda *Nasça-me um dente em louvor da Senhora da Hora*. Em Vouzela, *Em louvor de S. João toma lá um dente podre dá-me outro são*. Em Vila Meã, *Ó meu Santo Antoninho, pega este dente podre e dá-me outro mais sãozinho*.

As mais das vezes é difícil, sempre que o nome dum santo se encontre relacionado com uma superstição, formular conclusões seguras a respeito dessa relação.

Claro que há o sentido geral dos crentes de que a Deus nada é impossível, e que por intermédio dos santos se pode obter a Graça divina.

Leite de Vasconcelos a págs. 605-606 de *Opúsculos*, V, Etnologia (Parte I); Impr. Nac. de Lisboa, 1938, aborda este assunto. Diz, e bem, que a existência do nome dum santo numa fórmula de superstição pode resultar de várias circunstâncias, cada uma de per si ou combinadas. Essas circunstâncias segundo o eminente Mestre da Etnografia portuguesa, podem ser: analogia do nome do santo com um nome pagão; popularidade do santo; analogia com o objecto de que se trata; analogia entre o objecto e alguma particularidade ligada ao santo; simples influência da rima.

A respeito da Senhora da Hora, sendo ela padroeira ou advogada dos nascimentos, medianeira «duma boa horinha do parto», podemos dizer que, por analogia, para o nascimento dos dentes definitivos se implora a sua intercessão.

Quanto ao S. João, este santo é de enorme popularidade no norte do nosso país. Ao mesmo tempo pode evocar-se a circunstância da rima com *pão* e *são*.

Quanto ao milagroso Santo António, a sua popularidade é muito grande em todo o Portugal e muito especialmente no sul. A expressão «Santo Antoninho» é não só reflexo de carinho e ternura mas, ao mesmo tempo, necessidade de rimar com «*sãosinho*».

O *Pelheirinha*, *pelheirão* da fórmula publicada por Jaime Lopes Dias, respeitante a Idanha-a-Nova, é referente à *pelheira* ou *pilheira*, vão maior ou menor aberto na parede das cozinhas, quase sempre perto da lareira. Ali se arrumam e guardam várias coisas.

É, digamos um sítio onde o dentinho ficará a bom recato, livre portanto de ser comido por qualquer animal doméstico, nomeadamente galinhas ou porcos.

\*

Seria conveniente, em tarefa complementar, fazer o estudo comparado da prática do arremesso do dente em Portugal com o que é uso fazer-se em muitos países europeus, onde tal prática é igualmente corrente. Isso porém alongaria muito este trabalho, que já vai longo. O Dr. Fernando C. Pires de Lima no seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., nas págs. 11 a 14, meritòriamente, fez uma tentativa de comparação, citando e transcrevendo algumas práticas da Espanha, França e Holanda.

Por esse breve estudo comparativo se verifica que, lá fora, algumas vezes o dente é atirado ao lume.

Saintyves na 4.<sup>a</sup> página do seu trabalho *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, cit., diz que na Borgonha e no Alto Marne as crianças atiram o dente de leite ao lume dizendo:

*Tiens feu, voilà mon dent.*

*Renvoie-la-moi aussi claire que l'argent.*

Não quero deixar ainda de referir o que se lê na 5.<sup>a</sup> página do mesmo trabalho, quanto ao Egipto. Ali a criança a quem caiu um dente de leite guarda-o, e, ao pôr do sol, no momento em que o astro-rei se esconde no horizonte, atira o dentinho na direcção do poente e grita: *Prends la dent d'un âne et rends moi une dent de gazelle.*

Fiquemos por aqui.

Repito: o estudo comparativo da prática do arremesso do dente, prática que se observa não só na maioria, senão mesmo na totalidade, dos países da Europa, mas também no Brasil e em África pelo menos no Egipto, alongaria muito este trabalho, que já vai longo.

Se me for possível ocupar-me-ei deste aspecto de etnografia comparada noutra oportunidade.

Não é de admirar que esta prática esteja largamente difundida à superfície da terra.

É natural que tal suceda.

É que desde épocas remotíssimas os homens devem ter sido fortemente impressionados pela estranha e singular renovação dentária, que não compreendiam nem sabiam explicar. Daí a superstição e os ritos mágicos em ligação com a evolução dentária.

Neste particular, Paul Sébilot, que foi Presidente da «Société d'Anthropologie de Paris» e director da «Revue des traditions

populaires», a pág. 228 do seu livro *Le Folk-lore* (1), dá uma síntese que julgo merecer transcrição.

«Des amulettes, dans lesquelles entrent souvent des dents d'animaux ou d'hommes, des colliers d'objets préhistoriques, de certaines pierres ou de certaines plantes, des sachets, favorisent l'évolution dentaire. On a soin de ne pas jeter les dents de lait, ce qui exposerait l'enfant à divers inconvénients, si elles étaient avalées par des animaux; on les lance dans le feu en prononçant une conjuration, ou les lance par-dessus le toit; en nombre de pays, la dent est mise dans un trou avec une formulette votive qui s'adresse parfois au rat ou à la souris qui l'a creusé, et que l'on adjure de donner en échange de jolies petits dents».

### Conclusões

Este trabalho, está longe de esgotar o assunto.

Certamente há ainda muito que apurar em pesquisas cuidadas feitas pela brilhante plêiada de etnógrafos, que os há, e de bom quilate, no nosso país.

É bem acentuar que no registo das práticas do arremesso do dente importa indicar a região onde tais práticas são norma corrente.

Uma vez na posse de abundantes materiais, bem localizados nas terras do norte, centro e sul do país, poderão marcar-se na carta de Portugal as zonas ou regiões onde predomina esta ou aquela feição, ou modalidade, do tão generalizado rito mágico do arremesso do dente.

---

(1) Paul Sébilot, *Le Folk-lore, Littérature oral et Ethnographie traditionnelle*, Paris, 1913, 393 págs.

Com a escassez dos elementos de que dispomos, seria temerário balançarmo-nos à elaboração de tal carta.

É melhor aguardar que os materiais se juntem num quantitativo suficientemente demonstrativo.

No entanto podemos desde já, acentuar a existência de marcada diferença entre o norte e o sul do país.

No sul, além de certas diferenças nos dizeres que antecedem o arremesso, este, geralmente, é feito para cima do telhado.

No norte, embora esporadicamente numa ou noutra localidade também se atire o dentinho de leite para cima do telhado, por via de regra são outros os sítios para onde se faz o arremesso, a saber: para cima do forno de cozer pão, para trás da porta, ou atirado para algures e abandonado, ou subquentemente enterado.

No norte o Minho, o Entre Douro e Minho e parte de Trás-os-Montes, constituem uma região, ou zona, onde, na fórmula votiva ou dizer peticionário do novo dente, figura a palavra que exprime o troço cilindro-cónico de fezes moldadas, palavra considerada *feia*, mas que, apesar disso, no acto do arremesso do dente é dita com toda a sem-cerimónia e sem o menor reбуço.

Esta prática, que talvez se possa chamar coprolálica, julgo que poderá ser tomada como elemento adjuvante de alguma valia, para definir ou demarcar uma região cultural.

O arremesso do dente de leite é bem um mito <sup>(1)</sup>. Este, como é bem sabido, pode ser um conto ou narrativa, uma atitude ou

---

(1) O Prof. Doutor Fidelino de Figueiredo, filósofo, escritor e pensador, que foi Mestre eminente em várias Universidades da Europa e das Américas Central e do Sul, publicou há pouco o livro *Simbolos & Mitos* (Ed. «Publicações

modo de comportamento, que exprimem ou correspondem a uma dependência estreita duma coisa humana inexplicável com alguma coisa transcendente, invisível, superior, divina, que seria a razão determinante das coisas humanas a que se desconhece a verdadeira razão de ser. O mito é um arrimo a encobrir a ignorância humana.

É assim é que a credice popular, a superstição, julga que seres imaginários e superiores, quase divindades, dotados de excepcionais faculdades, são a razão de ser de muitas coisas humanas, e que por meio de ritos peticionários se pode conquistar o seu auxílio altamente benéfico.

O arremesso do dente de leite que, como vimos, é feito quase sempre para trás das costas, para o mundo dos espíritos, apresenta em algumas das suas modalidades, actos, comportamentos, ou expressões, que, sem a menor dúvida, se enquadram na magia de simpatia. Neste tipo de magia o semelhante actua sobre o semelhante por acção dum ser superior, que é a expressão suprema e transcendente do mito.

À fórmula peticionária ou votiva, com a adjuvância mágica de qualquer coisa semelhante àquilo que se pede — coisa que é materialização concreta daquilo que se busca — procura conseguir que o poder superior que se evoca se transfira, por seu intermédio, à coisa humana e seja exercido do modo mais conveniente e profícuo.

---

Europa-América», Lisboa, Junho de 1964) do qual extracto as seguintes passagens.

Pág. 40: «A concepção de deuses e de mitos ministra preciosos elementos para a antropologia filosófica ou para a elaboração de um retrato integral do homem». E na pág. 48: «Os homens gostam de mitizar a realidade. Criam e recriam mitos, restauram-nos sobrepõem-nos. Com eles mascaram a verdade, saibam-na ou não».

Tudo isto não é mais do que o reflexo do modo como o homem inculto se comporta, e reage, perante a vastidão e profundidade do mundo desconhecido, procurando ansiosamente explicação para os fenómenos que a sua mente não compreende sem a interferência de poderes sobrenaturais.

### RÉSUMÉ

Au Portugal le jet de la dent de lait est si fréquent qu'on peut le regarder comme un usage général.

Aux enfants auxquels une petite dent de lait tombe sont donnés de spéciaux soins pour éviter que la même soit mangée par quelques animaux, particulièrement par les poules et les cochons, ce qui pouvait entraîner de différentes et mauvaises conséquences.

Le jet est réalisé presque toujours par dessus de la tête et le lieu vers où on jet la dent est variable. Quelques fois elle est jetée sur le fourneau du pain, qu'on peut trouver dans la majorité des cuisines des villages au nord du Portugal, autres fois encore elle est jetée sur le toit ou tout simplement dans le cendrier.

Dans quelques régions la dent est jetée derrière le dos sans aucune préoccupation de l'endroit où elle ira tomber.

Le jet est précédé d'une formule votive dont les mots sont très variables. Nous en citerons seulement trois qui, on peut dire, constituent les trois types principaux.

Au nord du Portugal, dans le «Minho» et «Entre Douro e Minho» l'expression prédominant est du type suivant:

*Dent tombée, étron dans la fosse,  
Qu'il en vienne une autre pour la case neuve.*

Dans le nord-est du Portugal, dans la province de «Trás-os-Montes», on dit :

*Je jette par dessus l'épaule cette dent,  
Pour qu'il m'en pousse une autre plus forte.*

Dans le sud, dans les provinces de «Alentejo» et «Algarve» la dent est jetée sur le toit et on dit :

*Petit toit, grand toit  
Prenez cette dent malsaine  
Et donne-m'en une saine.*

Le jet de la petite dent de lait c'est bien un mythe. Celui-ci, comme c'est fort connu, peut se présenter sous la forme d'un conte, narrative, d'une situation ou encore d'une manière de conduite traduisant toujours une liaison intime entre la réalité humaine et quelque chose de transcendente, invisible, supérieure et divine.

En fait, la crédulité populaire — la superstition — veut que des êtres surnaturels et imaginaires, semblables à des divinités douées de facultés exceptionnelles, soient la raison d'être de beaucoup de réalités humaines dans leur commencement, évolution et fin.

À l'égard du mythe ce pouvoir opérant est susceptible d'être transféré et d'agir sur les choses humaines selon des rites de pétition.

Le jet de la dent de lait fait presque toujours derrière le dos, c'est-à-dire vers le monde des esprits, exprime donc, en quelques de ses modalités, des actes, des conduites ou des expressions qui, sans doute, s'encadrent dans la magie de sympathie selon laquelle le semblable agit sur le semblable par l'action d'une être supérieur, qui correspond à l'essence suprême et transcendente du mythe.

La formule pétitionnaire ou votive avec l'intromission de quelque chose de semblable à ce qu'on demande, c'est-à-dire avec la matérialisation concrète de ce qu'on veut atteindre, cherche par son influence, à transférer à la chose humaine le pouvoir supérieur évoqué afin qu'il y soit exercé de la manière la plus convenable et efficace.

Tout cela n'est qu'un reflet de la façon dont l'homme ignorant s'exprime et agit devant l'immensité et la grandeur du monde inconnu, cherchant avec anxiété une explication pour les phénomènes auxquels son entendement ne parvient pas sans l'interférence de pouvoirs surnaturels.

### SUMMARY

In Portugal, the action of throwing away the milk teeth is so common that we can say it is a general use.

Children whose milk teeth fall are given special care to avoid that the same should be eaten by certain animals, specially hens and pigs, which might bring about injury and bad luck.

The throw is usually backwards and the place where the tooth is due to fall varies.

Sometimes, it is thrown over the bread-oven which is still to be found in a good deal of kitchens in the villages of the north of Portugal, sometimes, it is thrown over the roof, or just cast into the hearth ashes.

In some regions, the tooth is thrown backwards without any choice of place where it is going to fall.

The act of throwing is preceded by a votive formula whose words vary a lot and from which we will mention only three, representing the most important and common types.

In the north of Portugal, in the provinces of «Minho» and «Entre Douro e Minho» the predominant type is as follows

*Tooth out «cag... (1)» into the hole  
May another grow in the new little site.*

In the northeast of Portugal, in the province of «Trás-os-Montes», they usually say:

*I am throwing backwards this tooth  
That a stronger one may grow.*

In the south, in the provinces of «Alentejo» and «Algarve», the tooth is thrown over the roof, and they say;

*Little roof, big roof  
Take this bad tooth  
And give me a good one.*

The act of throwing away milk teeth is, actually, a myth. The latter as it is well known, may assume the form of a tale or narrative, of an attitude or even of a behaviour, expressing always the intimate association of a human object to something transcendent, invisible, superior and divine.

Hence the reason why according the popular belief—superstition—imaginary and superior beings, almost gods gifted with exceptional faculties, are supposed to be the reason of being of many human things in their beginning, evolution and end.

---

(1) This portuguese word is not a polite one, therefore we suggest *faeces*.

As regards the myth, this operating power can be transferred to human things over which it is exercised by means of petitionary rites.

The action of throwing a milk tooth backwards, that is into the spirit world, present in some of its forms, an action, a behaviour or an expression belonging to the sympathy magic process, according to which a thing can operate over a similar one through a supernatural being that is the highest and transcendental manifestation of the myth.

The petitionary or votive formula, introducing a thing that is similar to what is sought — thus giving the latter a materialized, concrete form — aims at the transference of the evoked superior power to the humanity, upon which it will be exercised in the most suitable and efficient way.

In other words, this is but the reflex of the way how the unlearned man reacts and expresses himself before the depths of the unknown world, making anxious efforts to find an explanation for the phenomenae that his mind can not grasp without recourse to supernatural and imaginary powers.

### ZUSAMMENFASSUNG

In Portugal misst man dem Ausfallen und Wegwerfen der Milchzähne besondere Bedeutung bei.

Wenn einem Kind ein Milchzahn ausfällt, sorgt man dafür, um böse Folgen zu vermeiden, dass er nicht von Tieren, wie Hühnern oder Schweinen gefressen wird.

Der Milchzahn wird gewöhnlich über den Kopf: nach hinten weggeworfen, und die Stelle, auf die er fallen soll, wechselt: manchmal schleudert man ihn auf den Backofen, der noch in den meisten Küchen Nordportugals steht, oder auf das Dach oder einfach in die Herdasche.

In manchen Gegenden wirft man den Zahn aufs Geratewohl nach rückwärts, nicht ohne vorher einen Spruch aufgesagt zu haben. Der Inhalt dieser Zaubersprüche wechselt je nach der Gegend. Hier nur drei Beispiele:

1. typisch für den Norden Portugals und zwar die Provinzen «Minho» und «Entre Douro e Minho»:

*Zahn raus, scheiss' ins Loch,  
Möge ein neuer Zahn drtn wachsen.*

2. für die Provinz «Trás-os-Montes» im Nordosten Portugals:

*Ich werfe diesen Zahn hinter mich,  
Damit ein stärkerer an seiner Stelle wachse.*

3. im «Alentejo» und «Algarve» im Süden, wo man den Zahn aufs Dach wirft, heisst es:

*Kleines Dach, grosses Dach.  
Nimm den schlechten Zahn  
Gib einen guten dafür.*

Das Wegwerfen der Milchzähne gehört in den Bereich des Mythos. Dieser tritt in Märchen, Erzählungen oder im Verhalten auf und beleuchtet stets den inneren Zusammenhang, der zwischen einem menschlichen Gegenstand und dem Unsichtbaren, Höheren und Göttlichen besteht.

Daher der volkstümliche Aberglaube, dass höhere, gottähnliche Wesen mit übernatürlichen Fähigkeiten den Daseinsgrund von mancher menschlichen Wirklichkeit in ihrem Beginn, ihrer Entwicklung und ihrem Ende bilden.

Was den Mythos anbelangt, so kann seine Macht auf menschliche Gegenstände durch Bittgebete übertragen werden.

Das nach hinten, d. h. in die Geisterwelt, Werfen des Milchzahns, ist in einigen seiner Formen eine Handlung, ein Verhalten, ein Ausdruck der Magie, demgemäss ein Gegenstand auf einen ähnlichen durch das Übernatürliche in der höchsten transzendentalen Erscheinungsform des Mythos einwirken kann.

Die Bitte oder der Zauberspruch gehen von einem Gegenstand aus, der dem erwünschten ähnelt, und geben ihm so eine materialisierte, konkrete Form und suchen mit seinem Einfluss die höheren Mächte auf den menschlichen Gegenstand zu lenken, auf den sie einwirken sollen.

Das alles spiegelt lediglich die Art wieder wie der unwisende Mensch sich angesichts der Grösse des Unbekannten verhält, indem er verzweifelnde Anstrengungen macht, Erklärungen zu finden für die Erscheinungen, die er ohne das Eingreifen übersinnlicher Mächte nicht versteht.



# VÁRIA

---

## Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) Novos elementos (III)

Em trabalhos anteriores <sup>(1)</sup> demos notícia de 26 antas que estudámos no concelho do Crato em várias campanhas de trabalhos nos anos de 1960 a 1963.

Como resultado de novas explorações arqueológicas efectuadas no referido concelho, nos períodos de férias do Carnaval de 1964, do Natal do mesmo ano e do Carnaval de 1965, pudemos estudar mais as sete antas seguintes: *Anta do Couto da Nave, Anta 1.ª da Herdade da Zambujeira, Anta 2.ª da Herdade da Zambujeira, Anta 3.ª da Herdade da Zambujeira, Anta 2.ª do Couto de Marrocos, Anta 1.ª da Herdade da Decosta e Anta 2.ª da Herdade da Decosta.*

### Anta do Couto da Nave

Esta anta fica situada em terrenos da freguesia do Monte da Pedra, no Couto da Nave, antigamente designado por Couto do Vale Feitinho, num cabeço chamado *cabeço da anta*. À norte da anta e a uns 50 m passa a linha do Caminho de Ferro do ramal de Cáceres. A passagem de nível do Vale Feitinho, da linha referida, fica uns 200 m a nordeste da anta.

Está hoje muito destruída. Teve inicialmente 7 esteios todos de granito. Tem ainda 6 esteios; de todos eles o mais conservado e talvez ainda completo é o 4 (Est. I, figs. 1 e 2).

---

(1) Agostinho Isidoro, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XLIV, Porto, págs. 206 a 228, com 29 figs.

— Idem, idem, *Novos elementos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XIX, Fasc. 1, Porto, 1963, págs. 71 a 75, 4 figs.

— Idem, idem, *Novos elementos (II)* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XIX, Fasc. 2, Porto, 1963, págs. 174 a 177, 2 figs.

O estado de conservação e as medidas <sup>(1)</sup> de cada esteio <sup>(2)</sup>, são como seguem:

Esteio 1 — incompleto; a porção que lhe resta, a inferior, tem 1,10 m de altura, 1,36 m de largura e 0,27 m de espessura;

Esteio 2 — incompleto; tem 1,45 m de altura, 1,68 m de largura e 0,27 m de espessura;

Esteio 4 — quase completo ou talvez completo, mais largo em baixo do que em cima; é o da cabeceira; tem 1,72 m de altura, 1,80 m de largura e 0,20 m de espessura;

Esteio 5 — muito incompleto; a porção que sobressai da terra tem apenas 0,20 m de altura, 0,75 m de largura e 0,20 m de espessura;

Esteio 6 — muito incompleto; também a porção inferior tem 0,45 m de altura, 1,58 m de largura e 0,30 m de espessura;

Esteio 7 — está partido mesmo ao rés da terra; há uma pedra que lhe devia ter pertencido, caída para dentro da câmara da anta; ocupa uma parte da boca de entrada e está quase soterrada.

Há uma outra pedra tombada, apoiada pela extremidade nordeste e face inferior na última porção do esteio referido e pela extremidade oposta, a um nível superior, nos esteios 1 e 2. Deve ter pertencido ao *chapéu* da anta. Tem 2,07 m de comprimento, 1,03 m de largura e 0,32 m de espessura.

A câmara da anta tem 3,15 m de diâmetro ântero-posterior ou seja no sentido nascente-poente e 2,90 m de diâmetro transverso.

A boca da anta está voltada ao nascente.

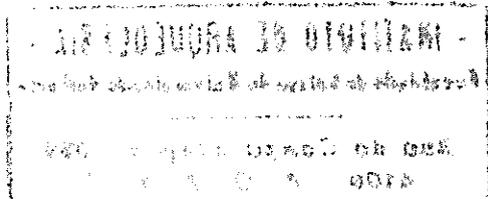
Não há vestígios de corredor.

#### Anta 1.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira

Situada na folha da Serrinha a sudeste do *monte* desta herdade, pertencente à freguesia dos Mártires, anexa à do Crato. Dista do *monte* uns 120 m. Entre a anta e o *monte* corre o ribeiro das Figueiras. O terreno onde está é plano e sem vegetação.

(1) Neste esteio, como nos outros, a largura foi determinada ao nível do terreno e a espessura é a máxima. Todas as medidas foram tiradas por fora.

(2) Nesta anta, como nas que se seguem, os esteios são indicados por algarismos iniciando a sua contagem pela esquerda da porta, no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.



Anta muito arruinada; o que lhe resta mostra ter sido uma anta de tamanho razoável, com 8 esteios de granito. Hoje restam 7 esteios e todos incompletos (Est. II, figs. 3 e 4).

O estado de conservação e as medidas de cada um dos esteios são como seguem:

Esteio 1—caído para dentro da câmara e debaixo duma pedra que, muito provávelmente, devia ter servido de porta da anta. Esta pedra também apoia numa porção partida do esteio 7; não lhe pudemos tirar as medidas;

Esteio 2—caído para fora da anta, para o lado sul; tem 1,90 m de altura, 1,04 m de largura e 0,44 m de espessura;

Esteio 3—caído para dentro da câmara e meio soterrado; também não lhe pudemos tirar as medidas;

Esteio 4—partido à altura de 0,80 m; a parte caída é maior do que a que está no sítio primitivo; tem ao todo 2,20 m de altura, 0,90 m de largura e 0,48 m de espessura;

Esteio 5—incompleto; deve ter sido o da cabeceira; a parte que lhe resta está no lugar primitivo e tem 0,50 m de altura, 0,90 m de largura;

Esteio 7—fracturado ao nível do terço inferior; a porção superior está caída na câmara; tem 2,27 m de altura, 1,30 m de largura e 0,33 m de espessura;

Esteio 8—partido mesmo ao rés da terra e tombado na câmara da anta; tem 1,88 m de comprimento, 1,15 m de largura e 0,23 m de espessura.

Não pudemos tirar as medidas dos diâmetros da câmara por causa do amontoamento em que se encontram os esteios e o *chapéu*.

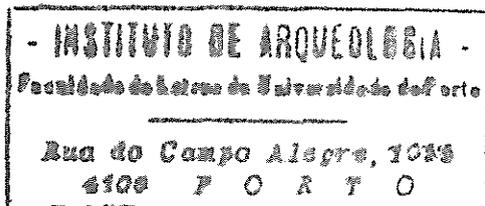
Este é de forma oval e tem 2,90 m de comprimento, 2,47 m de largura e 0,37 m de espessura.

O corredor está voltado a sudeste e possui ainda duas pedras do lado norte. A proximal é a maior, com 2,10 m de comprimento, 0,70 m de altura e 0,50 m de espessura.

### Anta 2.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira

Fica num cabeço da folha das Terras de Fora, próxima duma parede que serve de *linda*, ou extrema, entre esta herdade e a Tapada da Cabeceira das Vinhas.

Tem ainda 4 esteios de granito. Destes, o 1 e o 5 estão incompletos e o 4, o da cabeceira, e o 6, estão completos. Esta anta devia ter inicialmente 7 esteios (Est. III, figs. 5 e 6 e Est. IV, fig. 7).



As medidas destes esteios, altura, largura e espessura, são respectivamente:

1 — 0,92 m, 1,32 m e 0,34 m; 4 — 1,55 m, 1,52 m e 0,32 m; 5 — 0,93 m, 1,28 m e 0,24 m e 6 — 1,80 m, 0,81 m e 0,31 m.

O corredor desta anta está voltado a nordeste e dele resta apenas uma pedra quase soterrada.

### Anta 3.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira

Localizada num pequeno cabeço da folha das Terras de Fora, a sudeste da 2.<sup>a</sup> anta desta herdade e distante dela uns 350 m. A Ribeira de Seda passa-lhe a sul e à distância de uns 400 m.

Os esteios eram inicialmente 7. Hoje há dois ainda inteiros, o 3 e o 4, e dois partidos. Todos são de granito.

Há um resto de mamoa.

Uma pedra caída a sul, que deve ter sido o esteio 2, tem 1,75 m de comprimento, 0,93 m de largura e 0,20 m de espessura (Est. IV, fig. 8 e Est. V, figs. 9 e 10).

As medidas destes esteios (altura, largura e espessura), são como seguem:

3 — 1,55 m, 0,70 m e 0,30 m; 4 — 1,50 m, 1,15 m e 0,55 m; 6 — 1,20 m, 1,10 m e 0,30 m e 7 — 0,96 m, 0,46 m e 0,39 m.

A câmara da anta tem 2,14 m de diâmetro ântero-posterior e 2,36 m de diâmetro transverso.

O corredor está voltado a sudeste, e tem ainda quatro pedras, duas de cada lado. Tem 1,80 m de comprimento e 0,88 m de largura na extremidade distal.

### Anta 2.<sup>a</sup> do Couto de Marrocos

Encontra-se num cabeço da courela do Vale João Mendes, deste Couto, pertencente à freguesia do Crato. A oeste e à distância de uns 200 m passa a Ribeira de Linhares.

Anta bastante arruinada (Est. VI, fig. 11), com resto de mamoa e com 6 esteios incompletos, todos de granito. Teve inicialmente 7 esteios.

O seu estado de conservação e as medidas são como seguem:

Esteio 1 — representado apenas por uma porção inferior, que se apresenta inclinada para a câmara; tem 0,30 m de altura, 0,70 m de largura e 0,23 m de espessura;

Esteio 2 — incompleto; aguça na extremidade superior e tem uma falha quase a toda a altura na face externa; tem 1,50 m de altura, 1,40 m de largura e 0,35 m de espessura;

Esteio 4 — incompleto; aguça também na extremidade superior; tem 0,95 m de altura, 1,17 m de largura e 0,23 m de espessura;

Esteio 5 — incompleto; com 1,12 m de altura, 0,65 m de largura e 0,35 m de espessura;

Esteio 6 — é o mais completo; com 1,40 m de altura, 1,36 m de largura e 0,45 m de espessura;

Esteio 7 — incompleto; bastante inclinado para dentro da câmara; com 1,12 m de altura, 1,35 m de largura e 0,30 m de espessura.

Em volta da anta e dentro da câmara há várias pedras que foram levadas dos terrenos em volta.

O corredor está voltado a sudeste; as suas pedras estão bastante soterradas; não as pudemos delimitar para as contar. Tem 4,5 m de comprimento e a largura proximal e distal é de 0,95 m e 0,37 m, respectivamente.

A câmara tem 1,37 m de diâmetro ântero-posterior e 2,10 m de diâmetro transverso.

#### Anta 1.<sup>a</sup> da Herdade da Decosta

Esta herdade pertence à freguesia dos Mártires.

Nela encontrámos duas antas. A anta 1.<sup>a</sup> está situada num cabeço com azinheiras designado por *cabeço da anta*, próximo e à esquerda do caminho vicinal, que vai do *monte* da herdade da Misericórdia, para o *monte* da herdade da Decosta, e a 300 m das malhadas <sup>(1)</sup> deste *monte*. Entre a anta e o *monte* da Herdade da Misericórdia passa a Ribeira da Misericórdia, afluente da Ribeira de Seda.

Anta muito destruída (Est. VI, fig. 12 e Est. VII, fig. 13). Dela restam 6 esteios, incompletos, todos de granito, menos o 2 que é de estrutura xistosa. Falta o 1.

O estado de conservação e as medidas dos esteios, são como seguem:

Esteio 2 — incompleto; junto dele e do lado direito há uma pequena pedra também xistosa; o esteio tem 1,23 m de altura, 0,46 m de largura e 0,35 de espessura máxima;

Esteio 3 — tem 1,14 m de altura, 1,18 m de largura e 0,38 m de espessura;

Esteio 4 — quase soterrado; a porção que aflora ao terreno está inclinada para fora da câmara da anta;

---

(1) Conjunto de habitações onde se guarda a palha, feno, etc., que tem ao lado o curral onde dorme o gado.

Esteio 5 — em posição inicial, com 1,00 m de altura, 0,81 m de largura e 0,44 m de espessura;

Esteio 6 — porção inferior ainda em posição inicial, com 0,53 m de altura, 1,01 m de largura e 0,37 m de espessura;

Esteio 7 — reduzido a uma pequena porção tombada no lugar inicial do esteio.

Há apenas três pedras do corredor, do lado norte, que apenas afloram à terra. Está voltado a sudeste.

A câmara da anta tem 2,87 m de diâmetro ântero-posterior e 2,45 m de diâmetro transverso.

#### Anta 2.<sup>a</sup> da Herdade da Decosta

Localizada num cabeço, com azinheiras e distante cerca de 1 km da povoação do Pisão, que lhe fica a norte.

Há uma horta chamada Horta das Negras a leste da anta e distante dela uns 30 m.

Esta anta tem ainda restos de 8 esteios, todos em posição inicial (Est. VII, fig. 14 e Est. VIII, figs. 15 e 16). Os 1, 2 e 7 têm fracturas recentes. Todos os esteios são de granito. O seu estado de conservação e as medidas, são como seguem:

Esteio 1 — incompleto, algo inclinado para a câmara com 1,55 m de altura, 1,00 m de largura, 0,50 m de espessura;

Esteio 2 — a porção existente apresenta 3 fracturas que a dividem em 4 fragmentos; tem 0,80 m de altura, 1,10 m de largura e 0,23 m de espessura;

Esteio 3 — tem 0,45 m de altura, 0,85 m de largura e 0,20 m de espessura;

Esteio 4 — tem 0,58 m de altura, 0,94 m de largura e 0,23 m de espessura;

Esteio 5 — tem 0,82 m de altura, 0,98 m de largura e 0,34 m de espessura;

Esteio 6 — tem 0,56 m de altura, 1,02 m de largura e 0,25 m de espessura;

Esteio 7 — tem 0,20 m de altura, 0,74 m de largura e 0,36 m de espessura;

Esteio 8 — tem 1,29 m de altura, 0,99 m de largura e 0,45 m de espessura.

Os esteios mais conservados são os 1, 5 e 8.

A câmara é quase circular. Tem 2,80 m de diâmetro ântero-posterior e 2,55 m de diâmetro transverso.

A boca da anta está virada ao nascente.

Não há vestígios de corredor.

### Conclusões

Com as 7 antas que acabamos de indicar, levamos estudadas até ao presente, no concelho do Crato, Alto Alentejo, um total de 33 antas.

Estas 7 antas, como muitas das estudadas anteriormente, encontram-se muito danificadas, devido à acção do tempo e à mania dos pesquisadores de tesouros.

É possível que haja ainda mais antas neste concelho.

Tencionamos prosseguir nas pesquisas que vimos realizando desde os fins de 1960.

No total das 33 antas do concelho há pelo menos 4 que bem merecem ser consideradas monumentos de interesse público.

São as seguintes:

Anta 1.<sup>a</sup> do Tapadão, localizada 2 km a leste da povoação de Aldeia da Mata, e a uns 400 m a sul da estrada Aldeia da Mata-Crato;

Anta da Tapada dos Canchos, localizada 2 km a leste da vila do Crato;

Anta 1.<sup>a</sup> do Couto dos Andreiros, situada na folha dos Carros, a leste da estação de caminho de ferro do Crato e à distância de uns 400 m;

Anta do Couto dos Enchares, localizada a sul e a uns 2 km do *monte* do Biscaia.

As antas são testemunho duma notável civilização, a dolménica, que floresceu em Portugal há mais de 4.000 anos e daí serem louváveis todos os auxílios concedidos para incrementar o seu estudo.

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO

Naturalista do Instituto de Antropologia  
«Dr. Mendes Corrêa»  
Fac. de C. da Univ. do Porto



Fig. 1 — Anta do Couto da Nave, lado sul.

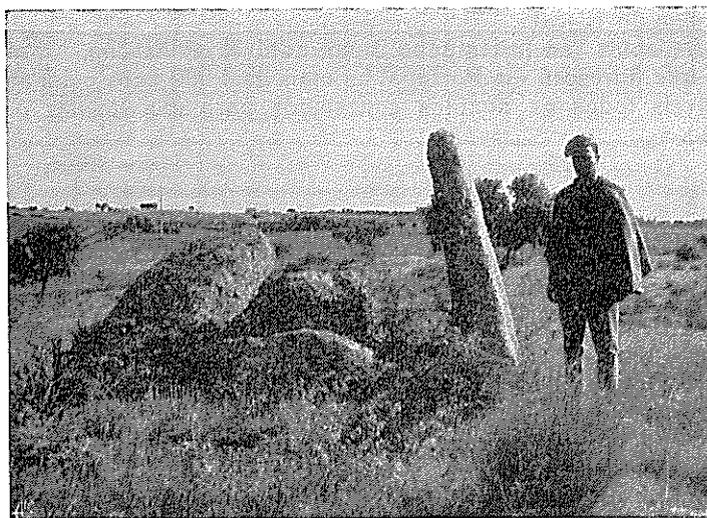


Fig. 2 — Anta do Couto da Nave, lado norte.

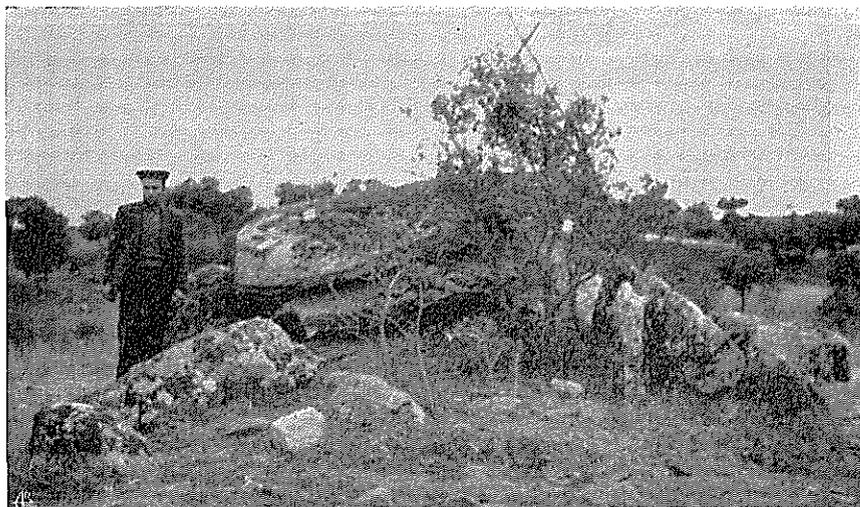


Fig. 3 — Anta 1.ª da Herdade da Zambujeira, lado sul.



Fig. 4 — Anta 1.ª da Herdade da Zambujeira, lado norte.

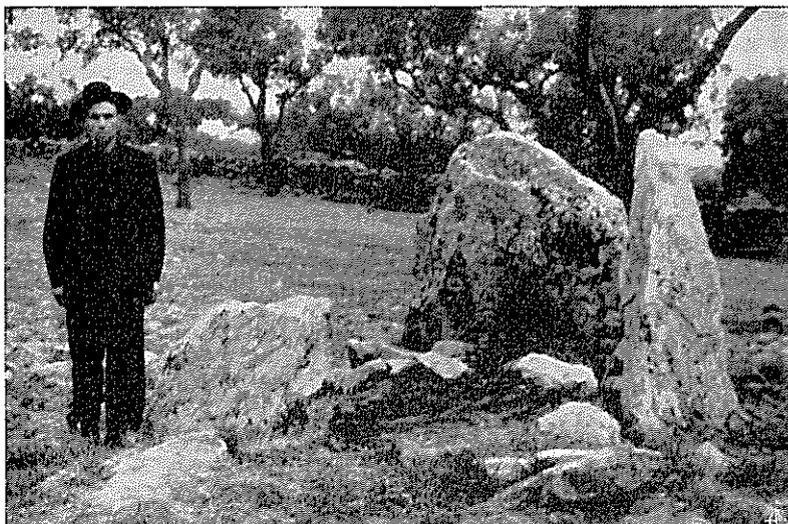


Fig. 5 — Anta 2.ª da Herdade da Zambujeira, lado leste.



Fig. 6 — Anta 2.ª da Herdade da Zambujeira, lado sul.



Fig. 7 — Anta 2.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira, lado norte.



Fig. 8 — Anta 3.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira, lado leste.

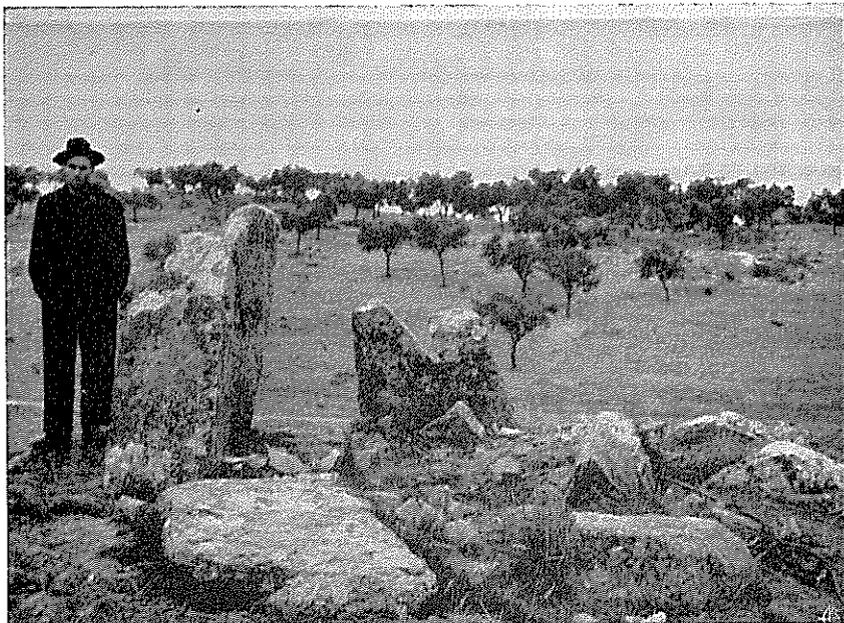


Fig. 9 — Anta 3.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira, lado sul.



Fig. 10 — Anta 3.<sup>a</sup> da Herdade da Zambujeira, lado oeste.

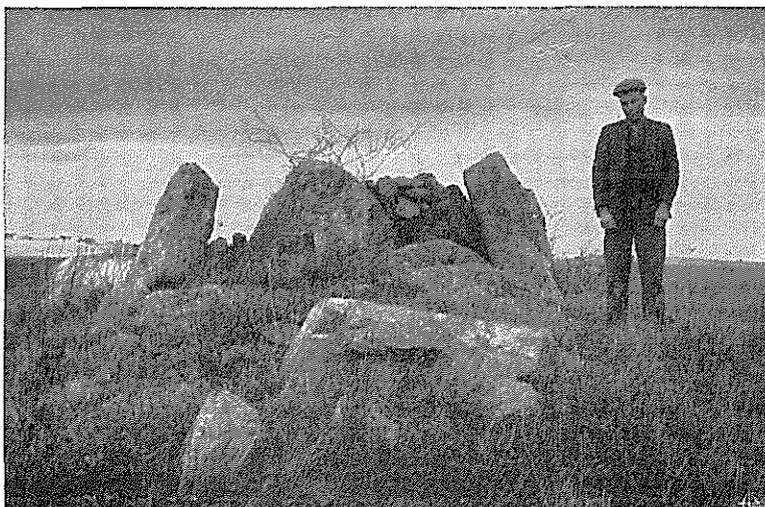


Fig. 11. — Anta 2.ª do Couto de Marrocos, lado leste.



Fig. 12 — Anta 1.ª da Herdade da Decosta, lado oeste.



Fig. 13 — Anta 1.ª da Herdade da Decosta, lado norte.



Fig. 14 — Anta 2.ª da Herdade da Decosta, lado sul.

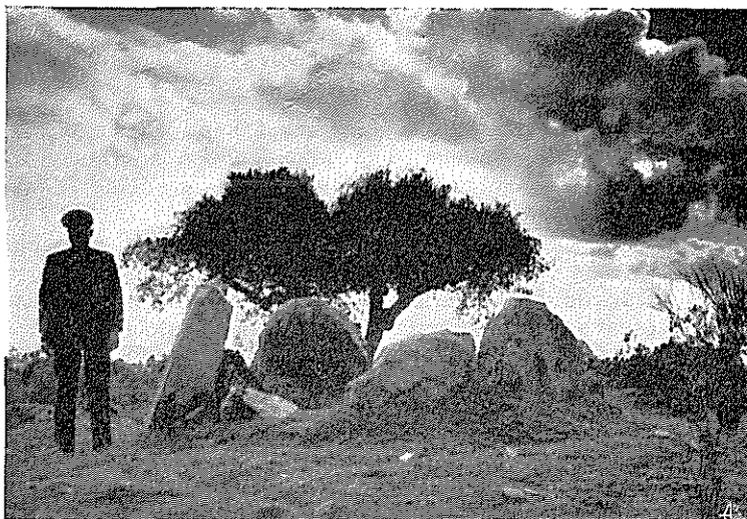


Fig. 15 — Anta 2.ª da Herdade da Decosta, lado oeste.



Fig. 16 — Anta 2.ª da Herdade da Decosta, lado norte.

### Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1964)

O pequeno Castro de Carvalhelhos situado na freguesia de Beça, concelho de Boticas, fica num cabeço sobranceiro às afamadas Caldas Santas de Carvalhelhos e delas distante cerca de 400 m.

Dele me ocupei em trabalho publicado em 1958 <sup>(1)</sup> e numa nota referente às escavações feitas no verão de 1963 <sup>(2)</sup>.

No verão de 1964, durante o mês de Agosto, fiz nova campanha de escavações aguilhoado pelo aparecimento no ano anterior dum denário de prata de Augusto, de uma fivela circular ou em ómega, de bronze, e de uma linda fíbula também de bronze, do tipo a que José Fortes chamou «de charneira curta e pé com botão terminal».

Estas peças de bronze e a moeda de prata apareceram nos dois últimos dias da escavação no mês de Agosto de 1963, ao lado de cima do muro que corre um pouco abaixo do meio da vertente leste do castro e faz parte dum cercado ou cerrado de forma sensivelmente oval ou subtriangular.

Foi ao longo e à parte de cima deste muro que, especialmente, incidiram as escavações em Agosto de 1964.

Toda a terra foi cuidadosamente crivada.

O espólio, dum modo geral, continua a ser escasso e muito fragmentado, o que parece denotar remeximentos sucessivos.

*Cerâmica:* Pouco abundante. Tudo muito quebrado. Alguns fragmentos de pouco mais de 1 cm de lado e outros ainda menores. Superfícies de fractura velhas. Vários tipos de cerâmica; quase toda grosseira, granosa, micácea e sem ornamentação.

Merecem especial referência 2 fragmentos. Um subquadrado com cerca de 5 cm de lado, ornamentado com cordão saliente, e logo por baixo um orifício que pode ter servido de suspensão.

O outro fragmento cerâmico de contorno poligonal irregular, com 5 cm  $\times$  4 cm, apresenta-se ornamentado: dois sulcos para-

---

(1) Santos Júnior, *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Vol. XVI, Porto, 1958, págs. 25 a 62, 29 figs.

(2) Idem, *Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1963*, id., id., Vol. XIX, Porto, págs. 187 a 193, 3 figs.

lelos separados de uns 8 milímetros têm a meio uma série de depressões punctiformes.

Há ainda que referir 5 cossoiros. Um deles é grosseiro; mais parece uma conta de colar. Dois reduzidos por fractura a menos de metade; um destes ornamentado nas duas faces com sulcos concêntricos com o orifício da respectiva perfuração. O outro, muito espesso, apresenta numa das faces duas covinhas.

Quatro pequenos discos circulares de cerâmica com 2 a 3 cm de diâmetro podem considerar-se como peças destinadas a jogos. São as conhecidas *taesserae*.

*Objectos de metal:* Continua a ser escasso o material metálico recolhido nas escavações do castro. Este ano, se bem que em quantidade pequena, já apareceram algumas peças de bronze e de ferro, este profundamente oxidado, a tal ponto que é difícil adivinhar a morfologia da respectiva peça tão grande é a quantidade de ferrugem encrostada.

Um prego de ferro de secção quadrada com 5 cm de comprimento e cabeça cónica, pouco oxidado, é muito provavelmente recente.

Alguns pedaços de ferro, bem densos e de superfícies verrugosas podem ser considerados como porções de lingotes resultantes da fusão do minério que serviu para a preparação ou extracção do ferro.

Apareceram algumas porções de minério escuro, partido em pedaços em média do tamanho duma avelã, que pode bem ter sido o mineral a tratar para extrair o ferro.

Apareceram alguns fragmentos de argila requeimada e bocados granosos também requeimados que lembram um pouco o grés. Ocorre-me a possibilidade de terem pertencido a um forno de fundição.

De bronze há 6 peças. Uma argolinha com um diâmetro de 11 mm, medida feita externamente ao fio delgadinho da mesma. Outra argola é formada por um fio de bronze de secção plano-convexa de pontas aguçadas que se encostam lado a lado numa extensão de cerca de 18 mm em feição espiralada. Esta argola com um diâmetro externo de 15 mm podia bem ter servido de anel; mais provavelmente seria usada como brinco.

Uma conta circular de bronze, de faces espalmadas, tem 13 mm de diâmetro por 8 mm de espessura, ou altura, e a meio um orifício perfeitamente circular, bem calibrado, com 2 mm de diâmetro.

Um estilete de bronze biacuminado, com 71 mm de comprimento, tem secção subquadrada e a meio uma espessura máxima de quase 4 mm.

Apareceram mais duas outras peças de cobre. Uma com 32 mm de comprimento tem uma porção mais larga com uma fenda rectangular. Esta peça é ornamentada nas duas faces por sulcos transversais. Pode bem ter pertencido a uma fíbula.

A outra peça é uma porção cilindrocónico ligeiramente arqueada com 33 mm de comprido. É difícil interpretar com segurança o objecto de que faria parte. Arco de fíbula?

*Cristais de quartzo*: Apareceram 2 cristais de quartzo hialino mais pequenos e menos perfeitos do que outros aparecidos em anos anteriores.

Uma pequenina conta vítrea de cor azul-claro com pequeno orifício de enfiadura, pode bem ser moderna.

*Escórias*: Nas escavações dos anos anteriores apareceram escórias de fundição de ferro, os *ferrinhos* como habitualmente o povo as designa.

Na escavação de 1964 as escórias apareceram em maior quantidade. Numa área de uns 30 m<sup>2</sup>, ou pouco mais, e em profundidade de cerca de 50 cm as escórias colhidas totalizam perto de 8 kg. Por via de regra em pequenos bocados; os dois maiores pesavam 300 g cada um.

A quantidade de escórias e os pedaços de barro requemado levam a admitir a possível existência dum forno de fundição de ferro.

*Carvão*: Continuou a aparecer carvão, mais ou menos fragmentado.

Merecem referência especial, duas moedas romanas de bronze e uma pedra de anel com figura humana gravada.

*Moedas romanas*: No dia 8 de Agosto apareceu a primeira moeda, um ás de Tibério (1). A segunda moeda, também de bronze é um ás de Augusto (2) e apareceu dois dias depois.

O ás de Tibério está em parte cerceado como mostra a fig. 7.

(1) Tibério, imperador romano de seu nome completo, Tiberius Claudio Nero, enteado e sucessor de Augusto, imperou desde 14 d. c. a 37, ano em que foi estrangulado por ordem de Marco, prefeito dos pretorianos. Morreu com 78 anos.

(2) Augusto, primeiro imperador romano, de seu nome completo Caio Júlio César Octaviano, sobrinho e herdeiro de César. Nasceu em ano 63 a. C. e foi-lhe dado o nome de Caius Octavius Thurinus. No ano 43 começou a ser conhecido por Caius Julius Cesar Octavianus. Em 27 a. C. foi-lhe conferido o título de Augusto, atributo tão extraordinário que o converteu em imperador. Morreu no ano 14 a. C. com 75 anos de idade.

Anverso: cabeça laureada olhando à direita com a legenda em parte destruída. TI.AVGVS.DIVI AVGVSTI P. IMP. CAESAR.

Reverso: por cima do touro L.FVL SPARSO; por baixo do touro L. SATVRNINO; à esquerda, ou, melhor, na traseira do touro M.C.I.; à direita, ou, melhor, na dianteira do touro II VIR.

É moeda colonial cunhada na «ceca 2.<sup>a</sup> de Galagurris n.º 13», a actual Calahona na província de Logroño, segundo amável e amiga informação do ilustre Professor da Universidade de Madrid Prof. Doutor A. García y Bellido.

Ver: A Vives y Escudero, *La moneda hispanica*, Madrid, 1926, Lam. CLIX, 5; Hill, *Notes on the ancient coinage of Hispania Citerior*, New York, 1931, 179, VIII e Lam. XXXVII, 1.

O ás de Augusto está também em parte cerceado e a maior parte da legenda apagada. Apresenta junto do bordo e por cima do touro um orifício de suspensão.

Anverso: cabeça laureada olhando à direita e com grande desgaste das letras a legenda AVGVSTVS DIVI F.

Reverso: por cima do touro L. BACCIO; por baixo do touro MAN.FESTO; à traseira do touro C.V.I. CEL.; a frente do touro II VIR.

Moeda cunhada na «ceca 4.<sup>a</sup> de Celsa n.º 15».

Ver: A. Vives y Escudero, *La moneda hispanica*, cit. Lam. CLXI, 5.

Este ás de Augusto, como mostra a fig. 1, tem, como disse, orifício de suspensão. Esta moeda foi usada como pingente ou berloque.

As moedas, ou, talvez melhor, certas moedas, em todos os tempos e nas mais diversas regiões, foram utilizadas, e ainda hoje o são (1), de várias maneiras e com várias finalidades, em relação mais ou menos estreita com a magia e a religião.

O Prof. Leite de Vasconcelos tratou do emprego das moedas como amuletos ou «portebonheur» num trabalho intitulado *Signification religieuse ou magique en Lusitanie de quelques monnaies anciennes percées d'un trou de suspension*, que apresentou ao Congresso Internacional de Arqueologia realizado em Atenas em Abril de 1905, trabalho reproduzido nos seus *Opúsculos*, vol. V, Etnolo-

---

(1) Recordo o interesse que há alguns anos, em Espanha, era dado à aquisição das moedas portuguesas de 5\$00 e de 2\$50, em que figura um galeão de velas enfunadas, as «monedas de la caravela» como diziam as raparigas espanholas. Com estas moedas, vazadas seguindo o perfil do barco nelas insculpido, faziam especialmente pulseiras.

gia (Parte I), Impr. Nac. de Lisboa, 1938. Entre os exemplos apontados respigo da pág. 113 dos *Opúsculos*, os dois seguintes respeitantes a moedas portuguesas.

Conta Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*), 1, 1, 90, 1.<sup>a</sup> ed.) que em Portugal o povo no séc. XIV attribuía virtudes maravilhosas aos reais de prata de D. João I, e por isso era frequente o uso de tal moeda pendurada ao pescoço.

No séc. XVII, D. Francisco Manuel de Melo, nos seus *Apólogos dialogais*, pág. 98, fala do vintém de S. Luís, sempre muito apreciado pelo povo e usado quer ao pescoço das crianças quer como berloque nas pulseiras das raparigas.

Na pág. 116 do trabalho que vimos seguindo, Leite de Vasconcelos escreve: «On trouve souvent dans mon pays des monnaies de l'époque romaine aux types des vaches et du taureau qui présentent, sur des bords, des trous faits postérieurement à la frappe, et pourtant anciens (ce qu'on reconnaît par la patine et par l'usure)».

Reproduz sete destas moedas romanas com orificio de suspensão.

Leite de Vasconcelos faz eruditas considerações sobre o assunto realçando o facto de «quant aux monnaies le taureau est un des types préférés par les villes d'Espagne», o que permite supor, como afirma o mesmo autor, que as vacas e o touro gozaram de marcada importância religiosa entre os Lusitanos e do mesmo modo noutros povos da antiguidade.

O ás de Augusto encontrado no castro de Carvalhelhos é mais uma moeda com orificio de suspensão em que figura um touro e que, portanto, é elemento adjuvante da suposição emitida pelo Prof. Leite de Vasconcelos.

*Pedra de anel*: Na cirandagem da terra appareceu no dia 14 de Agosto a pedra de anel que vai reproduzida na fig. 8, ampliada cerca de seis vezes.

Trata-se duma pedra de anel de forma elíptica com 12 mm por 10 mm, e a espessura de 1,8 mm.

Nela está finamente gravada a figura, talvez feminina, que aos especialistas cumpre esclarecer, attribuindo-lhe a justa significação.

A pedra escura tem uma translucidez cor de mel quando vista contra a luz.

Segundo o colega Doutor Montenegro de Andrade, Professor de Mineralogia da minha Faculdade, trata-se dum vidro vulcânico do tipo obsidiana, possivelmente de origem italiana.

Esta informação corrobora a hipótese posta na ocasião do achado de que provavelmente seria uma pedra de anel romano.

### Conclusões

À parte a limpeza da casa com vestíbulo (Figs. 3 e 4) cujo interior e espaço vestibular foram escavados, e com as pedras ali encontrados se refizeram, em parte, as paredes, a campanha de 1964 incidiu no ponto onde nas escavações de 1963 se encontraram o denário de prata de Augusto e a fíbula e a fivela, ambas de bronze, publicados no estudo atrás referido.

Em trabalho anterior disse que a falta de *tegula*, nos levava a crer que o castro não fora romanizado.

O aparecimento das moedas e da pedra de anel romano levam a reconsiderar e, se não a pôr inteiramente de lado o parecer formulado, pelo menos a pô-lo sob reserva.

Aliás quer as moedas quer a pedra de anel não constituem elementos ponderosos e provantes de marcada influência cultural.

Depois não podemos esquecer que os fossos, — e sobretudo o primeiro fosso, isto é, aquele que corre junto e paralelo à muralha — estavam atulhados com grande quantidade de pedra que pertencera às muralhas.

Se é certo que pode atribuir-se aos rapinantes das pedras da muralha — e tantos foram os que ali foram tirar pedra para construir casas na aldeia próxima — o enchimento parcial do primeiro fosso, a mesma razão não pode evocar-se para o atulhamento do segundo fosso.

Acresce o facto de, no primeiro fosso, quer no fundo quer a várias alturas, terem aparecido pedras de granito com uma das faces bem afeiçãoada a pico, pedras que seriam excelentes para construir casas na aldeia.

O tesouro, chamemos-lhe assim, dos duzentos quilos de cassiterite, esplêndido minério de estanho, que fora enterrado e escondido quase na base da vertente leste do castro — a ele me referi no trabalho publicado em 1958 — é mais um elemento que colide com a hipótese da romanização.

Seja como for, o certo é que o castro de Carvalhelhos, embora pequeno, é cheio de interesse arqueológico, o que me leva a prosseguir no seu estudo, dentro das possibilidades de que dispomos e que, infelizmente, estão longe de ser amplas.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antrop. da F. C. da Univ. do Porto e Director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»



Fig. 1 — Ponta sul do cercado na vertente leste do Castro de Carvalhelhos. Foi à parte de cima do muro do 1.º plano onde se vê a ciranda que incidiram especialmente as escavações no verão de 1964.

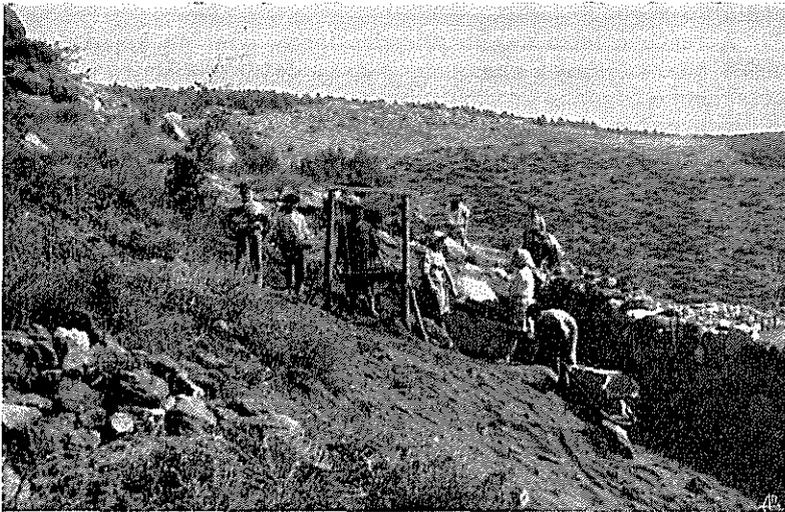


Fig. 2 — O local das escavações de 1964, visto do lado do sul.



Fig. 3 — Casa com vestibulo antes da limpeza do mesmo.



Fig. 4 — A mesma casa da figura anterior depois da limpeza do vestibulo e subseqente arrumo nas paredes das pedras ali encontradas.



Fig. 5 — Grandes pedras de granito que parece terem servido de soleiras de porta.

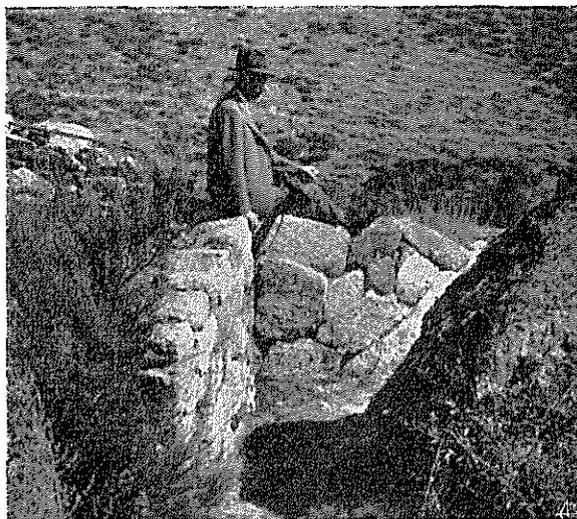


Fig. 6 — Recanto da passagem angular do recinto muralhado cimeiro para a vertente leste, perto e por cima da casa com vestibulo da fig. 4.



Fig. 7 — Moedas romanas de bronze. A de cima um ás de Tibério.  
A de baixo um ás de Augusto com orifício de suspensão.



Fig. 8 — Pedra de anel em vidro vulcânico com figura insculpida.

## O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)

### Campanha de escavações de 1964

Deste castro, situado entre Travassos da Chã e S. Vicente da Chã, no concelho de Montalegre, já nos ocupámos (S. J.) em duas notícias publicadas nos «Trabalhos» da nossa Sociedade de Antropologia (1).

A escavação inicial foi feita com um subsídio generosamente concedido à Sociedade Portuguesa de Antropologia pela Empresa Hidroeléctrica do Cávado (HICA), que concedeu também outros auxílios, nomeadamente em transportes, instalações e ferramentas.

Na campanha de 1964 a HICA continuou a conceder estes últimos auxílios, bem como o pessoal técnico para o levantamento topográfico do castro.

Mais uma vez testemunhamos o nosso agradecimento à Empresa Hidroeléctrica do Cávado pelas ajudas prestadas.

\*

A campanha de 1964 foi feita de 4 a 13 de Agosto apenas com 8 trabalhadores rurais, 6 homens e 2 mulheres.

A escassez de tempo e de pessoal não permitiu que realizássemos o trabalho que havíamos planeado. Esperamos, contudo, que numa próxima campanha possamos dispor de meios para desenvolver o plano de reconhecimento e valorização deste interessante castro.

### Muralhas

Como se disse em trabalho anterior o castro estava defendido por uma tríplice linha de muralhas.

À que se situa quase no sopé do cabeço chamou-se a primeira muralha. É bem patente na encosta do lado poente onde

---

(1) Santos Júnior, *O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963, vol. XIX, fasc. I, págs. 79 e 80.

Santos Júnior & Agostinho Isidoro, *Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, id., id., id., fasc. II, págs. 178 a 186 e 11 figs.

existem pequenos troços formados por pedras bem justapostas e primorosamente facetadas (figs. 3 e 8).

Acima desta muralha, e dela separada uns 20 metros, existe a 2.<sup>a</sup> muralha (figs. 4 e 8).

A terceira muralha, cimeira, corre a uma distância variável da anterior: uns 15 metros na vertente do lado oeste e uns 55 a 60 metros na encosta voltada a nascente.

Qualquer destas muralhas entronca, aqui e além, com fragas que afloram nas vertentes.

As escavações da presente campanha incidiram sobretudo na definição da primeira e da terceira muralhas.

### *Primeira muralha*

Tomando como referência alguns restos da muralha, patentes na vertente noroeste — do lado do lameiro do Castro, restos reduzidos, alguns deles, às primeiras fiadas acima do alicerce — pusemos a descoberto o seu alinhamento numa extensão de cerca de 40 metros.

No extremo norte desta escavação deparámos com uma solução de continuidade que esquematizamos na fig. 1.

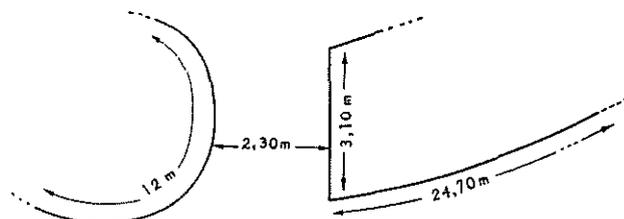


Fig. 1 — Porta da 1.<sup>a</sup> muralha no extremo norte.

Supomos tratar-se de uma porta que, como mostra o esquema tem a particularidade de apresentar um dos flancos rectilíneo e o outro em curva muito pronunciada. Este alinhamento encurvado foi posto a descoberto numa extensão de 12 metros. Perde-se depois em ambos os extremos sem que possamos sequer prever que continue em alicerce profundo.

O alinhamento referido situava-se a grande profundidade sob uma grande acumulação de terra e pedras soltas. A remoção destes materiais, por ser difícil e morosa, impediu que insistíssemos na pesquisa dos alicerces da continuação deste troço arqueado da muralha.

O tipo de construção desta porção da primeira muralha apresenta um aspecto singular, que poderemos talvez classificar de *opus incertum* de grandes pedras, como bem mostra a fotografia da fig. 3.

### *Segunda muralha*

São escassos os restos desta muralha, destruída quase até ao rés da terra.

Limpou-se o seu alinhamento numa extensão de 15 a 20 metros. A fig. 4 mostra que a sua destruição foi quase até ao alicerce.

### *Terceira muralha*

Na 1.<sup>a</sup> campanha, realizada em 1963, fez-se uma escavação de prospecção para o reconhecimento rigoroso do alinhamento desta muralha. O trabalho efectuado mostrou que a largura desta espessa muralha variava de 3,40 metros a 5,60 metros. Deparou-se com uma rampa de acesso implantada no lado interno, um pouco antes da porta.

Na campanha deste ano desobstruiu-se esta porta que apresenta uma largura de 2,45 metros.

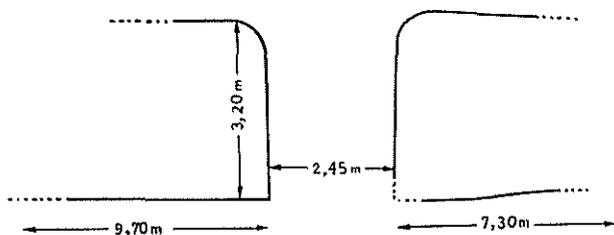


Fig. 2 — Esquema da porta da 3.<sup>a</sup> muralha.

Com as pedras que apareceram na remoção da terra que a tapava por completo refizemos parcialmente esta porta a uma altura de cerca de 1,50 metros (fig. 5).

A face do lado Norte, a que nesta figura se encosta a enxada, tem o cumhal exterior em esquadria e o cumhal interno arredondado (fig. 2 e fig. 6).

A face oposta, isto é, a do lado Sul, estava destruída completamente no seu cumhal externo (fig. 2).

Não encontramos o menor vestígio de alicerce neste ponto; todavia é de crer que este cumhal fosse também em esquadria,

como o correspondente na outra face. Foi esta suposição que nos orientou na sua reconstrução.

A reconstrução da porta foi feita, como dissemos, até uma altura de cerca de 1,50 m, para conveniente arrumo das pedras que apareceram junto da mesma. Para que a todo o tempo se possa, com segurança, reconhecer o que se refez, uma tira de cimento separa do primitivo e «in situ» a porção que se reconstruiu com as pedras que iam aparecendo.

### Casas

Às 7 casas que haviam sido anotadas na campanha de 1963, juntamos mais 6, 4 circulares e 2 rectangulares.

Procedemos à escavação das casas 8 e 9, a primeira circular e a segunda rectangular.

Registe-se que apenas escavámos metade de cada uma destas casas, tomando como referência a linha nascente-poente.

### Espólio

A terra retirada das metades das 2 casas escavadas foi cuidadosamente crivada. Não forneceu, contudo, qualquer objecto de interesse, nem um simples fragmento de cerâmica.

Nas terras removidas durante a pesquisa dos alinhamentos das muralhas e das portas que nelas se abrem, apareceram escassos fragmentos de cerâmica castreja de vários tipos, a saber: fragmentos de cerâmica de pasta negra, outros de pasta castanha e vermelha e alguns, com uma das faces negra e a outra vermelha. A maior parte é de pasta grosseira, granosa e micácea e só alguns, poucos, são de pasta fina e brunida ou gogada. Raros são os fragmentos com ornamentação incisa e só um apresenta ornamentação estampada.

Regista-se ainda o aparecimento de alguns fragmentos de barro não cozido com sulcos que lembram moldes produzidos no contacto com estacaria. Muitos destes fragmentos apresentam uma face lisa e branca resultante de um reboco aplicado à mesma.

Acrescentaremos ainda o aparecimento de algumas escórias, bolotas encarbonizadas e algumas peças de ferro muito oxidado. Entre estas últimas destaca-se um machado de ferro de talão e de gume em crescente com as pontas reviradas em sentidos contrários. Deste modo o gume apresenta-se como um S muito estirado. Peça estranha de que não conhecemos similar.

### Lenda

Às lendas e tradições referidas em trabalho anterior <sup>(1)</sup> acrescentaremos a seguinte, colhida por um de nós (O. F.) no decurso da campanha de 1964.

Um dos trabalhadores informou que as pessoas idosas, mormente as velhas, recomendam aos rapazes e raparigas que vão ao Monte do Castro apascentar os gados, e de modo muito especial aos trabalhadores rurais que colaboram na escavação, que mal vejam alguma coisa (referem-se a mouras encantadas) se afastem apressadamente, tendo o cuidado de ir rezando a Salve-Rainha «ó pa trás».

### Conclusões

A zona escavada é ainda relativamente pequena e o espólio não tem sido abundante. No entanto este castro apresenta algumas características dignas de registo. Assim, é notável o estranho monumento arqueológico que o povo denominou *caldeira do tesouro* (figs. 9 e 10), já sucintamente descrito em trabalho anterior.

Na campanha de 1964 julgamos merecer especial referência as porções de barro não cozido com faces lisas rebocadas a branco e com sulcos que lembram moldes produzidos no contacto com estacaria.

A confirmar-se esta hipótese será de admitir a existência de casas feitas de pau-a-pique no género das palhotas de muitas regiões africanas.

Outro facto que merece especial referência é o que se refere ao aparecimento do machado de ferro de talão com gume em crescente e asas reviradas.

É ainda muito pequena a área escavada, mais em prospecção do que propriamente em pesquisa sistematizada.

Pelo que deste castro já se conhece, não será ousado afirmar que se apresenta merecedor de uma ampla campanha de trabalhos de escavação. Limitar-nos-emos no entanto, mau grado nosso, a prosseguir no estudo deste castro de acordo com as modestas disponibilidades das nossas verbas, isto é, lentamente mas com persistência e continuidade.

---

<sup>(1)</sup> Santos Júnior & Agostinho Isidoro, *Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, cit., págs. 184 e 185.

Como já dissemos em trabalho anterior, a escavação sistemática de um castro tem sempre interesse, e é de crer que a deste forneça elementos de certa valia para o estudo da cultura castreja trasmontana.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», Março de 1965.

SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antrop. da P. C. da Univ. do Porto

e

OSVALDO FREIRE

Assist. da Fac. de C. da Univ. do Porto

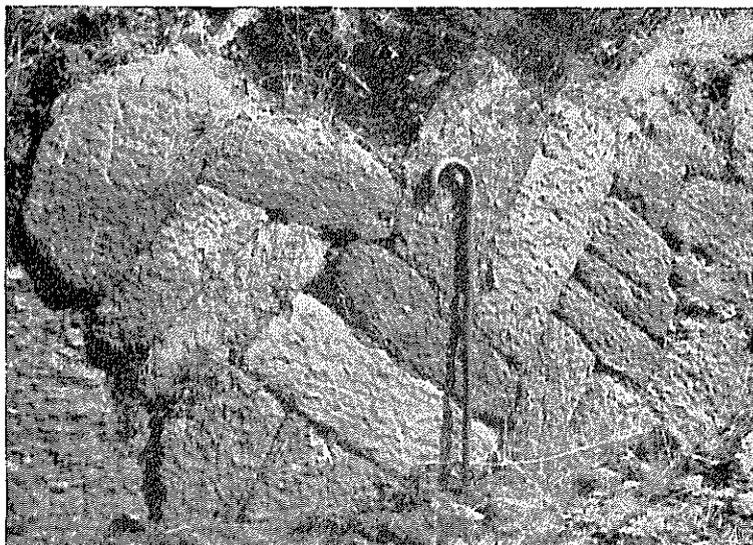


Fig. 3 — Porção da 1.<sup>a</sup> muralha com grandes pedras entrecruzadas.



Fig. 4 — 2.<sup>a</sup> muralha destruída quase até ao alicerce.

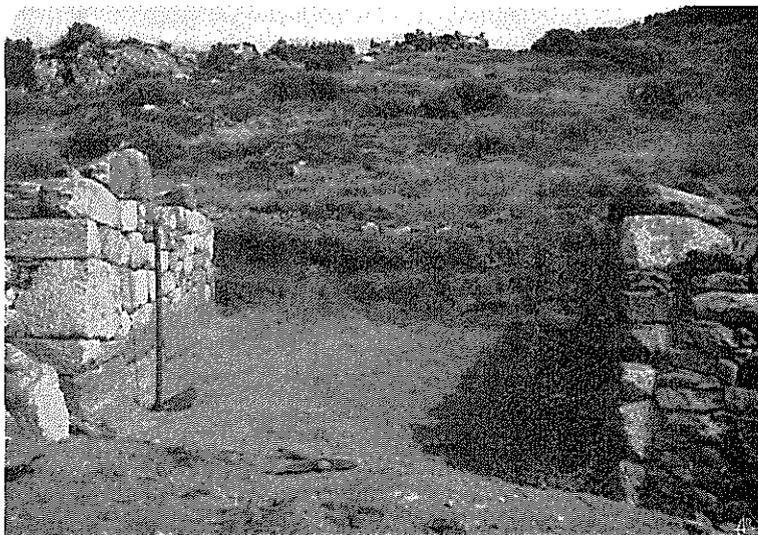


Fig. 5 — Porta da 3.<sup>a</sup> muralha reconstruída em parte.



Fig. 6 — Lado norte da porta a que se refere a figura anterior, visto de frente.

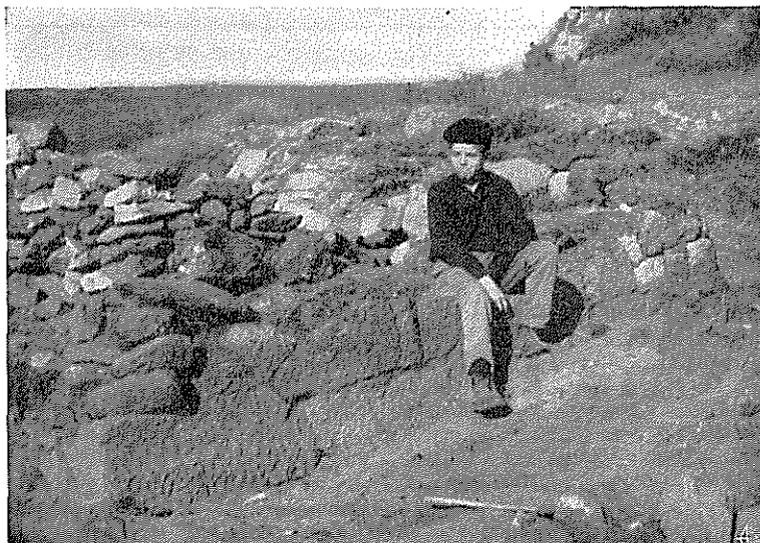


Fig. 7 — Parte inferior e primitiva do lado norte da porta da 3.<sup>a</sup> muralha.

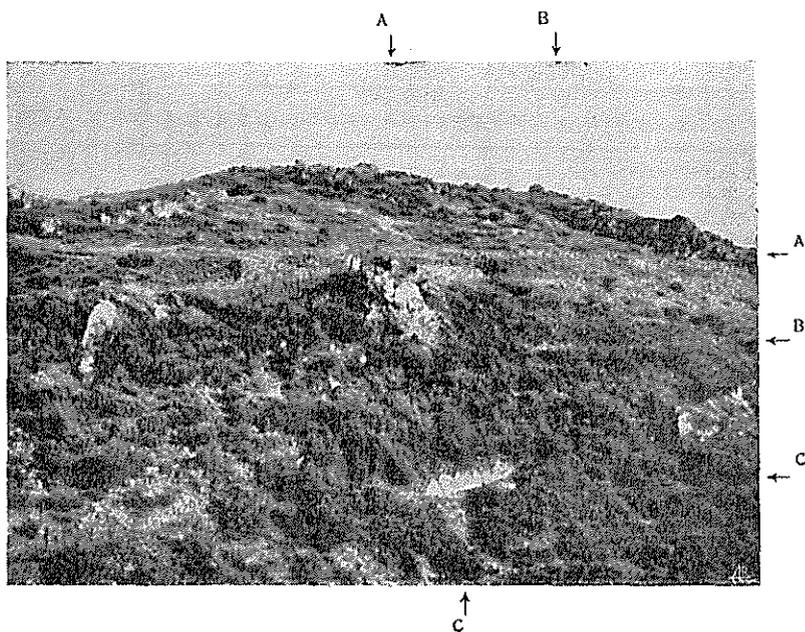


Fig. 8 — Aspecto geral da vertente noroeste do Castro de S. Vicente da Chã. AA localização da porta da 3.<sup>a</sup> muralha; BB troço da 2.<sup>a</sup> muralha; CC porção da 1.<sup>a</sup> muralha em parte reproduzida na fig. 3.



Fig. 9 — Monumento da *caldeira do tesouro*.

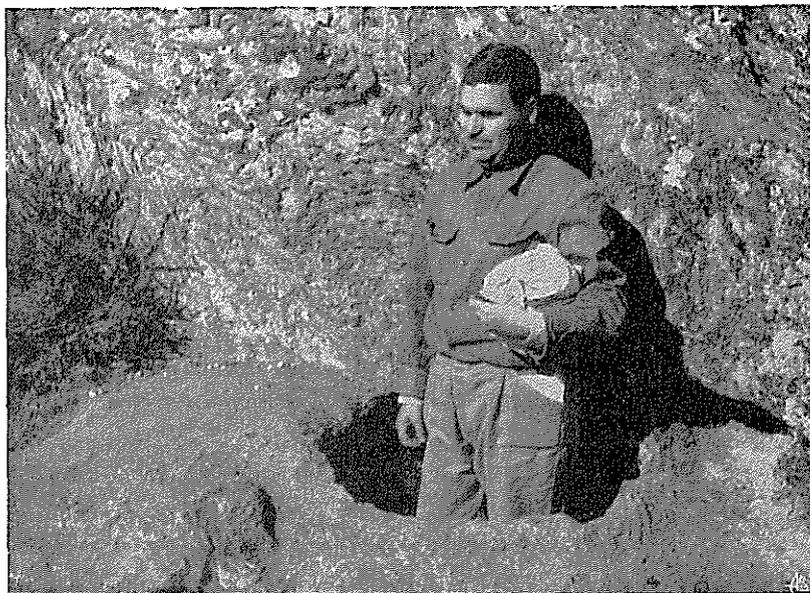


Fig. 10 — A *caldeira do tesouro*.

### Nota sobre «O Pingacho» y «La Firmeza»

En «Douro Litoral, Boletim da Comissão de Etnografia e História», 8.<sup>a</sup> série, I-II, se publica una amplia relación del Dr. Santos Júnior, el P. António Mourinho y el Prof. Bento Bessa acerca de la danza folklórica *O Pingacho*, registrada por ellos en Paradela (Miranda do Douro), «la aldea más oriental de Portugal metropolitano».

El estudio llegó a nuestras manos en una separata, por gentil atención del Prof. Santos Júnior, en junio de 1964, siete años después de publicado. Atrajo nuestra atención inmediatamente porque en él se contenía una de las pocas relaciones de similitud documentadas entre las danzas folklóricas de la Argentina y las de la Península. Hasta ahora, a los especialistas argentinos les ha resultado más fácil vincular tipológicamente dichas danzas con viejas danzas de salón europeas que con sus homólogas españolas.

La Firmeza tiene entre los bailes folklóricos argentinos un lugar especial por ser su coreografía una pantomima cuyas figuras va indicando con su canto uno de los músicos, mejor dicho, dos de ellos en terceras paralelas. Según Carlos Vega (*Las danzas populares argentinas*, t. I, Buenos Aires, 1952, pp. 757-769), se llamó La Firmeza, El Zapatero y Tras tras; durante el signo XIX, fue conocida en el Centro, N. O. y O. de la Argentina y en Chile. Como baile campestre de Buenos Aires, la describe, en 1883, con su habitual inexactitud, Ventura R. Lynch, quien consigna también su letra y, aproximativamente, su música; en 1916, Andrés Chazarreta, de Santiago del Estero, publica en su versión actual corriente la música y presenta una coreografía satisfactoria. Vega, al citar estas referencias, dice que la familia de las danzas mímicas en que el cantor va indicando las figuras era conocida en España durante el siglo XVII, y transcribe un pasaje de Cervantes que lo prueba. Pero no puede allegar argumentos más precisos acerca del origen español de La Firmeza; y si él no puede hacerlo, quiere decir que no es nada fácil hallarlo.

Felizmente, tal argumento acaba de aparecer con *O Pingacho*, documentado en una aldea portuguesa fronteriza de Zamora, y al que los autores de la monografía antedicha dan como probablemente importado de España entre los siglos XVII y XVIII.

No hay ninguna similitud entre las músicas de ambas danzas, salvo el pie ternario y el modo mayor; pero parte de la letra y sus respectivas figuras ofrecen similitudes concluyentes.

En la Firmeza, que es bailada por una sola pareja, después de una copla octosilábica de introducción, correspondiente a una

vuelta, según Vega (a 4 esquinas, según los tradicionalistas), la pantomima se desenvuelve de acuerdo con las indicaciones hexasilábicas (Vega las registró octosilábicas) que siguen:

- 1-2 Darás una vuelta / con tu campañera.
- 3-4 Con la tras trasera, / con la delantera.
- 5-6 Con ese costado, / con el otro lado.
- 7-8 Con ese modito, / ponele el codito.
- 9-10 Ponele el oído, / también los sentidos.
- 11-12 Con la mano al hombro, / yo te correspondo.
- 13-14 Retírate un paso, / dámele un abrazo.
- 15-16 Otro poquitito, / tírale un besito.
- 17-18 Ay no no no no, / que me da vergüenza.
- 19-20 Tápate la cara, / yo te doy licencia.

Termina con otra copla octosilábica, correspondiente a una media vuelta final. La segunda parte se baila en igual forma, salvo que, al empezar, la posición inicial está invertida.

O *Pingacho*, em cambio, es ejecutado — sin repetición — por varias parejas independientes, que se colocan en hileras enfrentadas y cantan mientras bailan. Después de unas figuras introductorias de contradanza, cantan:

- 1-2 Beila-lo de lhado, / de l'outro ancustado;
- 3-4 i de delantreira, / tamien de traseira.

Los bailarines, al cantar los versos 3 y 4, se tocan con los vientres y chocan con vigor las nalgas, respectivamente. Las mismas figuras, sólo que gentilmente esbozadas, sin movimientos vigorosos ni contactos, corresponden en La Firmeza a los versos 3 y 4, 5 y 6, respectivamente. El resto de la letra y de la coreografía carece de importancia para esta comparación.

No son precisos mayores comentarios para dar por comprobada la procedencia española de La Firmeza (procedencia por vía *folk* o por otra, que lo diluciden los especialistas). Queda también avalada la versión en que las voces de mando se cantan en versos hexasilábicos — como estilan los tradicionalistas — más bien que en octosilábicos — como registró Carlos Vega —.

BRUNO C. JACOVELLA

Dirección General de Cultura  
Ministerio de Educación y Justicia  
Buenos Aires — Argentina

## O Grilo e a Raposa

(conto trasmontano)

Ao ilustre Colega da Univ. de Indiana  
Prof. Siith Thompson, Mestre consagrado  
no estudo dos contos populares.

O. D. C.

«Um dia o grilo e a raposa fizeram guerra».

O porquê, não se sabe de certeza. «*Reixas* (1) antigas sempre as houve entre o grilo e a raposa».

São bem conhecidos os dizeres correntes «mal vai à raposa quando anda aos grilos», e «quando a raposa anda aos grilos mal p'rá mãe peor p'rós filhos».

Seria pois por a raposa comer os grilos que entre eles se desencadeara a guerra? É possível.

O certo é que, duma vez, pelo mês de Janeiro, em pleno inverno, «a raposa deu batalha ao grilo».

Para isso organizou o seu exército «mobilizando bois, cães, gatos, leões e outros muitos bichos grandes».

«Juntou essa *bichage* (2) toda contra o grilo».

O grilo tinha também os seus aliados.

Ao começar a batalha o grilo soltou contra todos aqueles bichos grandes as *vêspas* (3) e as abelhas.

Como se disse era em Janeiro. «Nesse tempo as *vêspas* e as abelhas estão fraquinhas e o grilo perdeu a batalha».

Perdeu a batalha mas não perdeu a guerra «que deixou adiada para o mês de Maio».

Chegado que foi este mês, o mês das flores, as forças do grilo dum lado e as da raposa do outro, dispuseram-se frente a frente para a nova batalha.

«Nessa altura o grilo só lhe botou o primeiro batalhão de *vêspas*, os *soldados de casaca amarela*».

«A raposa quando viu aquele enxame de *vêspas* em cima dela e dos seus aliados, a zunir com braveza, a ferroarem a torto e a direito, e todos aqueles animais a *alboriçar* (4) o rabo,

(1) Reixas, corrupção de rixas, isto é, brigas, lutas, contendas.

(2) Bichage, por bichagem ou bicharada, multidão de bichos.

É corrente a simplificação do *gem* final em *ge*. Assim se diz *estalage*, *romage*, *vage*, etc.

(3) *Vêspas* por *vespas*. Algumas vezes dizem também *vêsporas*.

(4) *Alboriçar* por *alvorçar*.

gritou desesperadamente ao seu exército em debandada: *À água, soldados, que se acaba o mundo*... .

«E foi assim que o grilo ganhou a guerra que deu à raposa».

\*

Este conto ouvi-o contar à lareira, numa noite de inverno na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro, pequenina povoação perdida nos arriboses das margens de Sabor, arredio leste trasmontano.

Neste conto transparecem flagrantes pelo menos três ensinamentos.

Um é o de que os pequenos muitas vezes ganham aos grandes. O grilo bem pequeno ganhou a guerra à raposa bem maior e bem matreira.

Outro é o de que nas lutas da vida os aliados ou associados desempenham, ou podem desempenhar, papel basilar e decisivo.

O terceiro ensinamento é o da oportunidade. As ocasiões próprias e os momentos oportunos, são os mais convenientes para que bem resultem as acções ou empreendimentos.

Pode ainda apontar-se outro ensinamento. É que mesmo na desgraça e desânimo da derrota, há sempre um remédio para mitigar o mal.

E assim é que como redenção possível contra a fúria das ferroadas das vespas está a fugir e mergulhar na água, o que justifica o grito de alarme desesperadamente gritado pela raposa ao seu exército em debandada: *À água, soldados, que se acaba o mundo*.

\*

Os grilos, dum modo geral, são muito estimados pelo nosso povo.

Em certas aldeias se eles cantam nas cozinhas isso é tido como sinal de felicidade e de fortuna para a casa.

No Brasil diz-se que quando canta um grilo negro é sinal de morte em casa ou na vizinhança. Se porém o grilo cantador é pardo, o facto é tomado como sinal de boas novas. (Almanaque de Lembranças, 1860, pág. 162).

Esta referência brasileira colhi-a no trabalho do Prof. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, pág. 135.

Na mesma página este ilustre Mestre registou uma história respeitante ao grilo que transcrevo:

«Recolhi de Vila Real um conto popular, chamado *História do João Grilo*, na qual entra o *adivinhão* João Grilo que adivinha por acaso diferentes coisas. Numa terra chamaram-no e perguntaram-lhe, apertando na mão um grilo: — Que está aqui dentro? Ele como não sabia disse a lastimar-se: — Ai grilo, grilo, onde estás metido.

E assim cuidaram os outros que ele tinha adivinhado».

Leite de Vasconcelos acrescenta que em pequeno ouviu na Beira Alta uma variante do conto, e em nota escreve: Cf. Mith. Zool. II, 49 e nota 50.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa  
Universidade do Porto — Nov. 1964

### Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)

*Discurso proferido em sessão solene sob a Presidência do Ilustre Ministro do Ultramar, Senhor Comandante Peixoto Correia, para inauguração do Colóquio de Etnografia Comparada em 11 de Junho de 1963.*

Senhor Ministro do Ultramar  
Senhores Congressistas  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Senhor Ministro,

As minhas primeiras palavras são para V. Ex.<sup>a</sup> como destacada figura do Governo da Nação, palavras que pronuncio como singelo obreiro do Ultramar, pois fui durante 20 anos Chefe da Missão Antropológica de Moçambique e a Moçambique dei o melhor da minha vida.

Como director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia cabe-me a subida honra de estar investido numa dupla qualidade. Como representante da Escola Antropológica do Porto, criada na nossa Universidade pelo meu querido Mestre Prof. Mendes Corrêa, e como representante da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia de que ele foi também o criador e fundador, com a cooperação de outros ilustres investigadores das Ciências do Homem.

Seja-me permitido que neste momento, preste respeitosa e sentida homenagem à memória de Mendes Corrêa e dos seus colaboradores na fundação da Sociedade de Antropologia dentre os quais merece especial referência o Prof. Joaquim Pires de Lima, distinto anatómico, natural desta nobre e encantadora terra de Santo Tirso.

Como simples congressista e, seguramente, dentre todos um dos mais humildes, eu não quero deixar de prestar as minhas homenagens aos Senhores Governador Civil do Porto, Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso e ao Presidente deste Congresso que em notável cooperação de esforços levaram por diante a pesada e complexa tarefa da sua organização.

Senhor Ministro, Senhores Congressistas, minhas Senhoras e meus Senhores,

O perfeito conhecimento do factor ou elemento humano está na base de qualquer plano racional de ocupação e valorização inteligente de qualquer região, qualquer que ela seja, qualquer que seja a sua natureza, extensão ou latitude.

É basilar o conhecimento do factor humano no delineamento justo dos planos de administração e de fomento.

Tais planos têm que assentar em princípios de ordem política, moral e económica, e todos no modo de ser, de viver e de sentir das gentes.

No que respeita às nossas províncias ultramarinas os seus naturais são não só diferentes de nós mas também diferentes uns dos outros, e são-no quer no ponto de vista físico ou somático quer nos seus usos e costumes, psicologia e grau de cultura.

Dá a justeza da opinião daqueles que, por exemplo quanto ao problema africano, crêem que este problema, nos seus complexos aspectos políticos e sociais, económicos não poderá resolver-se por uma fórmula única. A actuação tem de ser diferente consoante a diferente mentalidade, cultura, sensibilidade, aptidões e maneira de ser das diferentes tribos, e até das suas respectivas tradições.

Por isso é que à Antropologia e à Etnografia competem tarefas de suma importância em qualquer obra de educação e de valorização dos povos, e nomeadamente dos povos africanos.

O que os portugueses fizeram no passado relativamente ao conhecimento científico das raças indígenas das regiões que iam descobrindo é simplesmente assombroso.

Há no povo português um conjunto de qualidades e atributos que o caracterizam e definem. Entre essas qualidades e atributos existe a de um amplíssimo e profundo sentimento de humanidade, estruturalmente eivado de dulcíssimos preceitos cristãos, que fez de nós um povo colonizador, que permitiu realizar aquilo que bem pode chamar-se o milagre da nossa colonização nas mais diversas terras do mundo.

A importância dos estudos de Etnografia para o conhecimento dos povos é por demais sabida.

Na sessão de encerramento da Semana do Ultramar em Abril de 1950, o tema da conferência que então proferi foi a seguinte: *A alma do indígena através da Etnografia de Moçambique*.

Nessa conferência eu disse que a alma dum povo pode definir-se através do seu comportamento histórico, das experiências ou estudos psicológicos e da sua etnografia.

A Etnografia, como sabemos todos, é o estudo das condições de vida dos povos, da origem das mesmas e sua evolução cultural; condições de vida consideradas em relação com as influências do meio (factores biogeográficos), com o encadeamento da sucessão evolutiva na tradição (factores históricos), e com as acções reciprocas, por influências directas ou indirectas, dos homens uns sobre os outros (factores por via de regra condicionando uma evolução lenta, a que poderíamos chamar de sublimação ou de apuro), quer entre povos diferentes com laços mais ou menos estreitos de convívio permanente ou acidental, (factores determinando quase sempre mutações, ou sejam, modificações inesperadas, amplas e bruscas).

O somatório destes 3 factores, geográficos, históricos, e sociais, forma um todo que a Etnografia tem como finalidade estudar.

Por isso é que à Etnografia compete tarefa importantíssima no estudo cuidado e atento da alma dos povos.

O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto que tenho a honra de dirigir sempre dedicou especial interesse ao estudo da Antropologia e da Etnografia das províncias ultramarinas portuguesas.

Afirmam-no a série de publicações do Prof. Mendes Corrêa e dos seus colaboradores, no número dos quais tenho a honra de me contar.

O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto pela mão de Mendes Corrêa organizou duas Missões Antropológicas ao Ultramar Português. A Missão Antropológica de Moçambique e a Missão Antropológica da Guiné.

O Instituto de Antropologia não se tem negado a colaborar na obra grande da valorização das nossas províncias ultramarinas.

Na minha qualidade de presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia posso afirmar que a Sociedade se orgulha de em muitas das páginas dos 18 volumes da sua Revista estarem arquivados alguns importantes estudos sobre Antropologia e Etnografia do nosso Ultramar.

É pois com todo o aprazimento que trago a este Congresso a colaboração, pequena sem dúvida mas dedicada e sincera, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia fazendo votos pelo maior êxito dos trabalhos do Congresso de que é garantia a brilhante plêiada de etnógrafos nacionais e estrangeiros que nele participam.

PROF. SANTOS JÚNIOR

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»  
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

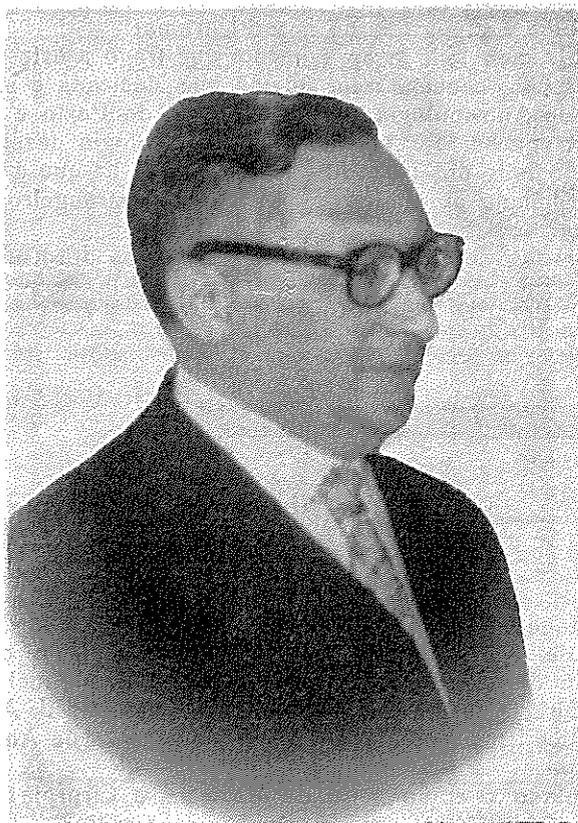
## Lutuosa

**Professor Manuel de Mello Adrião**

Contando apenas 57 anos — nasceu nesta cidade em 29 de Janeiro de 1907 — faleceu, quase súbitamente, no dia 15 de Novembro do ano findo o Senhor Professor Manuel de Mello Adrião, Director do Instituto de Anatomia do Prof. J. A. Pires de Lima e Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Terminou o curso geral de Medicina e Cirurgia em 1930; aluno muito distinto, mereceu vários «accessits» e os prémios «Barão de Castelo de Paiva» e «Rodrigues Pinto». Estagiou como assistente voluntário do Instituto de Anatomia, durante cerca de um ano e a partir de Janeiro de 1932 passou a exercer as funções de 2.º assistente, tendo sido encarregado da orientação dos trabalhos práticos de Anatomia Topográfica, serviço que realizou com a maior competência e entusiasmo até à ascensão ao professorado, em 1944. Em Fevereiro de 1938 realizou com o maior sucesso o seu doutoramento tendo apresentado para isso valiosa dissertação intitulada «Nervos do coração». Concluídas as suas

provas de concurso para professor extraordinário do 1.º Grupo foi encarregado da regência da Cadeira de Anatomia Descritiva e, durante o ano lectivo de 1944-45 da de Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica, em substituição do Prof. A. de Sousa Pereira,



Prof. MANUEL DE MELLO ADRIÃO

ausente nos Estados Unidos. Tendo ficado vaga a Anatomia Descritiva desde 1947, pela jubilação do Prof. J. A. Pires de Lima, o Prof. Mello Adrião concorreu a essa cadeira em 1954. Em 1961, quando se aposentou o Prof. Hernâni Monteiro, foi transferido a seu pedido para a Cadeira de Anatomia Topográfica e coube-lhe também a partir dessa altura o exercício das fun-

ções de Director do Instituto de Anatomia. Desde a criação do curso de Biologia Médica, pela reforma de 1955, e até ao seu prematuro desaparecimento, foi encarregado da respectiva regência; fê-lo sempre com a preocupação de apresentar perante os futuros médicos os fenómenos biológicos, cujos fundamentos físico-químicos e morfológicos procurou sempre descrever do modo mais claro e mais actualizado, transpostos para a escala humana nas suas perspectivas mais amplas. Quer neste curso, quer na sua Cadeira de Anatomia, as suas prelecções claras, inteligentes e ilustradas com aplicações práticas, atraíam os discípulos; extremamente culto, inteligentíssimo, dotado de invulgar memória, argumentava com grande brilho em concursos e doutoramentos, mas sem nunca se valer da situação, dos dotes e conhecimentos que possuía em detrimento do melhor sucesso dos candidatos. Era conhecido e altamente apreciado por colegas, alunos, doentes e pessoal do Instituto pela sua grande bondade, qualidade natural que invulgar formação vinha, havia muitos anos, cuidadosa, insensível e progressivamente apurando. Pode dizer-se sem exagero que nas suas palavras e acções o Prof. Mello Adrião personificava a maior de todas as virtudes cristãs: a caridade.

No plano científico, realizou investigações de muito merecimento, para além das empreendidas para o seu doutoramento: umas de anatomia macroscópica, outras de antropologia das partes moles e do esqueleto, outras de cirurgia experimental e fisiopatologia. Foi dedicado colaborador em investigações cirúrgicas do Prof. Sousa Pereira, cujos notáveis trabalhos seguiu sempre com o maior interesse. Assim, subscreveu com este Professor e com o Dr. Lino Rodrigues publicações muito importantes sobre as plastias cutâneas no tratamento dos queimados, a interpretação fisiopatológica de várias técnicas de cirurgia articular, a inervação dos vasos do encéfalo, a circulação colateral consecutiva à obliteração segmentar da veia cava, e flebografia portal, etc. Registo especialmente entre as pesquisas de carácter antropológico que realizou, as referentes ao valor antropológico do fígado (de colaboração com o Dr. Lino Rodrigues), ao metopismo em crânios senis, à occipitalização do atlas, a mutilações dentárias e aos métodos de estudo da capacidade craniana.

Interveio em numerosos congressos e reuniões científicas, no País e no estrangeiro, entre os quais devo salientar o Congresso de Lyon da «Association des Anatomistes» (1949), o 14.º Congresso da Sociedade Internacional de Cirurgia, o 53.º Congresso Francês de Cirurgia (1950), o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1951, reunido em Málaga.

Era membro da «Société Anatomique» de Paris, da «Association des Anatomistes», das Sociedades Anatómicas Portuguesa e Luso-Hispano-Americana e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (eleito seu Vice-Presidente em Maio de 1962).

No plano médico, os dotes que possuía, os seus vastos conhecimentos e raros predicados de coração impuseram-no como clínico de invulgares méritos. O desinteresse que sempre manifestou pelo êxito material e o desempenho das suas obrigações docentes levaram-no a não cultivar, como muitos no seu lugar o teriam feito, os benefícios da sua grande reputação clínica e explicam que nunca tivesse havido proporção entre o muito que se deu aos seus doentes e os proventos auferidos no exercício da profissão médica. E o bem material e espiritual que através da sua prática espalhou só muito imperfeitamente se avalia.

No aspecto universitário, desempenhou sempre com a maior elevação e competência as funções que lhe couberam no decurso da sua carreira. Esposo e pai amantíssimo, o Prof. Mello Adrião encontrou ainda tempo para o desempenho do lugar de Presidente da Junta da freguesia de Aldoar, que exerceu durante muitos anos, de vereador da Câmara Municipal do Porto (entre 1951 e 1954) e para o cumprimento do mandato de Deputado da Nação na actual legislatura da Assembleia Nacional. Foi também Presidente do sector dos médicos da Liga Universitária Católica e há alguns anos dirigia o Semanário «A Ordem». De resto, dedicou à Acção Católica e à Obra «Stella Maris» muito do seu tempo e do seu entusiasmo de cristão esclarecido e convicto.

Universitário distinto, médico considerado, cidadão exemplar, o Senhor Professor Mello Adrião é saudosamente lembrado pelos seus Colegas, discípulos e amigos. Comovidamente, pelas minhas palavras, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia presta à sua memória sem mancha, respeitosa, singela e muito grata homenagem.

Porto, 8 de Abril de 1965.

#### ABEL SAMPAIO TAVARES

Prof. Catedrático de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto  
e Director do Inst. de Anat. Dr. J. A. Pires de Lima

---

## Alberto Vieira Braga

## Voz do Coração (1)

Por carta do Senhor Director deste Jornal, que só recebi am 7, soube do falecimento do meu velho e querido amigo Alberto Braga! Deveres officiais e inadiáveis não me deixaram ir e Guimarães ao seu funeral.

Leio hoje no *Janeiro* uma noticia do que foi essa demonstração de pesar e de admiração agradecida da gente vimaranense. A Sociedade Martins Sarmento, de que ele foi, sem dúvida, um dos mais devotados servidores e animadores, de parceria com o seu insigne Presidente Coronel Mário Cardoso, — prestou-lhe a honra que lhe devia e ele merecia.

Sob aqueles tectos, seu respeitável cadáver recebeu uma especialíssima homenagem, a daquele ar que respirara tantos anos, a daqueles livros, a da poeira dos arquivos, da frialdade das pedras do Museu e do calor das cores daqueles quadros, do silêncio dos seus corredores e salões, e, sobretudo, o que por ali resta dos espíritos de um Martins Sarmento, de um João de Meira, de um Abade de Tagilde, de um Alfredo Pimenta, de um Alberto Sampaio, de um João Lopes de Faria, de um Eduardo de Almeida e tantos mais, do espírito desses que deixaram finíssima marca de cultura na velha cidade de Mumadona e do Primeiro Afonso, fazendo daquela grande casa da rua Paio Galvão uma verdadeira Universidade Livre.

Que o digam os trabalhos desses homens, que o digam as sessões culturais ali feitas durante tantos anos, que o digam as páginas da sua revista, uma das melhores do País, que o digam a dignidade e a autoridade científica do seu grande Presidente actual, o illustre arqueólogo Coronel Mário Cardoso.

Alberto Braga, homem inteligente sem curso universitário, auto-educado e auto-instruído com muita noite de vigília, muita hora de estudo e muito tempo de renúncias e sacrificios, Alberto Braga, logrou entrar na galeria distinta dos melhores obreiros da cultura vimaranense.

E, nessa missão de cultura, um dos mais fecundos, sérios e multiformes pesquisadores da sua História e da Etnografia, de

---

(1) Palavras enviadas ao *Noticias de Guimarães*, cuja Direcção nos pedira no dia do falecimento de Alberto Braga.

que tanto nos deu de bom e de indispensável a quem queira caboucar nessas leiras formosas.

E com que amor o fazia, um amor de paixão a tudo que fosse Guimarães! E com que solicitude nos ensinava, instruía a



ALBERTO VIEIRA BRAGA

quem, como eu, desde moço liceal me habituei a ouvi-lo por ali, na loja da esquina, na Sociedade, em deambulações pelo burgo e peregrinações por esses incomparáveis outeiros, belgas e carreiros campesinos de Guimarães; por essas naves, claustros e sacristias de igrejas e conventos; pelos cartórios de Irmandades e hospitais velhos, à cata de papéis, de objectos, de vestígios de eras mortas com que incávamos depois as páginas das nossas revistas.

E que tesoiro ele nos deixou, que tesoiro imenso de belas notícias vimaranenses, em que a Antropologia Cultural tem lugar de estima e predilecção: da linguagem popular aos usos e costumes económicos, médicos, mágicos, políticos, municipais, religiosos; um sem número de campos em que a sua linda, fresca linguagem rural não era de menor valia!

E até versos, aqueles saborosos versos do livrinho *Velhas sentenças*, que tão amorosamente codificou em singular redondilha!

Perante o tristíssimo evento do seu trespasse não se pode dizer tudo, nem muito sequer do valor intelectual e social do querido e saudoso Amigo. Em outra oportunidade expressarei um pouco do que foram as nossas relações de amizade de mais de quarenta anos e o sentido e significado da sua obra.

O seu saber, a sua impecável modéstia, a sua infatigável dedicação ao estudo, a sua solicitude pela cultura da sua terra, são sobejos a outorgarem-lhe honra e prémio incomuns.

Um dos nossos maiores Mestres de Etnografia, Alberto Vieira Braga, foi, também, um dos nossos maiores Mestres de amor a Guimarães.

Pague-lhe Guimarães esse amor como Guimarães costuma honrar o que é bom, o que é belo e o que é digno na História da sua vida gloriosa e maravilhosa!

Porto, 9-3-1959.

LUÍS DE PINA



## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

LUÍS DIEGO CUSCOY — *Paletnologia de las Islas Canarias*  
Publicaciones del Museo Arqueológico, Santa Cruz de Tenerife, n.º 3, 1963, 69 págs. e 23 figs.

A Antropologia e a Etnologia das ilhas Canárias têm sido objecto de cuidadoso estudo a partir do século XIX.

Sabin Berthelot fez a primeira síntese da etnologia das Canárias; R. Verneau apresentou o primeiro sistema antropológico destas ilhas e Júlio Martins Santa-Olalla fez uma verdadeira investigação arqueológica das mesmas.

A recolha de valiosas e numerosas colecções de materiais arqueológicos, tem sido realizada em todas as ilhas das Canárias. Foi iniciada no séc. XIX e deu origem aos museus «El Museo Canario», em Las Palmas, ao «Museo Municipal de Santa Cruz de Tenerife» e, ainda à Sociedade «La Cosmológica» de Santa Cruz de la Palma.

O A. refere-se à dificuldade que há em dar uma visão de conjunto da arqueologia das Canárias por terem existido nas ilhas culturas, bem diferentes em vários aspectos, ainda que noutros seja manifesta a presença de um substrato comum, primário que aflora mais numas ilhas do que noutras. Daí a preocupação do A. em dar-nos um sumário das manifestações mais típicas do canário primitivo, referindo-se ao relevo e clima das ilhas, aos tipos, natureza e local das suas habitações, à sua cerâmica, à sua indústria lítica, aos moinhos, aos objectos de adorno, aos objectos de osso, às armas de madeira e bastões de comando, aos ídolos, petroglíficos e inscrições.

Por último alude às várias classificações raciais dos habitantes das ilhas, propostas por vários autores, à sua distribuição percentual pelas mesmas e cita como principais correntes de cultura das ilhas Canárias: a africana, a de maior interesse, a mediterrânea e a atlântica.

O A. conclui, afirmando: «Queda aqui expuesto, más que lo que se conoce, lo que se ignora. Pero la investigación marcha, y con los datos que ya pueden ser manejados y con los que sin duda han de alumbrar las excavaciones tanto en curso como por

realizar, existe la más fundada esperanza de que el pasado pre-hispánico de Canarias vaya dejando entrever muchos de los misterios hasta ahora tan celosamente guardados.»

Trabalho bem elaborado. Constitui valiosa contribuição para o estudo da Antropologia canária. O único reparo que nos permitimos fazer é o da falta de escala em quase todas as figuras.

AGOSTINHO ISIDORO

---

ALEXANDER MARSHACK — Lunar notation on Upper Paleolithic Remains — in «Science», Vol. 146, Nov. 1964, págs. 743-745.

Este trabalho tem o seguinte subtítulo: *Markings on bones and rock walls dating from the Upper Paleolithic period show accurate lunar observation.*

Desde há muito que a certas gravuras rupestres, à falta de melhor, se atribuíam significados astronómicos.

Os astros desde sempre devem ter merecido observação atenta dos homens dos vários graus de cultura por que tem passado a humanidade.

Era natural pensar-se que assim tenha sido.

Simplemente no notável trabalho de Alexander Marshack as coisas concretizam-se de maneira impressionante.

Estudando as pinturas rupestres espanholas de Canchal de Mahoma, datadas do período aziliense, o A. com singular perspicácia apurou que tais pinturas indicam as várias fases da lua com os seus quartos de evolução septenária. Ali está representado um ciclo lunar registado com grande precisão o que reflecte já um grau superior de capacidade intelectual.

Outras pinturas rupestres espanholas do abrigo de Las Viñas, as gravuras de uma placa de marfim de mamute encontrada em Gontzi, na Ucrânia, e as gravuras de uma placa de osso proveniente de Kůlna, Checoslováquia, são cuidadosamente analisadas pelo A. para chegar à mesma conclusão: nelas se indica, por diversos modos de notação, a sucessão das fases do mês lunar.

É impressionante a precisão com que o homem do paleolítico superior há 20.000, 25.000 ou mesmo 30.000 anos, representou as fases da lua.

Julgo de maior interesse a interpretação dada pelo A. aos documentos pré-históricos referidos.

A verificação do registo das fases da lua com notação perfeita, especialmente nas pinturas azilienses de Canchal de Mahoma,

em pleno Paleolítico Superior, levam-nos, como diz o A., a rever o problema das origens da cultura humana, no que respeita à arte, à simbólica, à religião e à astronomia.

O A. com agudeza intelectual, procura esclarecer o significado, até à data misterioso, de um grande número de pinturas e gravuras que datam de alguns milhares de anos e são o testemunho do grau de desenvolvimento intelectual do homem do paleolítico superior.

Alexander Marshack com perspicácia, mostra-nos de maneira bem objectiva, neste seu notável trabalho, que vêm de longa data certos conhecimentos astronómicos.

SANTOS JÚNIOR

---

CARLOS LOPES CARDOSO — A origem dos Mbali do distrito de Moçâmedes — Sep. da Revista «Ultramar», n.º 16, Vol. IV (N.º 4), Lisboa, 1964, 5 págs.

Os Mbali constituem uma minoria étnica das mais socialmente significativas do distrito de Moçâmedes, Angola, e mereceram já do autor dois valiosos trabalhos: *A arte mbali no distrito de Moçâmedes* e *Do uso da cegonha no distrito de Moçâmedes*.

No presente trabalho o A. refere-se em primeiro lugar à discordância existente entre Estermann e Childs no que respeita à língua falada pelos Mbali. O primeiro diz que esta era o *kimbundu* e o segundo que havia entre eles predominância do *umbundu*.

Depois analisa uma afirmação de Childs em que diz ser o termo *mbali*, um termo do *umbundu*.

O A. criteriosamente reconhece que o vocábulo mbali existe em *umbundu* e, apoiado em vários autores, que estudaram as línguas *umbundu* e *kimbundu*, afirma que *mbali* não é palavra exclusiva da língua do planalto central de Angola, pois, o mesmo termo, embora precedido de partículas prefixativas peculiares do *kimbundu*, existe também na língua do interior de Luanda.

O autor termina por afirmar: «... parece-nos ficar prejudicada a validade absoluta do argumento de Childs, tendente, juntamente com outros, a provar a predominância do *umbundu* entre os Mbali do distrito de Moçâmedes, bem assim como, até certo ponto, a sua origem ligada às populações do interior de Benguela».

A. I.

MANUEL FARINHA DOS SANTOS — Vestígios de Pinturas Ruprestres descobertos na Gruta do Escoural — Sep. de «O Arqueólogo Português», Nova Série — Tomo V, Lisboa, 1964, 47 págs., várias figuras e estendidos sem indicação numérica.

A gruta do Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo, Alto Alentejo, foi descoberta em Abril de 1963, por um grupo de operários ao procederem à exploração do mármore.

Um tiro de pólvora fez desprender um bloco daquela rocha, deixando no seu lugar um buraco, por onde cabia um homem, que permitiu entrada na referida gruta.

Acudiram ao local muitos curiosos das redondezas: alguns deles levaram da gruta peças preciosas de cerâmica, crânios, etc.

A existência desta gruta chegou ao conhecimento do Sr. Prof. Doutor Manuel Heleno, então Director do Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos» de Lisboa, que imediatamente encarregou o A., que é distinto assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, de proteger a gruta e orientar os trabalhos que ali viessem a ser realizados.

Refere o A. que a maior parte do material arqueológico e osteológico desviado da gruta fora novamente restituído. Ainda bem.

As primeiras pesquisas foram feitas pelo A., que reconheceu imediatamente estar em presença duma gruta de relevante importância, como jazida pré-histórica, por nela existir exuberância de material osteológico humano e arqueológico e, por ter observado em diversas galerias manchas e traços a vermelho e a negro.

Vários arqueólogos portugueses, acompanhados pelo A., visitaram a gruta, todos concordaram que ela era deveras notável pela sua importância arqueológica e incitaram o A. a continuar a pesquisa das pinturas.

O Prof. Doutor Santos Júnior, um dos arqueólogos que visitou a gruta, ao ver os traços picturais referidos pelo A, afirmou serem «admiráveis restos de pinturas».

Um dia, quando usava o processo simples de borrifar com água as zonas suspeitas de pinturas, o A. notou a existência de uma espantosa figura híbrida e itifálica.

O A. refere ao todo a existência de 9 vestígios de pinturas, e aludê às pesquisas feitas em Portugal em grutas do período paleolítico superior, iniciadas em 1867 por Nery Delgado e continuadas até ao presente por vários arqueólogos. Diz que nenhum deles encontrou pinturas rupestres nas grutas daquele período.

Há apenas notícias vagas e ainda não confirmadas da existência de pinturas nas paredes de grutas portuguesas, na obra do Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal.

Os vestígios de pinturas rupestres da Gruta do Escoural são, na opinião do A., os primeiros documentos do período paleolítico descobertos no nosso país.

Quanto à sua cronologia o A. afirma que as pinturas são «uma variante regional da arte franco-cantábrica pertencente ao estilo III, se admitirmos a classificação de Leroi-Gourhon, ou ciclo aurignaco-perigordense, na hipótese de considerar o sistema Breuil».

Termina salientando o alto valor arqueológico e antropológico desta gruta, não só pelos materiais colhidos, como pelos que devem existir em várias salas que estão ainda quase totalmente entulhadas e escreve: «A descoberta de arte franco-cantábrica no Escoural apesar de revelar, até agora modestos resultados, deve ser ponto de partida para novos e melhores empreendimentos».

A. I.

---

ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO & JORGE DE ALARCÃO — *Cerâmica Estampada Vermelha de Conímbriga* — Sep. do «Arquivo de Beja», Vol. XX-XXI, Beja, 1963-1964, 18 págs. e VI estampas, com 134 desenhos.

Neste trabalho os AA. estudam uma pequena colecção de cerâmica estampada vermelha constituída por um prato completo e algumas dezenas de fragmentos, provenientes das escavações do Prof. Doutor Virgílio Correia, nos terrenos de Conímbriga e das que, em 1960-1962, foram realizadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais na mesma cidade arqueológica. A primeira encontra-se no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e a segunda no Museu de Conímbriga.

Referem os AA. que embora A. L. Delattre tenha publicado em 1888 um pequeno trabalho sobre cerâmica estampada, só nos últimos anos é que se tem dado a esta cerâmica verdadeira atenção e citam a seguir os vários autores que a têm estudado.

Esta cerâmica, como explicam os AA., foi considerada por Lambrogliá como uma variedade da *sigillata chiara* e por J. Baradez como *cerâmica fina africana vermelho-alaranjada de engobe polido ao torno*.

Baradez dividiu-a em três variedades e em todas elas diz que há engobe. Os AA. dizem que nem toda a cerâmica estampada de Conímbriga tem engobe, o que lhes permite afirmar que esta característica não pode generalizar-se, embora a descrição de Baradez seja apoiada num sólido exame tecnológico desta cerâmica.

Da cerâmica estampada vermelho-alaranjada de Conímbriga há apenas um prato completo, de fundo chato, sem pé, restos de fragmentos que permitem reconstituir o perfil de mais dois pratos e outros fragmentos tão pequenos que não se pode determinar a que vasos pertencem.

Esta cerâmica apresenta decoração variada: motivos circulares, trilobados, arcos, ornatos inspirados na decoração de peças metálicas, palmetas, etc. Tem sido encontrada em várias estações africanas e peninsulares. Estas mais numerosas do que aquelas.

Últimamente (1962) foram encontrados fragmentos desta cerâmica no concelho de Montemor-o-Novo, Alto Alentejo, por Afonso do Paço e João de Lemos.

Alguns investigadores têm estudado a sua cronologia. Os AA. a este respeito dizem: «Pode assim datar-se com segurança esta cerâmica do século IV d. C.; provávelmente a sua produção começou nos fins do século III, tornou-se mais frequente a partir do segundo quartel do século IV e continuou, embora mais rara, na primeira metade do século V.»

Trabalho documentado com muitas citações bibliográficas e numerosos desenhos, quer de fragmentos desta cerâmica, quer dos seus motivos decorativos.

Valiosa contribuição para o estudo da cerâmica, estampada vermelha em Portugal.

A. I.

---

LUÍS DA CÂMARA CASCU DO — *A cozinha Africana no Brasil*, in «Publicações do Museu de Angola», Luanda, 1964, 36 págs.

O brilhante escritor brasileiro Luís da Câmara Cascudo, distinto professor da Universidade do Rio Grande do Norte (Natal) abordou neste trabalho um tema de marcado interesse etnográfico que se apresenta com problemas complexos e de vária natureza.

Começa por afirmar que na culinária brasileira é a cidade da Baía aquela em que «a presença africana» é mais acentuada. Segundo o A. duas plantas introduzidas no Brasil tiveram marcada influência na preparação das suas ignarias. Tais plantas foram o coqueiro e a palmeira de cujos frutos se extrai o óleo de palma ou dendê.

Outro factor, e relevante, dependeu da escravatura.

A escrava negra chegada ao Brasil, diz Câmara Cascudo, continuaria a tarefa de cozinhar para o marido e filhos, tarefa que competia por tradição milenária. Toda a mulher negra é, forçosa-

mente, cozinheira. No cativeiro a escrava negra tomada como cozinheira dos seus donos, dotada da natural inclinação para os trabalhos culinários, aprendeu com as amas portuguesas a preparar comidas de variados tipos. Porém, diz o A., a escrava cozinheira, possuidora de apurada sensibilidade gustativa, suplantou as portuguesas suas mestras «pela diversidade de temperos que soube manejar».

E assim, escreve Câmara Cascudo, «Anásia não era apenas a fêmea submissa, mas a quituteira prodigiosa, subindo a conquista do estômago para o coração. A cozinheira negra seria a defensora inicial da culinária africana, avançando insensivelmente na divulgação dos seus acepipes agora modificados pelos elementos surpreendentes da flora indígena e o formulário da tradição portuguesa».

Entre os *quitutes*, «iguarias saborosas, de gosto delicado atraindo o paladar», preparados pelas cozinheiras negras, um dos mais antigos teria sido o *angu*. Outro, o *vatapá*, no dizer do A., «é o mais famoso e nacional dos pratos afro-brasileiros»; «o terceiro prato celebrado é a *moqueca* de peixe».

Para estes *quitutes* descreve o modo de preparação indica os respectivos ingredientes e condimentos, bem como para outras iguarias tais como *badofe*, *acaçã*, *caruru*, *quibêbê*, *munguzá*, *acerajé*, *quibombo*, *salongo*, *xin-xin*, etc.

Nas págs. 24 e 30 figuram nada menos de 53 designações correspondentes a comidas e bebidas; para cada uma se relata, mais ou menos pormenorizadamente, a técnica da respectiva preparação.

Considero estranha a afirmação feita na pág. 32 de que em Portugal persiste a coprofagia. Tal afirmação baseada no informe que lhe foi dado pelo Sr. M. B. R. (anonimato acobertado em três iniciais noménicas) que lhe disse ter visto no mercado público da cidade de Tomar «pedaços de intestinos, com fezes, já cozidos e prontos para a refeição». Tal afirmação, repito, corresponde seguramente a uma falsa observação feita à ligeira.

Não se diz de que animal eram os pedaços de intestino.

Pode bem ser que fossem de porco e que a referência em questão, fornecida pelo tal anónimo M. B. R., diga respeito às gostosas *farinheiras*.

Não me consta que a pessoa a quem se refere na pág. 33 e a que atribui a qualidade de director do Museu de Álvaro de Castro em Lourenço Marques, haja algum dia desempenhado tal função.

São muitas as referências feitas aos regimes alimentares de várias regiões e povos africanos o que dá ao trabalho certo interesse no campo da etnografia comparada.

O trabalho termina com a quadra que reproduzo e na qual se exalta a geral predilecção pela aguardente de cana ou cachaça.

*Mão há banho, salão ou cajuada,  
Petisqueira, folia ou jogatina,  
Mão de vaca, pasteis ou feijoada,  
Que não tenha um golinho da mais fina.*

Antes de terminar a análise do extenso trabalho do Prof. Câmara Cascudo, sobre o qual muito havia a dizer, direi que o facto de a galinhola (*Scopolax rusticola* L.) apreciada peça de caça, dever ser cozinhada com a respectiva tripa, está longe, mesmo muito longe, da coprofagia frequente entre muitos negros africanos aos quais vi utilizar pedaços das tripas duma cabra mal escorridas do respectivo conteúdo, a envolver, à maneira de novelo, grandes pedaços de carne para serem cozidos.

S. J.

---

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — O que a nossa gente canta, Vol. II, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1964, 200 págs. e 14 figs.

O A., é o maior de quantos etnógrafos têm dedicado a sua atenção de estudiosos à vastidão e profundidade da alma do povo beirão.

Os 9 volumes da sua *Etnografia da Beira* são o testemunho da obra grande por ele realizada.

Nesta 2.<sup>a</sup> edição publica 78 canções com a respectiva música e letra repartidas por 4 grupos. No 1.<sup>o</sup> grupo, *descantes*, há 9 canções, caracterizadas por serem cantadas em coro com acompanhamento de instrumentos, tais como ferrinhos, garrafas com garfos, almofarizes, zamburras, recos-recos, gaitas de beiços e harmónios, e, sobretudo, com o adufe ou pandeiro.

O 2.<sup>o</sup> grupo abrange nada menos de 48 *jogos de roda e modas de bailar*. Para cada canção deste tipo publica a música, a letra com as quadras próprias ou as mais habitualmente cantadas, e, por fim, a descrição coreográfica.

Treze *canções religiosas* formam o 3.<sup>o</sup> grupo.

No 4.<sup>o</sup> grupo, *vária*, como o A. diz no prefácio, «figuram as canções que não cabendo nas divisões anteriores interessam à vida quotidiana e ao trabalho e reflectem várias práticas tradicionais como as Janeiras e as Alviassaras».

Duas canções deste grupo, o Padre-Nosso e a Ave-Maria, podiam entrar no grupo das canções religiosas.

Este livro do Dr. Jaime Lopes Dias é uma importante contribuição para o estudo do nosso folclore, e constitui valiosa achega para a grande obra do Cancioneiro Nacional, que cumpre erguer em preito de carinhosa homenagem à nossa querida Pátria e como manifestação de puro nacionalismo.

S. J.

---

EUGÉNIO LAPA CARNEIRO — Uma carta de amor (século XVIII), Sep. de «O distrito de Braga», Braga, 1965, 22 págs. e 5 figs.

Trata-se duma curiosíssima carta de amor datada de 1795, que, segundo o A., deve ter sido obra dum «secretário escrevente».

Apareceu há uns 12 ou 13 anos debaixo da pedra de ara da capela do Real na freguesia de Grimancelos, concelho de Barcelos.

Carta cheia do maior interesse etnográfico, em pouco tempo, e sucessivamente, passou pelas mãos de três possuidores.

A sua última possuidora de guardada a tem perdida.

As buscas feitas a pedido do A. não conseguiram descobrir-lhe o paradeiro.

Por isso o A. não viu a carta.

Estudou-a, e bem, em três fotografias que, pouco depois da carta ter sido descoberta, dela tirou «o distinto fotógrafo e devotado coleccionador de curiosidades barcelenses sr. António Silva Gajo».

António Silva Gajo, descendente duma ilustre família barcelense, que tem sido um benemérito do Museu e Biblioteca do Município de Barcelos, com as três fotografias referidas, se é que a carta levou caminho, salvou de perda completa esta curiosíssima carta de amor que, no seu género, deve ser um dos mais antigos documentos conhecidos.

A carta de grande formato, aproximadamente o de uma folha de papel almaço de 35 linhas, tinha três páginas com cercaduras de ramos floridos, vários desenhos pintados a vermelho e a azul e, segundo parece, também a verde e a amarelo.

A primeira página, encimada pela frase «Aqui tens meu coração», profusamente desenhada, tem uma faixa cimeira com um coração atravessado por uma flecha e aos lados dois vasos com flores. A faixa mediana apresenta um navio de velas enfunadas com barquito a reboque; por baixo, e a toda a largura da folha, o nome do navio: «NOSA, SNR<sup>A</sup>, DAGLORIA, ZAMPARINA».

Nos 2 cantos cimeiros desta faixa média à esquerda uma flor e à direita uma bússola. No canto inferior direito o desenho dum «estranho animal, que lembra um dugongo». Este animal segundo justa interpretação do A. seria a representação simbólica de uma sereia.

A faixa inferior apresenta a meio uma jarra com flores; à direita da jarra um olho algo estilizado com as pestanas finamente desenhadas, e de cada lado «um ramo de um só pé com flores de diferentes espécies».

A segunda página está dividida em cinco faixas horizontais.

A primeira, no alto da página, é a mais estreita e tem a data: «Hoje — 19 de Março — Dia do meu Amado e querido Santo Jozé de 1695 a.».

A terceira faixa tem desenhados três pares de namorados, representando o moço a oferecer à bem amada um ramo de flores, um coração e um olho.

A quarta e a quinta faixas têm escritas frases de devaneio e sentido amoroso, frases que se iniciam por letras delicadamente floreadas.

A terceira página é a carta pròpriamente dita. Tem como cabeçalho «Desvello do meu Centido», com referência «àquelas chamas mais vivas e mais ardentes lá dentro do coração», e outras passagens como «o meu coração sempre foi muito leal», e, quase no final, «Sempre pode ficar na certeza que em meu coração sempre existe um excessivo Amor que só a morte será o precipitado fim do meu objecto».

Trata-se de facto de uma carta de amor que é uma verdadeira preciosidade. Oxalá ela apareça e a sua dona, acedendo à sugestão do A., a ofereça a um museu etnográfico.

O Dr. Lapa Carneiro estuda cuidadosamente esta carta notável e nas últimas páginas do seu belo trabalho faz, acerca dela e dos seus motivos, judiciosos e eruditos comentários, nomeadamente sobre a frase «Aqui tens meu coração», que encima a primeira página da carta e se repete na glosa escrita no coração desenhado a meio da faixa superior da mesma página, e ainda de uma das quadras da 2.<sup>a</sup> página, quadra cujos dois primeiros versos são: «Aqui tem este raminho. Que da minha mão se lhe oferece».

Cita a propósito desta quadra da oferta do raminho, três variantes de surpreendente semelhança.

Ocorrem-me outras três quadras do mesmo género que colhi em Trás-os-Montes. Ali, pelo menos no leste, no Entre Sabor e Douro, é costume, quando o patrão ou patroa vão a primeira vez ao olival ver como correm os serviços da vareja e da apanha da azeitona, uma das azeitoneiras aproximar-se, limpar com um

lenço as biqueiras dos sapatos dos patrões, e, em seguida, ofertar um ramo de oliveira com azeitonas, acompanhando a oferta com qualquer das seguintes quadras.

*Aqui tem este raminho  
Colhido ao meio dia.  
Logo foi destinado  
Para vossa senhoria*

*Aqui tem este raminho  
Colhido às três da tarde.  
Logo foi destinado  
Para vossa magestade.*

*Aqui tem este raminho  
Que na ponta leva um beijo  
Fica o senhor multado  
Em dois trigos e num queijo.*

Este costume é «a multa aos patrões». Na última das três quadras a multa vem logo especificada. Mas habitualmente, e acompanhada de alegria galhofeira, a multa é posta subsequente-mente ao sorriso acolhedor dos patrões, com o qual dão o assentimento à multa. Por via de regra consiste em cigarros para os homens e rebuçados para as mulheres.

Quadras em que o primeiro verso é o mesmo das quadras anteriores é também costume ouvirem-se nas loas que as raparigas dizem na *talanqueira* aos noivos e aos padrinhos. Eis duas dessas quadras.

*Aqui tem este raminho  
Pegue nele de repente.  
Que me cai a cara abaixo  
No meio de tanta gente.*

*Aqui tem este raminho  
Colhido com alegria  
Logo foi destinado  
Para vossa senhoria.*

Está certo, suponho, o conceito do A. quando, a pág. 21 do seu trabalho, diz que as quadras da série «Aqui tens meu coração...» devem ter sido criadas para fins epistolares. Outro tanto talvez se não possa dizer daquelas que aludem à oferta do raminho.

Aguardemos os estudos que o Dr. Lapa Carneiro promete sobre o olho como símbolo amoroso e sobre a pedra de ara com suas interferências de ordem mágica.

S. J.

**Comunicações apresentadas e discutidas  
em sessões científicas da Sociedade**

**Em 1963:**

*Bailados repasseados de terras de Miranda*, pelo Prof. Santos Júnior e P.<sup>o</sup> António Mourinho; *Subsídios para o estudo craniométrico*, pelo Dr. Levi Eugénio Guerra; *A lenda do Senhor do Galo de Barcelos*, pelo Dr. Fernando de Castro Pires de Lima; *A feira de Ponte*, pelo Conde D'Aurora; *Malhadas de centeio no Entre Douro e Minho*, pelo Conde D'Aurora. *O culto dos mortos ou devoção das almas do purgatório no nordeste de Trás-os-Montes e Alto Douro*, pelo P.<sup>o</sup> Joaquim Manuel Rebelo; *O centro oleiro alentejano da Flor da Rosa (Crato)*, pelo Dr. Agostinho Isidoro.

**Em 1964:**

*O vinho verde na Etnografia*, pelo Dr. Fernando de Castro Pires de Lima; *Gravuras rupestres no vale da Vilarça*, pelo Prof. Santos Júnior; *Bordados de Castelo Branco*, pela finalista de Biológicas D. Maria Arménia Gradim; *Festas do Divino Espírito Santo na Ilha Terceira (Açores)*, pela aluna finalista de Biológicas D. Maria Manuela Bettencourt Silva; *Religião, feitiçaria e magia dos Cabindas (Angola)*, pelo P.<sup>o</sup> José Martins Vaz; *De uma maior verdade conferida pela Biotipologia à representação artística das figuras históricas*, pelo Dr. Álvaro Caires; *Aspectos arcaicos da pesca no Rio Minho*, pelo Dr. Joaquim Lourenzo Fernandez; *Horas, dias e trabalho dum campónio galego pelo ano de 1850*, pelo Prof. D. Ramon Otero Pedrayo; *Novas sugestões para a revisão da cultura megalítica das Beiras*, pelo Dr. João de Castro Nunes; *Etnografia da malha dos cereais — canções das malhas na Cardenha (Moncorvo), no Pópulo (Alijó) e em Celorico de Bastos*, pelo Prof. Santos Júnior; *Paremiologia teológica*, pelo P.<sup>o</sup> Joaquim Manuel Rebelo e *Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Pisões)*, pelo Prof. Santos Júnior e Dr. Osvaldo Freire.

## COBRANÇA DE QUOTAS

Pelo novo regime de cobrança de títulos pelos C.T.T., por cada 20\$00, importância da quota anual, os serviços do correio cobram 4\$90.

Este agravamento de cobrança vem diminuir praticamente em 25% a quota anual, já de si bem exígua.

Um aumento de 5\$00 à contribuição anual de cada sócio compensaria esta redução de 25%.

Na reunião da Direcção da Sociedade, em 9 de Fevereiro de 1965, resolveu-se, para evitar o aumento de quota, publicar neste fascículo dos TRABALHOS esta nota, solicitando aos sócios o envio da sua quota em carta, ou do modo que julgarem mais conveniente, para

**Secretaria da Sociedade Portuguesa  
de Antropologia e Etnologia**

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — PORTO

Se até 15 de Outubro do ano corrente os sócios não tiverem pago a sua quota, far-se-á a cobrança pelo correio mas na importância de 25\$00

**A Direcção**

## ÍNDICE DO VOL. XIX

J. PINTO MACHADO CORREIA DA SILVA — A fosseta cerebelosa mediana. . . . .	5
HENRIQUE LEONOR PINA — A anta da Azinheira. . . . .	25
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Malha do centeio em Lavradas . . .	47
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica) . . . . .	111
AGOSTINHO ISIDORO — O centro oleiro da Flor da Rosa . . . .	145
AGOSTINHO ISIDORO — Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra) . . . . .	221
M. J. AITKEN — A aplicação de métodos da Física à Arqueologia .	285
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — O arremesso dos dentes de leite . .	300

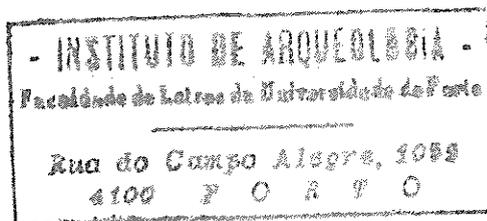
### Vária:

A Lapa do Bugio (AGOSTINHO ISIDORO) . . . . .	69
Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (AGOSTINHO ISIDORO) . . . . .	71
Necrópole galaico-romana de La Lanzada (SANTOS JÚNIOR) . . .	75
O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso) (SANTOS JÚNIOR) . . .	79
O porco na Etnografia Ibérica (ROGÉRIO AZEVEDO). . . . .	80
Etnografia açoriana (CONDE D'AURORA) . . . . .	87
Vindimas no Minho e escadas de vindima (MÁRIO CARDOZO). . .	89
Canto do manjaricão (SANTOS JÚNIOR). . . . .	94
Grade de dentes de pau (SANTOS JÚNIOR). . . . .	96
Direcção da Sociedade de Antropologia . . . . .	97
Machados planos de bronze de Montalegre (CARLOS TEIXEIRA e MARIA DA SOLEDADE DE CASTRO FERNANDES) . . . . .	169
Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (II) (AGOSTINHO ISIDORO) . . . . .	174
Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso) (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR e AGOSTINHO ISIDORO) . . . . .	178
Escavações no Castro de Carvalhelhos (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR). .	187
Um botilho trasmontano (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) . . . . .	193

Lutuosa; do Prof. Hernâni Monteiro, por ABEL SAMPAIO TAVARES; Vicente Risco, por FERNANDO CASTRO PIRES DE LIMA; de Abel Viana e do Dr. Casimiro Machado, por SANTOS JÚNIOR; do Prof. Manuel de Mello Adrião, por ABEL SAMPAIO TAVARES; de Alberto Vieira Braga, por LUÍS DE PINA: 197, 204, 206, 208, 379 e	383
Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (III) (AGOSTINHO ISIDORO) . . . . .	353
Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1964 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) . . . . .	360
O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso) — Campanha de esca- vações de 1964 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR e OSVALDO FREIRE) .	366
Nota sobre «O Pingaço» y «La Firmeza» (BRUNO C. JACOVELLA) .	372
O Grilo e a Raposa — Conto trasmontano (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	374
Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso) (PROF. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR). . . . .	376
Comunicações apresentadas e discutidas em sessões científicas da Sociedade . . . . .	397
Cobrança de quotas . . . . .	398

**Revista Bibliográfica — Índice alfabético dos autores:**

A. BLANCO FREINEIRO, M. FUSTÉ ARA & A. GARCIA ALÉN (102);  
C. CALLEJO & A. BLANCO (101); ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO  
& JORGE ALARCÃO (390); ALBERTO VIEIRA BRAGA (212); ALEXANDRE  
SARMENTO & F. FIGUEIRA HENRIQUES (99); ALEXANDER MARSHACK (387);  
ANTÓNIO BLANCO FREINEIRO (104); ALMEIDA GARRETT (215); AUTO DE  
FLORIPES (217); BOSCH-GIMPERA (105); BRACARA AUGUSTA e o distrito  
de Braga, (217); CARLOS LOPES CARDOSO (388); CELESTINO MAIA (106);  
DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO (211); EUGÉNIO LAPA CARNEIRO (216,  
217, 394); FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA (108); FRITZ KRÜ-  
GER (214); História arte e paisagens do Distrito de Braga, Concelho  
de Vila Verde (218); J. NORBERTO R. DOS SANTOS (210); JACINTO  
MONTEIRO (109); JAIME LOPES DIAS (212 e 393); JOSÉ ROSA DE  
ARAÚJO (216); LUÍS DA CÂMARA CASCUO (391); LUÍS DIEGO  
CUSCOY (386); MANUEL FARINHA DOS SANTOS (389); O. DA VEIGA  
FERREIRA (101) e REBELO BONITO (213).





# Trabalhos de Antropologia e Etnologia

(Antigos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

VOL. XIX — FASC. 3-4

## SUMÁRIO:

**AGOSTINHO ISIDORO:**

**Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra) — (págs. 221 a 284).**

**M. J. AITKEN:**

**A aplicação de métodos da Física à Arqueologia — (págs. 285 a 297).**

**J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:**

**O arremesso dos dentes de leite — (págs. 299 a 351).**

**Vária:** — Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (III) (AGOSTINHO ISIDORO) (págs. 353 a 359); Escavações no Castro de Carvalheiros — Campanha de 1964 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 360 a 365); O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso) — Campanha de escavações de 1964 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR e OSVALDO FREIRE) (págs. 366 a 371); Nota sobre «O Pin-gacho» y «La Firmeza» (BRUNO C. JACOVELLA) (págs. 372 a 373); O Grilo e a Raposa — Conto trasmontano (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 374 a 376); Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso) (PROF. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 376 a 379); Comunicações apresentadas e discutidas em sessões científicas da Sociedade (pág. 397); Cobrança de quotas (pág. 398).

**Lutuosa:** — MANUEL DE MELLO ADRIÃO (pág. 379); ALBERTO VIEIRA BRAGA (pág. 383).

**Revista bibliográfica:** — ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO & JORGE ALARCÃO (390); ALEXANDER MARSHACK (387); CARLOS LOPES CARDOSO (388); EUGÉNIO LAPA CARNEIRO (394); JAIME LOPES DIAS (393); LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (391); LUÍS DIEGO CUSCOY (386); MANUEL FARINHA DOS SANTOS (389).